

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ANA CÉLIA SOUZA DE SÁ LEITÃO

O ESPAÇO E O TEMPO NA WEB:
CAMINHOS E ADEQUAÇÕES DO JORNALISMO PARA A PRODUÇÃO FACTUAL DE
QUALIDADE

Recife

2014.1

ANA CÉLIA SOUZA DE SÁ LEITÃO

O ESPAÇO E O TEMPO NA WEB:
CAMINHOS E ADEQUAÇÕES DO JORNALISMO PARA A PRODUÇÃO FACTUAL DE
QUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Mídia, Linguagens e Processos Sociopolíticos.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha.

Recife

2014.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora do Trabalho: Ana Célia Souza de Sá Leitão

Título: “O Espaço e o Tempo na Web: caminhos e adequações do jornalismo para a produção factual de qualidade”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Dr. Heitor Costa Lima da Rocha.

Banca Examinadora:

Heitor Costa Lima da Rocha

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior

Fabiana Moraes da Silva

Recife, 26 de fevereiro de 2014.

Aos meus pais e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Célia e Nelson, por sempre investirem na minha formação educacional e pelo apoio irrestrito. Ao meu irmão, Nelson Júnior, pelas dicas tecnológicas.

Ao meu orientador, professor Heitor Rocha, pelas preciosas contribuições acadêmicas ao longo do curso de mestrado.

Aos demais docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFPE, pela troca de conhecimentos em sala de aula. À equipe da secretaria do PPGCOM/UFPE, composta por José Carlos Gomes, Cláudia Badaró e Eluciane Melo, pela presteza e simpatia.

Aos amigos verdadeiros, pela torcida. Aos companheiros do mestrado, pelas animadas conversas e pela boa convivência.

À futura jornalista Luiza Freitas, pela ajuda com a obtenção de dados. À jornalista Benira Maia, pelo tempo dedicado à entrevista.

E a todos que, de alguma maneira, contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo central investigar a interferência da relação espaço-temporal da web no fazer jornalístico, com reflexos no aprofundamento e na qualidade da notícia factual. As simbologias do espaço ilimitado e do tempo real, somadas à potencialização de linguagens e plataformas em processo de convergência midiática, formatam o cenário no qual se observam mudanças nas práticas produtivas do jornalismo, a exemplo da multimidialidade, da instantaneidade, da atualização em fluxo contínuo, do profissional multitarefa e da interatividade com o público. A partir do estudo teórico e da análise qualitativa de produtos sobre a temática “chuva”, publicados na seção “Últimas Notícias” do portal NE10, percebe-se um cenário ainda em evolução, com a procura por novas formas de contextualização, a amplificação da narrativa episódica e o uso recorrente de fontes de informação oficiais, apesar da contribuição do público no fornecimento de dados. No eixo multimidiático, a convergência ainda caminha rumo à completa integração de plataformas e o hyperlink mostra-se como fio condutor na organização informativa digital, amparada por bancos de dados.

Palavras-chave: Espaço e Tempo Jornalísticos; Webjornalismo; Produção da Notícia; Noticiabilidade; Convergência.

ABSTRACT

This research has the main purpose to investigate the interference of space and time relation on web over journalistic activity, reflecting the deepening and quality of factual news. Symbologies of unlimited space and real time, as well as the enhancement of languages and media platforms in convergence process, format the scenario in which are observed changes in production practices of journalism, such as multimedia, instantaneity, continuous update, multitasking professionals and interactivity with the audience. The theoretical study and qualitative analysis of products about the theme "rain", published in the "Latest News" section of the web portal NE10, show a scenario still evolving, in search of new forms of contextualization, the amplification of episodic narrative and the recurrent use of official sources, despite the contribution of the general public (non journalistic professionals) in providing information. In the multimedia axis, convergence still walks to a complete integration of platforms and hyperlink shows up as an essential element in digital information organization, supported by databases.

Keywords: Journalistic Space and Time; Webjournalism; News Production; Newsworthiness; Convergence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto enviada pelo Twitter e publicada na matéria “Manhã de chuva, acidente e engarrafamentos”.....	135
Figura 2 – Foto e postagem do Twitter publicadas na matéria “Chuvas devem se intensificar na Paraíba pelas próximas 24 horas, diz Aesa”.....	135
Figura 3 – Foto e postagens do Twitter publicadas na matéria “Chuvas devem se intensificar na Paraíba pelas próximas 24 horas, diz Aesa”.....	136
Figura 4 – Postagens do Twitter da Polícia Rodoviária Federal – PB e da Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob) – PB.....	137
Figura 5 – Foto da matéria “Recife recebe maior chuva de 2012 nessa quinta-feira”, publicada no dia 14 de junho de 2012, às 15h15.....	138
Figura 6 – Foto da matéria “Chuvas: Recife decreta estado de alerta”.....	140
Figura 7 – Link para vídeo na matéria “Ruas e avenidas do Grande Recife ficam alagadas com a chuva”.....	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O ESPAÇO E O TEMPO SOB A ÓTICA SOCIAL	18
1.1 Conceituação do espaço-tempo formatada na sociedade ocidental capitalista	18
1.2 O espaço e o tempo jornalísticos	22
1.3 Perspectivas da relação espaço-temporal na sociedade fluida	28
1.3.1 A virtualidade líquida e a questão espaço-tempo	32
1.3.2 A hipermídia como ferramenta de configuração espaço-temporal	37
2 A NOTÍCIA E O CONTEXTO SOCIAL	41
2.1 O jornalismo como atividade social	41
2.1.1 A atividade jornalística e a construção social da realidade	42
2.1.2 Notícia: um produto de construção social	46
2.2 A produção a partir dos valores-notícia	50
2.2.1 A ideologia associada à produção da notícia	58
2.2.2 A noticiabilidade na web	62
2.3 Práticas produtivas da notícia: a qualidade em foco	65
3 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA WEB	70
3.1 Web: um novo território do jornalismo	70
3.2 O desenvolvimento do webjornalismo da geração 1.0 à geração 3.0	74
3.3 Linguagens e características do webjornalismo	77
3.4 Produção e circulação de conteúdo jornalístico na internet	81
4 A REPRESENTAÇÃO DO FACTUAL NA WEB	88
4.1 O factual como produto do jornalismo diário	88
4.2 <i>Corpus</i> de pesquisa	88
4.3 Metodologia de pesquisa	90
4.4 A prática jornalística na seção “Últimas Notícias”	92
4.5 Categorias textuais	94
4.5.1 Contextualização	94
4.5.2 Fragmentação narrativa	95
4.5.3 Uso de fontes de informação	98
4.6 Categorias multimidiáticas	101
4.6.1 Complementação informativa por meio da convergência midiática	101
4.6.2 Hipertexto como ferramenta de aprofundamento	103
4.6.3 Banco de dados como suporte ao detalhamento informativo	106
5 A TEMÁTICA DA CHUVA NO PORTAL NE10: ANÁLISE DE DADOS.....	109
5.1 A contextualização em foco	109
5.2 A narrativa fragmentada do jornalismo	114
5.3 Fontes de informação e vozes do jornalismo	132
5.4 A multimedialidade como fator de qualificação da notícia	137
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
REFERÊNCIAS.....	156
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A JORNALISTA BENIRA MAIA, EDITORA DO PORTAL NE10.....	163

INTRODUÇÃO

Manejar espacialidades e temporalidades com vistas à aproximação de um presente social é característica pertinente à atividade jornalística, da produção à circulação da notícia. Desde o surgimento dos primeiros periódicos impressos, é possível identificar uma reformulação da experiência humana na fruição social do espaço e do tempo. A notícia vivenciada, primeiramente, por meio da linguagem escrita e impressa em papel encurta distâncias e conecta o leitor ao tempo midiático, ou seja, ao tempo de apresentação dos acontecimentos tornados públicos pela imprensa.

A tendência permanece com o advento de novas e diferentes plataformas midiáticas massivas criadas ao longo da história da humanidade. O rádio e a televisão contribuem para uma reformulação do espaço e tempo sociais, particularmente, com a introdução da transmissão direta, ao vivo. Som e imagem aproximam lugares anteriormente inalcançados pelos ouvidos e pelos olhos, além de gerirem cronologias graças aos dias e horários de exibição dos programas radiofônicos e televisivos, tornados referenciais do tempo presente.

O sistema capitalista também assume papel relevante na organização social. O espaço urbano emerge como nova referência habitacional, subjugando o ambiente campestre, foco da organização social até a Idade Média. A produção industrial condiciona novos hábitos temporais vinculados às rígidas rotinas de trabalho nas fábricas e às relações de mercado baseadas na circulação do capital. O tempo passa a ser sinônimo de produção e lucro, motivando uma verdadeira submissão à velocidade.

Personagens desta história, as inovações tecnológicas dos séculos XVI a XIX também contribuíram para a reorganização espaço-temporal da sociedade, com reflexos no jornalismo. A rede de transportes, o relógio de pulso, as rotativas, o telégrafo, o telefone e a radiodifusão são exemplos de inovações que afetaram os modos e a velocidade de transmissão de conteúdos midiáticos; a produção noticiosa como procedimento organizacional complexo; e a produção de notícias como conjuntos de princípios, técnicas, formatos e habilidades cotidianas que transcendem características inerentes à atividade profissional e adentram o contexto social vigente (FRANCISCATO, 2005).

O aparecimento das tecnologias eletrônicas e digitais, a partir do século XX, modelou novamente o espaço e tempo sociais, particularmente, com a internet. Na web, a materialidade do papel e os horários de fechamento das edições jornalísticas são substituídos pelo ciberespaço simbolicamente ilimitado e pela atualização em fluxo contínuo do tempo real.

A fluidez da Modernidade proposta por Bauman (2001) indica o desprendimento espacial e temporal da sociedade. Ao analisar este contexto, é possível aproximar a internet à volatilidade moderna, que prioriza o tempo e desliga-se da demarcação espacial do sólido. No ambiente web, distância e tempo tornam-se produtos sociais diretamente influenciados pelo uso de tecnologias. Os fatores técnicos de mobilidade possibilitam à informação viajar de maneira instantânea, independentemente de movimentos físicos (BAUMAN, 1999).

O usufruto social também é modificado na rede. Configuram-se novos recortes narrativos por meio do virtual, que tem entre suas características a não presença física, e da leitura hipertextual, baseada na perspectiva da associação. “A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo” (LÉVY, 1996, p. 21). O fluxo espaço-tempo também é pensado por Castells (1999a) do ponto de vista social. As novas tecnologias suplantam a experiência histórica do espaço e do tempo. A dimensão espacial da vida humana passa a operar em conjunto com a lógica virtual on-line executada na prestação de serviços e nas relações sociais. Já o tempo transforma-se através da simultaneidade e da intemporalidade.

Neste cenário, contudo, mantêm-se facetas da vida cotidiana associadas ao conceito de cidade. Apesar da crescente oferta de serviços on-line e do sistema de trabalho em domicílio (*Home Office*), percebe-se o desenvolvimento do comércio, de hospitais e de instituições de ensino presenciais, além do aumento da circulação de veículos. A sociedade em rede constitui novos tipos de espaços articulados em tempo simultâneo, caracterizados pelos fluxos de informação, de capital, de interação organizacional, entre outros aspectos da vida econômica, política e simbólica (CASTELLS, 1999a). Permanecem, entretanto, elementos presenciais que ajudam a desenvolver a estrutura tecnológica e motivar o mercado consumidor, essencial à circulação do capital.

Em tempos de cultura mediada pelas novas tecnologias eletrônicas de comunicação, os códigos historicamente produzidos são reconfigurados. Castells (1999a) caracteriza este sistema eletrônico pelo alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial. A internet, grande rede que congrega as demais, materializa este novo paradigma comunicacional baseado na sociedade informacional e na geração do conhecimento. Nela, o jornalismo monta sua estrutura e configura um novo meio de produção da notícia fundamentado na instantaneidade, na leitura por associação e no encurtamento de distâncias. Forma-se o alicerce para o chamado jornalismo digital ou webjornalismo, terminologias mais comuns para designar o jornalismo criado e desenvolvido na web.

Conforme discorre Scolari (2008), o ciberespaço é um local de novas significações, em que a distância equivale ao “clique” e no qual se desenvolvem novas formas de comunicação. A web abre as portas para a veiculação de notícias 24 horas por dia, em tempo real. Neste cenário, amplamente elástico, é preciso prender a atenção do internauta, exposto a ações diversas e capaz de mudar rapidamente a atividade, de acordo com necessidades pessoais (PRADO, 2011).

Entram em oposição práticas do jornalismo impresso e digital: na era do jornal, apesar dos padrões fixos dos projetos gráficos, havia uma hierarquia espacial predeterminada em modelos diversos, que ajudava o jornalista a distribuir as informações nas páginas e o leitor a organizar sua leitura. Já na internet, o espaço da página não é mais definido em conjunto com o jornalista cotidianamente. A exigência de velocidade na publicação noticiosa impõe o uso de telas padronizadas e formas fixas de diagramação de manchetes, seções e canais (MARTINEZ, 2012).

A web propõe novas relações produtivas em comparação à era industrial, na qual o tempo é ditado pela máquina rotativa e o fazer jornalístico é dividido entre diversas funções – repórter, fotógrafo, editor, diagramador. Nas redações digitais, as funções são condensadas em uma só pessoa e o tempo da máquina é suplantado pelo tempo equivalente ao acontecimento dos fatos e à produção do texto, publicado no momento em que o jornalista decide. A produção de notícias nas redações digitais também parece ter sido remodelada. A rotina ditada pela produção industrial, cujas etapas ordenadas vão do trabalho do repórter à distribuição do produto midiático, deu lugar ao ritmo frenético do ciberespaço, numa busca contínua por instantaneidade (MARTINEZ, 2012).

Embora a amplitude, a fluidez e a velocidade do ciberespaço pareçam, à primeira vista, o eldorado do jornalismo, é preciso acender o sinal de alerta. Torna-se essencial evitar as armadilhas da mera atualização factual que objetiva apenas aumentar a quantidade de notícias publicadas, o que pode resultar na informação pouco relevante, na apuração imprecisa e na sobrecarga informativa inútil, contrariando um princípio básico do jornalismo: informar com qualidade.

Assim como em plataformas tradicionais, a produção jornalística na web deve ultrapassar espaços e temporalidades e guiar-se por princípios capazes de modelar a notícia qualitativamente, a exemplo da apuração precisa, contextualização, aprofundamento e interpretação dos fatos. Um modelo comprometido com esses procedimentos já é observável na web, especialmente atrelado ao gênero da reportagem e aos especiais multimídia

publicados em *hot sites*. O desafio põe-se, no entanto, à notícia factual que segue uma tradição direcionada à simplificação e à instantaneidade, problemática presente também nos meios de comunicação *broadcasting*.

A preocupação com o modelo jornalístico em tempo real é demonstrada por Franciscato (2005). Para o pesquisador, este modelo deve ultrapassar a questão da instantaneidade e tentar ampliar a capacidade de informar e de contextualizar os fatos através de recursos tecnológicos de transmissão, edição e acesso. Da mesma forma, deve expandir a habilidade de operar temporalidades múltiplas, capazes de construir diferentes relações temporais de acordo com gêneros e suportes midiáticos.

Ao promover uma leitura social da realidade, o jornalismo reformula espaços e articula ritmos temporais simbolicamente constituídos em torno da notícia. A atividade profissional aproxima-se de conceitos de atualidade, novidade, objetividade, periodicidade e formação de sentido, tornando-se referência de hábitos e atitudes da vida cotidiana presente, ao mesmo tempo em que é influenciada por eles. A partir de uma visão construtivista, o jornalismo passa a interferir na constituição da realidade social ao promover uma contínua interpretação do real. Formulam-se sentidos interligados às visões subjetivas do jornalista e do público, resultando em uma aceitação intersubjetiva da notícia (ALSINA, 2009).

Neste ponto, evidencia-se a questão-problema desta pesquisa:

De que maneira o jornalismo deve lidar com a oferta espacial simbolicamente ilimitada da internet e com a urgência do tempo real, evidenciando a qualidade e o aprofundamento da notícia factual?

A problemática parte da hipótese principal de que, apesar dos atrativos espaço-temporais existentes no ciberespaço, o webjornalismo ainda não potencializou ou integrou por completo os recursos multimidiáticos presentes à rede e que são potenciais fatores de enriquecimento da notícia, estacionando na produção factual cotidiana simplificada. A explicação estaria na ditadura da atualização em fluxo contínuo do tempo real; na transição produtiva ainda em curso; e na organização das redações on-line, que disseminam padrões multitarefas para os profissionais, resultando em um acúmulo de funções desproporcional ao tempo e à imersão necessários ao aprofundamento produtivo.

Como explica Aguiar (2009), a tecnologia do banco de dados digital rompe os limites espaciais, e a atualização instantânea na web supera limites do tempo. Esta quebra, no entanto, não garante um produto de melhor qualidade, pois o privilégio concedido à

instantaneidade e à quantidade de notícias normalmente opõe-se ao aprofundamento do noticiário.

Desta maneira, a pesquisa tem por objetivo geral investigar a relação espaço-temporal do mundo virtual com o fazer jornalístico na web, por meio do estudo e da compreensão de práticas profissionais vinculadas à qualidade da notícia. Em linhas gerais, o conceito de qualidade do produto jornalístico buscado neste trabalho adequa-se a quatro critérios elencados por Canavilhas (2003), do ponto de vista do emissor: valor – presença de informações raras e/ou exclusivas; conformidade – harmonia com regras fundamentais do jornalismo, tais como uso de fontes plurais, profundidade, informação complementar e técnicas de redação; regularidade – conservação de características regulares ao longo do tempo; adequação ao uso – exploração das potencialidades técnicas do meio de comunicação, a fim de oferecer ao público acesso universal e intuitivo.

O posicionamento de Cerqueira (2010) também coaduna o ideal de qualidade tratado nesta pesquisa. Em estudo realizado pelo autor, a qualidade jornalística mostrou-se ligada à apuração precisa, à abordagem diferenciada dos fatos, à correção gramatical, à precisão das informações, à independência, ao comportamento ético, à responsabilidade social, à pluralidade e ao atendimento às demandas do público. A soma desses fatores fornece as bases para a credibilidade profissional. Além disso, na sociedade democrática, o jornalismo de qualidade também deve comprometer-se com a promoção dos direitos humanos e aderir a valores como tolerância, inclusão social e acompanhamento crítico das ações governamentais.

A fim de alcançar possíveis respostas para o problema, a análise avalia características da estrutura discursiva do material noticioso da amostra e o uso dos recursos tecnológicos da internet no processo de aprofundamento da notícia. O objeto da pesquisa são as notícias factuais veiculadas por portais jornalísticos, a fim de visualizar e compreender os artifícios e procedimentos capazes de conduzir ao aprofundamento e à qualidade do material produzido cotidianamente. Para isso, são considerados aspectos vinculados à reconfiguração espaço-temporal promovida pela internet, já que este reordenamento interfere diretamente nas rotinas produtivas das redações.

Os estudos teóricos e a análise empírica dos dados estão organizados em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma abordagem social acerca do espaço e do tempo que remete à história moderna, com base nas relações sociais, culturais e econômicas, além da influência das inovações tecnológicas neste processo. Em meio a isto, são observadas as

transformações da atividade jornalística suscitadas pela interseção com o mercado, o capital e seus valores.

O segundo capítulo constitui-se por uma discussão sobre notícia e sociedade, isto é, um parâmetro predominantemente social do jornalismo. Dentre os pontos discutidos estão: a consolidação do jornalismo como atividade social, os processos de construção da notícia, a fundamentação por meio de critérios de noticiabilidade e as práticas produtivas que remetem à qualidade noticiosa.

A partir desta contextualização, parte-se para o terceiro capítulo, focado no estudo da internet e do webjornalismo. O estudo remete ao uso do ambiente WWW como novo fluxo midiático, cujas características potencializam formas de produção multimidiáticas, edições cooperativas e difusão circular. Características, especificidades, contextos de atuação e modos de fazer na web também são considerados nesse capítulo.

O quarto capítulo apresenta o *corpus* de pesquisa, a metodologia e as categorias de análise. O *corpus* é composto por matérias jornalísticas publicadas na seção “Últimas Notícias” do portal NE10 (www.ne10.com.br), vinculado ao Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC), do Grupo João Carlos Paes Mendonça (JCPM). A escolha do objeto justifica-se pelo fato de o portal, antigo JC Online – que passou 14 anos no ar –, ser considerado o maior do Norte/Nordeste, com média de 40 milhões de *pageviews* mensais e cinco milhões de visitantes únicos por mês (MAIA, 2013), além de pertencer a um dos principais grupos de comunicação do Estado de Pernambuco. A equipe do portal é composta por aproximadamente 30 pessoas, entre jornalistas profissionais, estagiários, blogueiros próprios e webdesigners. Os correspondentes estão distribuídos em quatro estados: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia (MAIA, 2013).

O NE10 estreou no dia 20 de março de 2011. Nasceu da reformulação do JC Online que, apesar de possuir estrutura de portal desde 2002, ainda era considerado uma reprodução do Jornal do Commercio, veículo impresso do SJCC, por parte do mercado e do público. Este rótulo foi um dos fatores que motivou o reposicionamento da marca e mudanças de *layout*. Paralelamente, o novo portal acompanha as tendências do mercado de comunicação digital, com um maior direcionamento aos produtos multimídia e ao uso de plataformas móveis (NE10..., 2011). O novo formato traz, portanto, um caminho aberto à pesquisa científica no campo do jornalismo.

Os estudos relacionados a questões espaço-temporais apresentados nesta dissertação conduziram a pesquisa à investigação do jornalismo factual, que mantém forte vínculo com

características como atualidade, presentificação e tempo real, além de acompanhar a lógica de publicação contínua em seções do tipo “Últimas”. A delimitação intencional da amostra é a temática “chuva”, em sintonia com o período da coleta: junho de 2012. O mês é caracterizado por fortes precipitações no Hemisfério Sul, incluindo o Brasil.

O tema também integra o imaginário popular do pernambucano, assombrado pelos períodos de seca no Sertão e, paradoxalmente, pelas cheias nos centros urbanos. Um episódio emblemático envolvendo as chuvas foi o boato sobre o suposto estouro da Barragem de Tapacurá, na década de 1970. O rompimento da barragem, localizada no município de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife, causaria a inundação de cidades próximas, levando pânico à população da capital e da vizinhança. O rumor entrou para a história e o folclore de Pernambuco.

O quinto capítulo da dissertação apresenta a análise de dados. Seguindo as metodologias da análise de discurso e análise de conteúdo, são avaliados elementos relacionados à consistência e ao aprofundamento dos produtos on-line, numa proposta de categorização que remete a práticas jornalísticas comprometidas com a informação de qualidade. Com base no aporte teórico e nas peculiaridades dos 90 produtos que constituem o *corpus*, propõem-se seis categorias, didaticamente divididas em dois eixos: textual e multimidiático. O primeiro traz três categorias: contextualização; fragmentação narrativa; e uso de fontes de informação. O segundo apresenta outras três categorizações: complementação informativa por meio da convergência midiática; hipertexto como ferramenta de aprofundamento; e banco de dados como suporte ao detalhamento informativo.

A análise textual indica uso do *lead* (ou lide) e da pirâmide invertida, com forte apego ao tempo presente, focado nos fatos em si e em suas consequências, sem real debate crítico. Prevalece a fragmentação do discurso narrativo, com histórias contadas em episódios circulares ou evolutivos. Há preferência por fontes oficiais.

No viés multimídia, a convergência ainda é tímida, percebida pelo uso de fotografias e, em alguns casos, vídeos produzidos pela equipe do portal ou por veículos de comunicação parceiros. O hiperlink costura as camadas informativas, em grande parte apresentadas em forma de “Leia Mais”, que conduzem o internauta a produtos publicados pelo próprio portal. Nesta situação, aciona-se o banco de dados do portal como apoio ao jornalismo de memória. Ainda no estudo sobre multimidialidade, um ponto de destaque é a interação entre jornalistas e público por meio da rede social Twitter.

Os resultados apontam para a validação das hipóteses da pesquisa, em especial quanto à simplificação da notícia factual diante da logística do tempo real, do padrão multitarefa do jornalista e do próprio formato noticioso, ainda preso a padrões dos meios de comunicação de massa que privilegiam o presente dos fatos. As observações, entretanto, não retiram o mérito das iniciativas interativas e convergentes registradas ao longo da análise, numa demonstração de que é possível desenvolver a qualidade e o aprofundamento em tempos de web, com uso racional do ilimitado ciberespaço.

1 O ESPAÇO E O TEMPO SOB A ÓTICA SOCIAL

1.1 Conceituação do espaço-tempo formatada na sociedade ocidental capitalista

As percepções sobre o espaço e o tempo socialmente constituídos remetem, invariavelmente, ao contexto social ao qual se referem. Aspectos vinculados à cultura, à religião, à política e à economia alicerçam as relações espaço-temporais observadas ao longo da história humana. Esta percepção é anterior à consolidação de avançadas tecnologias de locomoção de pessoas e mercadorias ou, ainda, de técnicas inovadoras de transmissão de informações, embora fortemente influenciada por elas.

A comunicação, as práticas de trabalho e o deslocamento são fatores que, século após século, interferem na concepção de espaço e tempo sociais, em concordância com o momento histórico e as práticas humanas. Conforme demonstra Moretzsohn (2002), os próprios estudos na área das Ciências Sociais acerca desta temática, os quais vão além dos ideais da Física, deixam claro que as análises podem sofrer variações correspondentes às características de cada cultura.

O sistema capitalista explica importante parte deste princípio. As atividades industriais e de mercado impuseram um ritmo baseado na velocidade da produção, com reflexos na vida cotidiana. A aceleração das máquinas invadiu a rotina da população e impulsionou a manivela que move as relações sociais. O tempo passou a ser traduzido em riquezas e o espaço urbano tornou-se o centro das decisões institucionalizadas, deixando no passado a ordem medieval agrária.

Surge um panorama racional e ordenado por valores burgueses. A marcação precisa do espaço e do tempo desenvolveu, inclusive, as navegações. A cartografia abandonou a subjetividade e a credence em favor da exatidão matemática, da proporcionalidade e da objetividade. Pela primeira vez na história, os mapas posicionaram a população inteira em uma estrutura espacial única (MORETZSOHN, 2002). Surgem novos parâmetros de organização e distribuição geográficas baseadas em informações concretas.

No contexto do capitalismo, ganha destaque a formatação de um tempo universal e homogêneo referente à formulação de taxas de lucro e de juros, salários e outras dimensões mantenedoras do sistema. Já no fim do século XIX, via-se um sentido de descontinuidade e simultaneidade. Saltando aos anos 1970, as concepções de espaço e tempo consideram a

“desterritorialização” globalizante e a urgência do presente. Fincam-se ideias de fragmentação e efemeridade do capital (MORETZSOHN, 2002).

Na visão de Harvey (2007), a percepção de aceleração do tempo está inserida na própria lógica do capitalismo. Para ele, a ideia está presente (e remete) ao padrão de circulação do capital, que incentiva a urgência dos ritmos das atividades econômicas e da vida social para aumentar a produção. Este processo, entretanto, é pontuado por crises periódicas, uma vez que a dissolução de investimentos físicos em infraestrutura e equipamentos apresenta certo grau de dificuldade, ou melhor, dispense um padrão de tempo “natural”.

As revoluções científica e industrial, ocorridas do século XVII ao XIX na sociedade ocidental, tiveram relevante repercussão no controle e na manipulação do tempo social. Podem ser citados como exemplos a criação do relógio mecânico, capaz de homogeneizar rotinas de trabalho e lazer, a construção de estradas e o aprimoramento dos meios de transporte, que diminuíram o tempo de circulação de produtos e pessoas entre dois locais e encurtaram distâncias geográficas (FRANCISCATO, 2005).

O desenvolvimento dos sistemas de transmissão de dados também ampliou a velocidade e a quantidade de informação circulante, além das próprias formas de difusão, que passaram a utilizar recursos como o sistema de correios, o telégrafo e o telefone. Os dois últimos promoveram uma verdadeira revolução social ao possibilitarem a sensação de presença em dois lugares, ao mesmo tempo, e a aceleração do processo comunicativo. Esses aparatos tecnológicos foram amplamente utilizados pelo jornalismo, que expandiu geograficamente as coberturas noticiosas e acelerou o tempo de produção.

O processo de urbanização observado em países da Europa e nos Estados Unidos, particularmente nos séculos XVIII, XIX e XX, também influenciou as relações temporais. O uso do relógio, o rigor das rotinas profissional e pessoal imposto pelas instituições sociais e o dinamismo da cena urbana são fatores determinantes neste período da história humana.

A aceleração do ritmo da vida urbana ocorreu, então, na convergência de fatores como a industrialização, mercado, comunicações e imigração. As melhorias nos transportes deram um movimento que introduziu um ritmo de dinamismo à paisagem das grandes cidades (FRANCISCATO, 2005, p. 71).

As políticas de uso do espaço urbano, os interesses de mercado e as novas edificações também reforçaram a urbanização, nos séculos XIX e XX. O aumento da população, devidamente organizada em moradias verticalizadas, e as subdivisões em bairros promoveram novas formas de interação que, em alguns casos, dependiam do transporte e dos meios de

comunicação para superar o isolamento e permitir a convivência entre grupos populacionais diversos, embora sem uma presença física continuada ou episódica. Uma das formas dessa interação é consolidada por meio dos jornais, vistos como um canal de compartilhamento do espaço e do tempo socialmente estabelecidos.

A vivência do mundo ocidental permitiu uma redefinição do conceito de tempo, formatando a chamada cultura do tempo presente. Novidade, originalidade e simultaneidade ganharam força e deram novo sentido temporal às práticas sociais, influenciadas pelo estilo de vida capitalista. “Viver o presente se torna como que uma obsessão social, tanto pelos fatores culturais quanto pela organização de sociedades urbanizadas que dependiam da regulação do tempo para obter um sincronismo de ações” (FRANCISCATO, 2005, p. 63).

A industrialização e as relações de mercado têm efeito significativo na constituição da atualidade jornalística. Com o suporte da tecnologia, as organizações tornaram-se empresas que atendem ao mercado em ritmo acelerado, com padrão de periodização que garantia regularidade na oferta de produtos e constituição de hábitos de leitura – mercado consumidor. O jornalismo como organização social impôs formas de gestão do tempo voltadas à eficiência e à racionalidade administrativa.

Uma série de produtos e gêneros culturais ajudou a constituir o sentido de tempo presente, fomentando a cultura do “agora”. Incluídos neste grupo estão os jornais e as novelas, cujos discursos eram caracterizados pela efemeridade dos conteúdos e por expectativas de práticas sociais vinculadas ao presente. Este sentido foi ampliado com o aumento da periodicidade, mais tarde tornada diária, no caso dos jornais.

Kern (1983 apud FRANCISCATO, 2005) argumenta que o sentido de tempo presente, na passagem do século XIX ao XX, na Europa Ocidental, foi incrementado pelas novas relações sociais de simultaneidade, diante das transformações filosóficas, científicas, tecnológicas e econômicas. Essa simultaneidade referia-se à capacidade de experimentar, ao mesmo tempo, vários eventos distantes, mediante o desenvolvimento de tecnologias de transmissão.

Os impactos desta relação iriam além da tecnologia, alcançando aspectos estéticos e sociais, os quais motivaram o sentido de unidade e aproximação sociais. A multiplicidade de eventos decorrentes da simultaneidade e da expansão do “agora”, com a inclusão de um passado ou de um futuro imediatos, conduziu, na visão do autor, a um fenômeno de “adensamento” do presente ou presente “densificado” (*thickened present*), decorrente da ampliação de elementos na experiência cotidiana.

Remete-se ao que Santos (1998) denomina como “tempo das coexistências”, caracterizado pela simultaneidade de experiências temporais vivenciadas pelos diversos agentes sociais em ambientes particulares e diferenciados. Nesse eixo, os fenômenos são concomitantes, em contradição ao conceito do “tempo das sucessões”, eixo identificado como o fluxo contínuo do tempo e a organização sequencial dos fenômenos – tempo histórico.

Ressalta-se, ainda, que a simultaneidade de hoje se liga não apenas ao tempo cronológico ou ao sincronismo de eventos, mas também à demarcação temporal constituída em sociedade:

A simultaneidade entre os lugares não é mais apenas a do tempo físico, tempo do relógio, mas do tempo social, dos momentos da vida social. Mas o tempo que está em todos os lugares é o tempo da metrópole, que transmite a todo o território o tempo do Estado e o tempo das multinacionais e das grandes empresas (SANTOS, 1998, p. 155).

A concepção de redes de informação em fluxo, já no século XX, também remodela a temporalidade social, com a ampliação da sensação de simultaneidade e instantaneidade ante a aplicação do conceito de tempo real. Nele, a instantaneidade alcança seu ápice, em uma tentativa de igualar o tempo de execução dos fatos ao momento da enunciação social, particularmente mediante o uso da rede mundial de computadores – a internet.

O espaço de fluxos apresenta-se em contraposição ao espaço de lugares. Baseado em redes, conforme indica Castells (1999a), ele cria uma relação de espaço virtualizado pela transmissão de dados e tempo simbólico, não histórico. Caem barreiras físicas e cronológicas no intercâmbio informacional.

A sociedade informacional, com suas redes de comunicação e com suas organizações da mídia diversificando modos de transmissão, apresentação, expressão e comunicação, torna a contigüidade física um elemento cada vez mais reduzido a uma pontualidade no conjunto das interações ao alcance de um indivíduo (FRANCISCATO, 2005, p. 213, 214).

As redes de comunicação são capazes de superar limitações espaciais e introduzir novas experiências temporais, entretanto, o acesso a elas ainda apresenta ressalvas, já que depende das relações sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Castells (1999a) indica a existência de uma elite controladora do espaço simbólico de fluxos, capaz de impor padrões culturais e delimitar o acesso aos centros de poder. Do outro lado, encontra-se a massa que absorve padrões em uma relação de participação predeterminada.

Santos (2000) reconhece que os homens não são igualmente atores do tempo real, estando o comando nas mãos de quem detém os meios tecnológicos e o discurso ideológico dominante. Fisicamente (potencialmente), o tempo real existe para todos, porém socialmente (efetivamente) é restrito a uma parcela da população e assegura privilégios de uso. Por isso, é preciso distinguir a fluidez potencial da fluidez efetiva, ainda que não esteja claro quem está no comando ou de que maneira pode e deve utilizar essa ferramenta.

O homem comum – contraponto ao homem totalmente integrado à sociedade tecnológica – ainda não vivencia aspectos como ubiquidade, instantaneidade e globalização. Para o homem comum, o mundo imediato é a cidade, sobretudo a metrópole. As temporalidades construídas em espaços particulares são resultados de interpretações humanas sobre objetos que o circundam. Santos (1998) critica, assim, a supervalorização da velocidade vinculada a espaços sociais concretos e afirma que o homem “lento” concentra um olhar mais profundo e solidário sobre os objetos, capaz de desmascarar fabulações civilizatórias criadas e vivenciadas pelas classes ricas.

O “lugar” como espaço de convívio e interação e o “espaço” abstrato das redes de comunicação são identificados por Harvey (2007) como reflexos paradoxais das relações de produção e circulação do capital. Ao mesmo tempo em que as trocas instantâneas pelas redes digitais abrem possibilidades de criação de espaços indiferenciados, o capitalismo evidencia valores referentes às particularidades dos lugares para acirrar a competição espacial entre localidades.

Os espaços indiferenciados ou abstratos configurados nas redes digitais eliminam espaços físicos e reduzem o tempo de transmissão de dados, propondo novas dimensões espaço-temporais na sociedade. Os fluxos informacionais aparecem como suportes deste novo cenário, capazes de remodelar geografias e cronologias mediante o uso de recursos tecnológicos. Neste contexto, inserem-se não apenas relações econômicas, mas também organizações políticas, culturais e simbólicas, inclusive a mídia.

1.2 O espaço e o tempo jornalísticos

A reflexão sobre o espaço e o tempo configurados pelo jornalismo está imersa no contexto social, considerando aspectos como as relações humanas, a cultura, os sistemas econômicos e as inovações tecnológicas. As manifestações sociais de cada período histórico alicerçam parâmetros da atividade jornalística, que instituem o planejamento de tarefas, a

rotina produtiva, além das técnicas narrativas, do uso de suportes técnicos e das estratégias de circulação de produtos noticiosos. Conforme indica Franciscato (2005), o jornalismo não cria o tempo presente, mas reforça a concepção de uma temporalidade social.

O jornalismo profissional apresenta forte vínculo com o tempo presente e se configura como um recurso, ou mesmo uma condição, para a vivência social do “agora”. Franciscato (2005) propõe cinco categorias descritivas de fenômenos temporais ligados à atividade jornalística: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Em conjunto e inseridas no contexto histórico, elas influenciam as relações sociais e de sentido e a institucionalização de valores jornalísticos, particularmente aqueles ligados à presentificação.

A partir da tentativa de controle temporal, o jornalismo pretende garantir a manutenção da atualidade, especialmente diante da efemeridade comum ao discurso noticioso.

A notícia tem um tempo de existência efêmero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos (FRANCISCATO, 2005, p. 18).

O jornalismo vivencia uma constante tensão entre a velocidade do movimento do mundo e a velocidade da produção do discurso midiático, com o risco do descompasso entre ambos.

A atualidade é uma das razões de ser do jornalismo, pois ela se constrói e se consolida numa prática e num discurso com sentido temporal e destinado a mostrar não haver um desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística (FRANCISCATO, 2005, p. 99).

Para evitar o descolamento entre o tempo do mundo e o tempo midiático, o jornalismo utiliza técnicas e procedimentos, tais como a produção de conteúdos acerca de experiências sociais do presente, além da conjugação verbal no tempo presente, o relato de eventos diários, a constituição da periodicidade e a construção de referências e hábitos sociais a partir do usufruto dos produtos noticiosos.

A urgência característica das rotinas humanas, especialmente a partir da introdução do capitalismo e do estilo de vida urbano, contribuiu para a inserção de uma lógica baseada na aceleração:

[...] os deslocamentos pela cidade, os horários do trabalho, das refeições e do lazer demarcavam um cotidiano diário no qual o jornal se encaixava tanto para informar, orientar quanto para distrair, preenchendo horários ociosos como nos percursos de trens (FRANCISCATO, 2005, p. 107).

A imprensa periódica dos séculos XVII e XVIII criou hábitos sociais diferenciados. O ato de ler tornou-se popular, mudou ritmos e práticas. A ideia de simultaneidade entre a leitura dos jornais e a forma de vivenciar o conteúdo noticioso tornou-se comum à construção da temporalidade, tanto no ambiente privado do lar, quando nos espaços públicos (FRANCISCATO, 2005).

A leitura caseira passou a atrelar-se a outras atividades coordenadas, em horários semelhantes do dia. Esta simultaneidade ultrapassou os limites familiares rumo ao público, numa promoção das ideias de pertencimento e participação coletivos. Neste momento histórico, as casas de café europeias assumiram relevante papel na constituição de vínculos grupais. A leitura pública das notícias valorizou-se, como também a transmissão e a discussão oral dos seus conteúdos.

Tais procedimentos criaram diversas relações temporais: de um lado, a dimensão do cotidiano nas casas de café, vistas como locais de encontro e convivência social – plano micro; do outro lado, as relações temporais eram construídas simbolicamente devido ao vínculo de pertencimento e atuação numa comunidade. Nasce conexões entre conteúdos culturais ligados ao tempo presente (incluindo o jornal), pessoas interessadas pelo cotidiano e pelos conteúdos que estimulavam a ação.

Acompanhar o presente social requer do jornalismo velocidade. A aceleração das práticas profissionais tem como aliadas as inovações tecnológicas. Sem cair no determinismo, é possível conectar o desenvolvimento do transporte e da transmissão de informações à construção do tempo e à reformulação espacial da mídia. Desde a expansão das ferrovias e do aumento do número de locomotivas, houve um considerável encurtamento de distâncias e, consequentemente, do tempo de distribuição dos produtos midiáticos.

A velocidade de circulação das notícias está diretamente ligada à capacidade técnica de superação de distâncias, seja na captação e envio de informações que serão transformadas em notícias na fase da produção jornalística, seja na efetiva transmissão da notícia até o seu público (FRANCISCATO, 2005, p. 41).

A gradual evolução nos sistemas de comunicação também deve ser considerada na sobreposição do social ante o espaço geográfico e a cronologia do relógio. Os serviços postais

deram os primeiros passos na aceleração jornalística, ainda de maneira incipiente, ao transmitirem de forma mais organizada e segura as notícias escritas. Com a invenção do telégrafo por Samuel Morse, em 1844, nos Estados Unidos, um novo conceito de transmissão de informações a distância foi inaugurado.

Esse recurso facilitou a cobertura de eventos que aconteciam em locais distantes da sede dos jornais e a breve transmissão das informações, embora a produção e distribuição das edições impressas não tenham imediatamente acompanhado este novo sentido de aceleração. O telégrafo também estimulou a fragmentação do discurso jornalístico para facilitar o envio do material pelos repórteres. Relatos mais curtos e frequentes passaram às rotinas produtivas dos veículos de comunicação da época. A mudança na forma de vivenciar o espaço e o tempo observada com o uso do telégrafo também foi sentida pelo leitor, que ampliou a perspectiva de acompanhamento de fatos já ocorridos ou em desenvolvimento em pontos geográficos diversos (FRANCISCATO, 2005).

A partir do ano de 1876, o telefone elétrico patenteado pelo escocês Alexander Graham Bell começou a suceder o telégrafo na evolução dos sistemas comunicativos. O novo meio de comunicação foi utilizado pelas redações jornalísticas para ampliar ideais de instantaneidade e simultaneidade, desta vez pelo uso da voz. As coberturas em locais longínquos foram dinamizadas pela transmissão de notícias por meio de uma rede de fios que constituíam as centrais telefônicas, de maneira mais rápida e direta em comparação ao telégrafo (FRANCISCATO, 2005).

Anos mais tarde, tiveram início as primeiras experiências com a transmissão via ondas de rádio, empreendidas por Gugliermo Marconi. Em 1894, ele construiu um aparelho experimental e, em 1901, enviou mensagem transoceânica por um transmissor instalado na Inglaterra. O primeiro serviço noticioso por rádio foi inaugurado pela empresa The Marconi Company três anos depois, em transmissões nos Estados Unidos. Por volta do ano de 1912, o rádio consolidou-se como ferramenta essencial na comunicação internacional, com relevante uso entre navios e bases terrestres (KERN, 1995 apud FRANCISCATO, 2005).

O século XX inaugurou a televisão, que aprimorou o uso do áudio e adicionou a imagem em movimento à composição da notícia. A “caixa mágica” remodelou práticas jornalísticas com a introdução das linguagens gravada e direta (ao vivo). A primeira enriqueceu possibilidades artísticas, mas não criou uma nova especificidade desse meio de comunicação. Já a segunda diferenciou a TV do cinema e está, ainda hoje, mais intensamente conectada às ideias de tempo presente e instantaneidade (SCOLARI, 2009). Como afirma

Moretzsohn (2002), a transmissão ao vivo dá a sensação de que jornalista e público são testemunhas oculares da “história em movimento”.

Essa mídia remodelou, ainda, a espacialidade ao trazer para o ambiente do lar referências audiovisuais de locais geograficamente distanciados. O descolamento simbólico promovido pelos produtos televisivos transporta o público da sala de estar a outros países, sem a movimentação física. Já nos anos pós II Guerra Mundial, quando a TV ganhou maior força política e cultural, esta experiência remetia à fluidez espacial e à liberdade temporal propostas por Bauman (2001).

A continuidade do processo de reconstrução simbólica do espaço social e da aceleração do tempo midiático está presente nas tecnologias digitais e na comunicação em rede, anunciadas a partir das últimas décadas do século XX e firmadas no início do século XXI. Nas redes digitais, o transporte de informação elimina o espaço físico e o tempo que seria gasto no descolamento, exigindo a reformulação de conceitos.

As redes telemáticas das últimas décadas do século XX inauguraram um novo horizonte para a instantaneidade nas comunicações, pois, além de uma comunicação instantânea, romperam com a linearidade de seqüências ou percursos na leitura e permitiram, com isso, criar uma interação continuada e sincronizada (a simultaneidade) entre uma multiplicidade de atores fisicamente separados (FRANCISCATO, 2005, p. 232).

O mundo cibernético descarta o teor físico em sua concepção espacial, tornando-se simbolicamente ilimitado para fins de divulgação e circulação de produtos jornalísticos. Livre das amarras espaciais do papel do impresso ou das inserções temporais programadas do rádio e da televisão, o espaço on-line torna-se um ambiente vivo e em constante movimento – uma espécie de “versão beta” redefinida a cada atualização do sistema. A não delimitação física deste meio estende-se ao usufruto da notícia: ao público, basta o acesso à conexão de internet para, de onde estiver, acompanhar a informação jornalística de todo o planeta.

A temporalidade do jornalismo também é remodelada, subordinando-se à construção da notícia em tempo real. A instantaneidade da cobertura e a simultaneidade entre acontecimentos, público e jornalista dão o ritmo às rotinas produtivas, em um processo que, por um lado, proporciona ao internauta uma intensa aproximação entre o tempo dos acontecimentos e o tempo discursivo da mídia. Por outro lado, entretanto, subjuga conceitos essenciais à profissão, mas que demandam tempo e dedicação, como a apuração, interpretação dos fatos e edição da notícia.

O modelo jornalístico do tempo real também pode afetar aspectos temporais vinculados à periodicidade, à novidade e à revelação pública, como pondera Franciscato (2005). A atualização contínua modifica a relação de periodicidade entre leitor e suporte, tornando híbrida a temporalidade da produção e da circulação de notícias no webjornalismo. No esforço de fornecer notícias a cada instante, os sites inserem os horários de publicação e atualização das matérias. O internauta, por sua vez, recorre a este tipo de informação para decidir o que e onde consumir.

A produção on-line em fluxo contínuo precisa, no entanto, justificar sua existência, sendo a novidade um fator relevante nesta explicação. Para alimentar este contexto, é comum o jornalista recorrer à fragmentação narrativa, capaz de garantir a produção noticiosa em larga escala, acompanhada pela preservação simbólica do novo em cada material disponibilizado. A fragmentação também aprimora o sentido de continuidade ao criar uma linha de desdobramento dos fatos, que pode seguir um padrão cronológico ou não linear através do hipertexto. Ao mesmo tempo, os relatos sucessivos carregam as marcas da efemeridade do discurso jornalístico, que pode ser atualizado e ultrapassado na mesma proporção.

A enunciação jornalística traz, por si, a pretensão da novidade ao criar um “ponto zero” na linha do tempo de circulação da notícia, permeando a atualidade do discurso. Este modelo operacionaliza a fragmentação discursiva dando o tom do novo a enunciados que, juntos, ganham relevância e legitimidade (FRANCISCATO, 2005). Na produção em tempo real, como também no ao vivo, a revelação pública acontece durante o desenrolar dos fatos, desconsiderado o atraso técnico da transmissão. Este modo de mediação jornalística reforça o vínculo com a velocidade e com o tempo presente, além de conectar um público espacialmente pulverizado, mas simbolicamente reunido diante da notícia.

A urgência associada à atividade jornalística é, para Moretzsohn (2002), comparada a um fetiche. A autora explica esta relação a partir do conceito marxista de fetichismo da mercadoria, processo através do qual um produto, ao chegar ao mercado, parece ter vida própria e esconde, assim, a relação social que o originou. Este procedimento baseia-se na reificação operada pelo capital, condensada no valor de troca da mercadoria, no qual a relação entre o trabalho necessário para produção do bem e o próprio bem torna-se qualidade objetiva do produto. O resultado é a coisificação das relações humanas, em um fetiche que promove a naturalização das relações.

Ao definir notícia como mercadoria inserida no contexto do capital, segue-se a mesma regra: o fato ganha voz própria, encobrindo o processo de produção de sentido, e vende-se

mais do que a informação apresentada. Vende-se também a própria ideologia da velocidade. Segundo a autora, a velocidade é consumida como fetiche, pois chegar na frente é, muitas vezes, mais importante do que a notícia.

A lógica da aceleração, continua Moretzsohn (2002), é plenamente atendida pela estrutura das empresas jornalísticas. A competição entre os veículos de comunicação influencia a automatização das rotinas jornalísticas e a submissão do repórter ao tempo. A urgência no jornalismo tem servido, inclusive, como justificativa à subserviência dos repórteres diante de fontes, especialmente as oficiais, tirando da imprensa a responsabilidade ao divulgar notícias infundadas ou incorretas, com consequências mais visíveis nos produtos factuais devido à rotina frenética das redações.

O fetiche da velocidade pode ser observado desde as primeiras experiências do impresso – ainda que nunca alcance o chamado tempo real, o jornal afirma agilidade e reforça o fetiche ao distribuir edições extras ou mesmo ao vender a edição de domingo já no sábado. Entretanto, ele encontra seu ápice junto às tecnologias digitais. A irracionalidade pela informação instantânea explica-se, para Moretzsohn, no contexto da velocidade como fetiche: “[...] se o valor principal da informação é a instantaneidade, o próprio sentido do trabalho do jornalista se modifica, a ponto de se tornar desnecessário” (MORETZSOHN, 2002, p. 169).

Para a autora, o contexto sugere que o jornalismo subordinado à instantaneidade está condenado a desaparecer, pois seria incapaz de realizar o trabalho de análise inerente à atividade. Ele sobreviveria somente como um “aparelho ideológico” reproduzidor do fetiche que transforma a velocidade no principal valor-notícia da atualidade. Este teor instantâneo que impede a reflexão pode denotar perdas qualitativas de processos produtivos do jornalismo, os quais incidem sobre o aprofundamento dos fatos, a precisão informativa e a construção do conhecimento.

Criado o impasse entre produção em tempo real e qualificação da notícia, Moretzsohn (2002) retoma o ideal de superação da tradição iluminista, rejeitando a perspectiva de objetividade associada à verdade única dos fatos, a qual esconde a luta ideológica que recai sobre a atividade profissional e a construção de realidades sociais pela mídia. Caberia ao jornalismo encontrar formas de trabalhar com objetos efêmeros sem perder de vista a informação essencial à formação cidadã.

1.3 Perspectivas da relação espaço-temporal na sociedade fluida

A Modernidade é, para Bauman (2001), a era da fluidez, na qual o tempo sobressai-se diante do espaço e da forma. Esta concepção remete à ideia de liquidez, de mobilidade, de libertação de demarcações sólidas em torno das quais a sociedade fundamentou o modo de produção capitalista, cuja indústria demarcou espaços e delimitou fronteiras praticamente impenetráveis dos bens de produção.

No ambiente fluido, a concepção espaço-temporal ganha novo direcionamento. Conforme defende Bauman (1999), a mobilidade torna-se sinônimo de poder no mundo globalizado. A elite extraterritorial emancipa-se de restrições geográficas e passa a viver no tempo, levando consigo o capital e suas benesses. O próprio espaço público, no qual opiniões são expostas e formadas, segue a elite e é desterritorializado, distanciando-se do mundo físico. Na rota oposta está a massa pobre, presa ao espaço físico e distante dos centros geradores de sentido. A sociedade polariza-se entre uma elite global e uma população local.

A mobilidade galga ao mais alto nível dentre os valores cobiçados – e a liberdade de movimentos, uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual, logo se torna o principal fator estratificador de nossos tardios tempos modernos ou pós-modernos (BAUMAN, 1999, p. 8).

A segregação traz à tona uma debilidade do processo de globalização, que une e divide a sociedade, ao mesmo tempo. O mundo global torna-se uma agradável conquista para a elite, grupo independente de unidades territoriais e capaz de desenvolver novas simbologias alinhadas ao uso da tecnologia, e uma distante realidade para o restante da população, impossibilitada de inserir-se no estilo de vida mundializado.

Para Bauman (1999), o último quarto do século XX é caracterizado por uma guerra de independência do espaço, por meio da qual ocorre um deslocamento dos centros de decisões e dos cálculos que baseiam as decisões desses centros, livres de ressalvas territoriais. O reflexo no ramo empresarial pode ser observado na figura do acionista, que investe em qualquer lugar do globo por meio de bolsas de valores e corretores, independentemente da localização geográfica da companhia. É ele o único personagem que delibera e que não se prende ao espaço, ao contrário do empregado, do fornecedor e da própria localidade. Por conseguinte, ocorre uma desconexão entre o poder e o estabelecimento de melhores condições da vida local.

O proprietário ausente desvincula-se de obrigações sociais e termina por centrar forças apenas no crescimento do próprio investimento. “Surge uma nova assimetria entre a natureza extraterritorial do poder e a contínua territorialidade da ‘vida como um todo’ [...]”

(BAUMAN, 1999, p. 16), ou seja, a mobilidade da elite investidora pode resultar em maior retorno financeiro ao acionista, no entanto, relega a vida social localizada ao segundo plano. Novamente, a população desprovida de capital arca com as consequências de uma vida cotidiana vinculada discriminatoriamente ao espaço e distanciada do poder decisório.

Constituem-se as figuras do turista e do vagabundo. O primeiro é guiado pela própria vontade, move-se para onde deseja e no momento em que lhe convém. Sinônimo de poder econômico e simbólico, o turista é um cidadão do mundo, atraído por um estilo de vida móvel – ainda que isso aporte incertezas, obrigações da escolha ou excesso de aventura, este é o padrão almejado por grande parte da população, especialmente pelo vagabundo. Este último é a personificação do indivíduo local, enraizado ao espaço geográfico estigmatizado pela “Era Líquida”. Para ele, a mobilidade acontece por necessidade, numa constante busca por melhores condições de vida e por ambientes menos hostis (BAUMAN, 1999).

Virilio (1993) aponta para um possível fim da delimitação geográfica, uma vez que o desenvolvimento do transporte e dos meios de comunicação e telecomunicação quebrou o sentido clássico da distância. Ela passa a ser entendida como um produto social e a sua variação está diretamente relacionada à velocidade com a qual é vencida e aos custos envolvidos neste processo. O espaço concreto é, então, substituído por uma realidade mediatizada e reconstruído pelo meio eletrônico.

O uso da tecnologia na propagação informacional também reconfigurou a questão espacial e temporal. A internet pôs fim à noção de distância para a informação, uma vez que pode ser acessada em qualquer parte do globo, dissociada do deslocamento físico. O tempo on-line também ganha nova dimensão e passa a se caracterizar pela instantaneidade. A informação movimenta-se na velocidade da banda de conexão, em um ritmo normalmente superior ao dos corpos.

Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica (BAUMAN, 1999, p. 20).

Nesta perspectiva, é possível inserir a internet no ambiente social líquido, que prioriza o tempo e afasta-se do limite geográfico na distribuição informativa. As relações mediadas pelo computador fortificam-se, reorganizando os processos de interação humana. A comunicação rápida amplia a quantidade de informação e, ao mesmo tempo, aumenta a

efemeridade dela, podendo provocar inclusive uma sobrecarga da memória, em vez de alimentá-la.

O mundo cibernético organizado pela tecnologia forma um novo espaço de atuação humana planejado, artificial. O ciberespaço propõe uma liberdade imaterial, além da produção e distribuição informativas ampliadas pela banda de conexão. Para Bauman (1999), a compressão espaço-tempo promovida pelos novos meios pode acabar por distanciar ainda mais os grupos sociais.

O acesso à tecnologia emancipa a elite das limitações físicas dos territórios geográficos e proporciona a instantaneidade de ações, o que a torna senhora do espaço e do tempo. Por outro lado, a inacessibilidade a esses meios tende a confinar o restante da população a uma vida local e distanciada dos processos de formação de significados e de identidades, tornando esse grupo mais dependente de movimentos individuais de resistência.

Harvey (2007, p. 265) apresenta um contraponto no debate sobre a supressão espaço-temporal: “A queda de barreiras espaciais não implica o decréscimo da significação do espaço”. O autor questiona a “abolição do espaço” uma vez que a competição em momentos de crise do capitalismo incentiva a atenção do sistema às vantagens localizacionais, a fim de tirar proveito de minúsculas diferenças, como condições de trabalho e infraestrutura.

Da mesma forma, relata o autor, o domínio do espaço na luta de classes é arma importante, pois a mobilidade geográfica e a descentralização enfraquecem os movimentos classistas, tradicionalmente baseados em fábricas de produção em massa. A desterritorialização do capital proporciona mudanças na concepção espacial com maior flexibilidade de acumulação.

Na argumentação de Santos (1998), a globalização não é um processo universal, pois não existe um espaço mundial como um todo, a não ser como metáfora; quem se globaliza são as pessoas e os lugares. Além disso, não há um tempo mundial, e sim temporalidades hegemônicas e não hegemônicas, baseadas nos papéis de agentes econômicos, políticos e culturais. Desta forma, a velocidade está ao alcance de um número limitado de pessoas de acordo com suas possibilidades, resultando em espacialidades e temporalidades diferentes entre grupos sociais diversos.

Santos (2000) ainda critica a desterritorialização da humanidade ao afirmar que, apesar de o significado de fronteiras ter mudado na contemporaneidade, elas continuam vivas por meio do controle das atividades globalizadas pelo capital e pelos governos. O fluxo de mercado assume a hegemonia do espaço e do tempo e dita a ordem da globalização, num

estímulo à fluidez e à competitividade, sendo a primeira a condição e a segunda a base da ação hegemônica: “A exigência de fluidez manda baixar fronteiras, melhorar os transportes e comunicações, eliminar os obstáculos à circulação do dinheiro (ainda que a das mercadorias possam ficar para depois), suprimir as rugosidades hostis ao galope do capital hegemônico (...)” (SANTOS, 1998, p. 34).

Ao acentuar diferenças, o mercado conduz a uma globalização conflituosa, que tenta unificar em vez de unir. Monta-se uma estrutura hierárquica mantenedora do princípio de sistemas dominantes e subsistemas dominados. O global assume faceta separatista e contraria o local humanizado, solidário. Ganha relevância o espaço organizado em redes informacionais com predomínio de relações temporais que demarcam as relações econômicas, políticas e sociais.

1.3.1 A virtualidade líquida e a questão espaço-tempo

A discussão acerca do ciberespaço remete à virtualidade, a qual vai além da mera oposição ao real, da simples ausência de existência, conforme teoriza Lévy (1996). O autor expõe uma perspectiva filosófica na qual “[...] o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (LÉVY, 1996, p. 15).

[...] o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. Esse complexo problemático pertence à entidade considerada e constitui inclusive uma de suas dimensões maiores (LÉVY, 1996, p. 16).

A atualização remete à criação, à invenção de formas, ideias e qualidades não previstas na realidade possível, a qual é caracterizada pela predeterminação. A atualização apresenta novas propostas ao virtual, reconfigura um objeto e mostra-se como a solução de um problema que não estava contida no enunciado.

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático (LÉVY, 1996, p. 17, 18).

Por outro lado, a generalização do virtual como algo intangível reporta a não presença. Lévy (1996) exemplifica essa característica numa empresa virtual: nela, os funcionários não dividem um espaço fixo e presencial, nem a temporalidade do relógio. A atuação é extraterritorial. O mesmo é válido para a atividade jornalística associada ao ciberespaço, definido por Prado (2011) como a combinação de pessoas, espaço e softwares.

O ciberespaço reconfigura distâncias e emprega a ideia de posições simbólicas, sem localização física para a informação. Tanto o produto on-line quanto o profissional atuante neste meio passam por um processo de desterritorialização, numa relação que valoriza o tempo e redimensiona espaços (SCOLARI, 2008). Por conseguinte, o consumo informacional deixa de vincular-se ao local ou ao tempo de produção da notícia e passa a interatuar diretamente com o ambiente cibernético.

O virtual é capaz de promover novas relações espaciais e cronológicas da narrativa clássica. A subjetividade, significação e pertinência possibilitam a existência de vários tipos de espacialidade e duração culturais, isto é, construídas pelos seres humanos. Do transporte e da comunicação aos sistemas de registro e transmissão, é possível configurar inúmeros ritmos, durações e ambientes que interagem, opõem-se ou respondem-se. Cada rede ou sistema metamorfoseia o espaço e o tempo sociais, inventando novas velocidades e ambientes mutantes (LÉVY, 1996).

A questão espaço-temporal vincula-se também ao surgimento da informática. “A noção de tempo real, inventada pelos informatas, resume bem a característica principal, o espírito da informática: a condensação no presente, na operação em andamento” (LÉVY, 1993, p. 115). O tempo passa a ser concebido na forma pontual, em vez do tempo circular da oralidade primária e do tempo linear das sociedades históricas. O ritmo baseado na velocidade origina-se do fluxo inesgotável dos dados digitais.

Castells (1999a) analisa as dimensões do espaço e do tempo numa perspectiva social, considerando as transformações motivadas pela combinação das tecnologias da informação e dos processos sociais induzidos pela transformação histórica. Sem cair no determinismo tecnológico, o autor avalia os novos caminhos abertos pelos recursos da sociedade em rede e, em contraponto, a permanência da interação social e da formação de identidades.

O espaço é uma forma de expressão da sociedade. Os conflitos sociais, seus atores e interesses interferem na concepção espacial socialmente descrita, ou seja, o espaço é definido em referência a práticas que dão a ele função e sentido sociais, podendo cambiar de tempos em tempos. “As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a

estrutura social” (CASTELLS, 1999a, p. 500). Na era da informação, a sociedade configura-se em torno de fluxos, que operam em setores diversos, tais como capital, tecnologia, imagens, sons e informação, articulados em tempo simultâneo. Neste panorama, propõe-se o espaço de fluxos como uma nova forma espacial referente às práticas sociais da sociedade em rede:

O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade. Práticas sociais dominantes são aquelas que estão embutidas nas estruturas sociais dominantes. Por estruturas sociais dominantes, entendo aqueles procedimentos de organizações e instituições cuja lógica interna desempenha papel estratégico na formulação das práticas sociais e da consciência social para a sociedade em geral (CASTELLS, 1999a, p. 501. Grifo do autor).

O espaço de fluxos combina três camadas de suportes materiais. A primeira é um circuito de impulsos eletrônicos – infraestrutura tecnológica – como suporte de práticas simultâneas. A segunda é composta pelos nós, que são centros de funções estratégicas os quais constroem atividades e organizações locais quanto a uma função chave na rede, e pelos centros de comunicação, que desempenham papel de coordenador no processo de interação dos elementos que compõem a rede. Ambos organizam-se numa hierarquia organizacional capaz de mudar de acordo com a evolução das atividades (CASTELLS, 1999a).

Por fim, a terceira camada diz respeito à disposição espacial das elites gerenciais dominantes (econômicas, políticas e simbólicas) que possuem funções de articulação deste espaço. Ao considerar a assimetria social diante dos interesses dominantes de cada estrutura, o espaço de fluxos torna-se a lógica espacial dominante, pois representa os valores e as funções dominantes da sociedade instituídos por atores sociais. A dominação social surge da capacidade de articulação da elite e da desorganização da massa, sendo o espaço essencial neste processo. Recai-se novamente na proposição da elite global e da massa local (CASTELLS, 1999a).

Ao mesmo tempo, a elite informacional evita tornar-se fluxo a fim de manter o seu poder e a sua coesão diante da massa. Ao distinguir-se do resto da população, o grupo dominante cria barreiras culturais e tenta controlar o acesso aos centros de decisão. No espaço de fluxos, a elite forma comunidades segregadas simbolicamente, que são redefinidas em redes interpessoais. Castells (1999a, p. 505) propõe que “[...] o espaço de fluxos é formado de

microrredes pessoais que projetam seus interesses em macrorredes funcionais em todo o conjunto global de interações no espaço de fluxos”.

A distinção cultural da elite no espaço de fluxos também pode ser estabelecida no estilo de vida e na projeção de espaços simbólicos unificados em todo o mundo, em substituição ao contexto histórico de cada local. Estas estruturas podem ser observadas nas salas VIP dos aeroportos, que separam os ricos dos demais viajantes; no acesso móvel à internet, dando a sensação de localização ao viajante; no uso de *spas*; no tipo de alimentação; na combinação de roupas; entre outros. Esses padrões culturais internacionais desvinculam-se de identidades sociais específicas e centram-se nos membros, interligados pelos poderes aquisitivo e simbólico (CASTELLS, 1999a).

A sociedade informacional também reconfigura o conceito de tempo, que passa a atuar prioritariamente numa perspectiva simbólica, não mais cronológica e histórica. As novas tecnologias em rede promovem a fragmentação temporal e a chamada intemporalidade, que utiliza aparatos tecnológicos numa fuga de contextos preestabelecidos pelo relógio e rumo à consequente absorção seletiva de valores sociais que cada contexto oferece ao presente eterno (CASTELLS, 1999a).

A compressão do espaço e do tempo alcança o capitalismo. O desenvolvimento das telecomunicações permitiu a formação de fluxos na economia, numa promoção global de circulação do capital, tornado extraterritorial. Por meio da rede, o mercado financeiro pode ser deslocado para inúmeros lugares e as transações realizadas de maneira instantânea. As ideias de tempo e velocidade tornam-se essenciais para a tomada de decisões no universo capitalista, ocasionando ganhos e perdas.

A geração de valor em negociações presentes que visam a mercados futuros também provoca a dissolução da estrutura temporal do capital, que comprime e absorve o tempo. A manipulação do presente em busca de resultados futuros pode ocasionar crises econômicas, instabilidades no mercado, especulações e aplicações de risco.

A invalidação do conceito de tempo e a manipulação do tempo por mercados de capitais globais gerenciados eletronicamente são um componente da fonte de novas formas de devastadoras crises econômicas que adentram o século XXI (CASTELLS, 1999a, p. 529).

A simultaneidade e a intemporalidade transformam o tempo da “virtualidade real” – a qual significa, para Castells (1999a), a não separação entre realidade e representação simbólica, uma vez que a humanidade sempre existe e atua em um ambiente simbólico.

“Portanto, o que é historicamente específico ao novo sistema de comunicação organizado pela integração eletrônica de todos os modos de comunicação, do tipográfico ao sensorial, não é a indução à realidade virtual, mas a construção da realidade virtual” (CASTELLS, 1999a, p. 459). O autor argumenta que o virtual representa o que existe na prática, mas não nominalmente, enquanto o real é o que existe de fato. Desta maneira, a realidade sempre foi virtual porque é percebida por meio de símbolos formadores da prática com sentidos externos à definição semântica.

A polissemia discursiva difere as expressões culturais do raciocínio lógico. São as variações culturais dos significados das mensagens, viabilizadas pela codificação da linguagem, que permitem a interação mútua entre pessoas em dimensões explícitas e implícitas diversas. Assim, é possível vincular o ambiente simbólico da mídia eletrônica, tanto quanto dos demais meios, a uma representação da realidade.

Todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual (CASTELLS, 1999a, p. 459).

A informação instantânea permite o acompanhamento dos fatos sociais em tempo real, uma das mais fortes marcas da rede mundial de computadores. No campo midiático, o tempo pode ser redefinido mediante colagens de gêneros e quebra de sequências temporais cronologicamente estabelecidas, especialmente com o uso do hipertexto. O recurso carrega traços da intemporalidade ao reordenar eventos com base na leitura por associação, ou seja, na construção cultural formulada pelo usuário, promovendo uma relação simultaneamente eterna ou efêmera.

É eterna porque alcança toda a sequência passada e futura das expressões culturais. É efêmera porque cada organização, cada sequência específica, depende do contexto e do objetivo da construção cultural solicitada. Não estamos em uma cultura de circularidade, mas em um universo de temporalidade não-diferenciada de expressões culturais (CASTELLS, 1999a, p. 554).

Os recursos tecnológicos da sociedade em rede tanto diminuem quanto prolongam o tempo social. A compressão temporal da experiência humana na lógica de fluxos pode remeter à instantaneidade dos eventos. Ao mesmo tempo, ao eliminar sequências e propor um tempo indiferente, cria-se a sensação de eternidade contextual, numa condução à

intemporalidade. Estas ideias podem ser aplicadas simbolicamente a atividades que propõem uma mistura de tempos, a exemplo de transações comerciais, relações trabalhistas, tempo virtual e produção midiática.

Castells (1999a) lembra, porém, a diversidade temporal ainda vivenciada por grupos sociais distintos fora do espaço de fluxos, isto é, associada ao espaço de lugares. Nestes casos, o tempo biológico e a sequência socialmente determinada continuam a estruturar e a desestruturar materialmente sociedades mundo afora. Os indivíduos que transcendem o tempo vivem em estado de liberdade, os demais apenas vivem enquanto o tempo transcorre.

1.3.2 A hipermídia como ferramenta de configuração espaço-temporal

A remodelação do espaço e do tempo na web conduz ao uso do hipertexto (ou hipermídia), capaz de desarticular padrões históricos e cronológicos dos acontecimentos e associar fatos de acordo com predileções do usuário (CASTELLS, 1999a). Este recurso rompe a linearidade textual por interferência direta do usuário, possibilitando uma mistura de temporalidades linguísticas amparadas por bancos de dados, que recuperam o passado e organizam o presente – uma espécie de memória formatada graças ao arquivamento infinito e à indexação de informações nos servidores digitais, quebrando barreiras espaciais.

Pode-se afirmar que a hipermídia iniciou sua caminhada antes da existência dos textos digitais, com as chamadas “proto-hipermídias”: “[...] sistemas compostos por mais de um meio de comunicação e que possibilitam, de certa forma, o acesso não linear” (GOSCIOLA, 2012, p. 108). Scolari (2008) remonta à década de 1930 para explicar as origens do hipertexto através das ideias do engenheiro Vannevar Bush, à época vinculado ao *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), nos Estados Unidos. Bush propôs abandonar a organização linear das informações e seguir um itinerário naturalmente articulado pela mente humana: a leitura por associação.

A partir deste raciocínio, o cientista idealizou o Memex (*Memory Extension*), dispositivo de uso individual com capacidade de armazenar, articular e unir dados de fontes diversas, os quais poderiam ser consultados de maneira rápida e flexível. O pensamento de Bush está condensado no artigo *As We May Think*, publicado, em 1945, no *Atlantic Monthly*.

Os ideais de Bush começaram a ser concretizados vinte anos após essa publicação. Ted Nelson, criador do sistema de gestão de redes textuais nomeado Xanadu, foi o primeiro a utilizar a palavra hipertexto, em 1965, para designar estruturas complexas não sequenciais.

Para Nelson, a rede hipertextual funcionava como uma espécie de arquivo geral com capacidade de agregar e associar todos os tipos de dados (SCOLARI, 2008). Tanto os estudos de Bush quanto os de Nelson serviram de base para as escolas científicas posteriores que desembocam na contemporaneidade.

A origem da hipermídia reporta aos desenvolvimentos tecnológicos e estéticos. Na contemporaneidade, os conceitos de hipermídia e multimídia estão diretamente relacionados ao uso das novas mídias – meios digitais com mais de uma mídia que constituem e transformam a linguagem hipermidiática. “Em arte, entretenimento, ciência e comunicação ocorrem encontros de técnicas e tecnologias que da síntese das linguagens resulta em uma forma de expressão inteiramente nova” (GOSCIOLA, 2012, p. 109).

Para Nojosa (2012), o hipertexto supera a dicotomia estabelecida entre as tradições oral e escrita. A primeira está ligada à narrativa pública não autoral, mítica e retórica. A segunda segue ideais de autoridade e lógicos da estrutura do texto. “O hipertexto propicia um imaginário híbrido capaz de sustentar uma relação flexível entre os interesses sociais das tradições da oralidade e da escrita” (NOJOSA, 2012, p. 69).

A escrita clássica sofreu constantes interferências da pluralidade das escritas modernas. Na modernidade, a língua nacional e étnica ajudou no processo de controle político e dominação de territórios, neste último servindo tanto aos grupos dominantes quanto às minorias étnicas de resistência. Na era da globalização, surge uma nova resistência com a expansão da diversidade cultural, política e linguística articulada em comunidades virtuais. “A própria dinâmica da desterritorialização imposta pela globalização, credenciou uma nova organização social no território virtual” (NOJOSA, 2012, p. 70).

As tradições da oralidade e da escrita são linguagens que utilizam mecanismos políticos e cognitivos para realizar controles distintos, formando mundos simbólicos díspares e, até mesmo, excludentes. A oralidade exige mediação de interlocutores que expõem suas ideias no debate e a teatralidade do corpo. Ela conduz à sociabilidade, ao diálogo, às obras abertas e colaborativas. Já a escrita tem apelo ao seu caráter instrumental. Liga-se à lógica, ao controle, à ciência, à autoria em obras fechadas e à coerção. O hipertexto encontra-se, para Nojosa (2012), em um ponto intermediário do ambiente digital:

O hipertexto é um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc. Dessa forma, as narrativas digitais superam as limitações da tradição da oralidade e da escrita, pois não buscam sentido em isolar ou

fragmentar o sentido do texto ou do discurso, mas, ao contrário, em ampliar a rede de significações (NOJOSA, 2012, p. 74).

A hipermídia rompe a linearidade textual e permite uma mistura de temporalidades linguísticas, em um modelo organizativo construído com interferência – e, por que não, coautoria – do usuário no ambiente digital, propício à interação e à busca por múltiplas significações. Ela favorece a formação de narrativas remixadas pelo internauta, sendo importante ferramenta na reconstrução da memória coletiva. Conforme defende Ferrari (2012), a hipermídia propõe a quebra da hegemonia do código verbal e estimula a passagem do modelo linear emissor-receptor para paradigmas complexos capazes de gerar visões fragmentadas da realidade.

A natureza híbrida da hipermídia replica o rizoma de Deleuze e Guattari. Os autores acreditam que qualquer produto cultural existe como objeto de articulação, traço de fragmentos sociais, com territorialidades, em que são perceptíveis movimentos de rupturas e tensões decorrentes da desterritorialização e desestratificação, constituindo um agenciamento.

Para compreendermos o hipertexto, um dos melhores arquétipos é a ideia de rizoma como um modelo de crescimento orgânico caótico, em que não precisa seguir hierarquia de informação, e é interceptado e ramificado pela contaminação em diversos meios, de forma que todos os extremos, meios e entradas funcionem como uma comunicação em rede (NOJOSA, 2012, p. 75).

Rompe-se a lógica linear e a ideia de unidade do produto cultural. O foco passa à multiplicidade das partes, em certo grau autônomas, porém interconectadas ao todo. Desta maneira, abandona-se a perspectiva centralizadora de regulação e fomenta-se a organização em organismos dinâmicos, rizomáticos, sem entrada e saída definidas.

No jornalismo, o abandono da linearidade viabilizado pelo uso de links pode lançar alternativas para versões diversas de uma mesma notícia. Enquanto a mídia massiva tradicional fornece ao público um único percurso informativo, no padrão de emissão *broadcasting* de “um para muitos”, a hipermídia possibilita diferentes leituras formatadas pelo próprio usuário, ainda que limitadas aos textos, às imagens e às fontes previamente disponibilizados pelo produtor de conteúdo digital (CANAN, 2012). “Uma página *on-line* extrapola as noções espaço-temporais clássicas do jornalismo porque introduz o hipertexto como recurso de organização e conexão lógica de conteúdos” (FRANCISCATO, 2005, p. 244. Grifo do autor).

No contexto da hipermídia, o receptor assume papel mais autônomo e reagente diante da notícia e ganha mais condições de compreender as informações sob ângulos variados. Associadas a este contexto estão a interatividade e a liberdade do internauta em visitar outros sites a fim de ampliar seu campo de visão. Vale ressaltar, no entanto, que este olhar diferenciado por parte do público para a formação do conhecimento depende também de uma educação para as novas mídias, ou seja, do domínio das potencialidades da web para um usufruto mais complexo e aprofundado (CANAN, 2012).

Um produto hipermidiático exige ainda um bom roteiro para entrelaçar os links, constituir um discurso coerente e comunicar bem. Ele deve pensar as possibilidades de uso da mídia e cativar o público: “Mais que cativar, o roteiro da hipermídia pode e deve ser um instrumento potencial de educação para a mídia” (CANAN, 2012, p. 144).

A articulação dos blocos informativos com fins de organização dos dados multidimensionais da rede concentra-se exatamente no roteiro, que ajuda o público a se movimentar na não linearidade da hipermídia. Desta forma, pode-se entender melhor o processo de produção das informações e contribuir para a construção do conhecimento mais plural. Embora a internet não se apresente como um ambiente totalmente transparente, esta percepção ajuda no processo de escolha do leitor e na educação para as novas mídias (CANAN, 2012).

O uso do hipertexto ainda põe em discussão a própria estrutura da notícia jornalística e a manutenção da pirâmide invertida. A inserção de hiperlinks na webnotícia desobriga o usuário a seguir a leitura vertical iniciada no *lead* e finalizada com as informações consideradas menos relevantes pelo jornalista. Abre-se caminho para uma reorganização informativa orientada pelos interesses do internauta, justificando a proposta de revisão da pirâmide invertida apresentada por Canavilhas (2007a).

O pesquisador acena para a adoção de uma arquitetura no formato de pirâmide deitada, na qual a notícia se desenvolve horizontalmente com informações sobre cada elemento que a compõe (o que; quem; quando; onde; como; por quê). Assim, o leitor conduz a leitura a sua maneira em rotas abertas pelo jornalista durante o processo de elaboração textual, distribuídas em camadas de hiperlinks. Apesar das vantagens e adequações ao contexto digital, a arquitetura aberta pode aportar problemas de coerência, ante as várias possibilidades de leitura. Para evitar dificuldades desta natureza, cabe ao produtor lançar pistas ao leitor a fim de que este não se perca no mar de bits, além de contar com um sistema de navegação de boa usabilidade, capaz de tornar a experiência ainda mais agravável ao internauta.

2 A NOTÍCIA E O CONTEXTO SOCIAL

2.1 O jornalismo como atividade social

O jornalismo profissional gera imagens da realidade coletiva ao associar técnicas de produção da notícia às ideias de construção do real e representações sociais. Este posicionamento construtivista possibilita afastar o jornalista da mera função seletiva e aproximá-lo do papel de interventor social. De acordo com Gomis (1991), o jornalismo pode ser entendido como um método de interpretação contínua da realidade e o seu agente – o jornalista – atua por meio da compreensão e da expressão das realidades que o cercam, seguindo princípios profissionais e impressões próprias.

A mídia concede ao público um tempo presente social que extrapola os limites do lar e do trabalho. Produz-se uma realidade de alcance global associada ao acompanhamento do trabalho jornalístico cotidiano e à sedimentação das informações midiaticizadas na consciência do público. Sem a referência dos meios de comunicação, perdem-se rituais e informações integrantes da vida diária (GOMIS, 1991).

Pensar a realidade como produto exclusivo da mídia pode, no entanto, conduzir a ideias vinculadas à ilusão, à distorção ou à simulação da realidade social, a qual é percebida como resultado de uma atividade especializada. Esses entendimentos podem desvincular a concepção da realidade social e a prática jornalística, tornando a primeira totalmente autônoma. Noutra linha de pensamento, a mídia constrói a realidade social por meio de sua realidade discursiva, o que cria uma completa dependência da construção da realidade social ao trabalho jornalístico, minorando a interferência da vida cotidiana na construção do real (ALSINA, 2009).

Conforme analisam Berger e Luckmann (2004a), a realidade social pode ser compreendida a partir da vida cotidiana interpretada pelos seres humanos e dotada intersubjetivamente de sentido, uma vez que estabelece um mundo coerente compartilhado pela comunidade de comunicação. Esta é a base para a formação da realidade intersubjetiva do senso comum e na qual se dão os processos de institucionalização de práticas e papéis. Desta forma, argumenta Alsina (2009), o jornalismo assume papel legítimo e institucional na construção de uma realidade social pública e relevante mediante o uso de aparatos da mídia.

Ao considerar a mídia como única produtora da realidade social, o modelo ainda pode erroneamente desconsiderar a interação da audiência. O processo de construção do real remete

à produção, à circulação e ao reconhecimento. Portanto, a mídia se estabelece como atividade socialmente reconhecida e compartilhada. Forma-se, assim, um contrato pragmático fiduciário entre jornalista e público a ser constantemente renovado. O processo de autolegitimação da mídia serve para garantir o uso adequado do discurso pela audiência e reforçar a credibilidade e o papel social do jornalismo (ALSINA, 2009).

Em estudo focado na contribuição do telejornalismo para a construção da realidade social, Vizeu e Correia (2008) apontam a informação noticiosa como forma de conhecimento e lugar de referência. A união dialética entre teoria e prática baseia o conhecimento jornalístico e fundamenta o método de apuração, edição e apresentação da matéria. Os autores alertam sobre a necessidade de não ocultar nem silenciar aspectos da realidade na construção da notícia e buscar uma objetividade possível, com o cuidado de não modificar dados.

Os pesquisadores também assinalam cinco operações/construções responsáveis pela produção do conhecimento no jornalismo e pela construção do real, a saber: atualidade – não necessariamente cronológica, mas sim a do noticiário; objetividade – tentativa de reprodução do fato como ocorrido; interpelação – construção de um vínculo ativo com a recepção; de leitura – posição ativa do público no âmbito do discurso, com base nos saberes da audiência; e operadores didáticos – preocupação didática do jornalista com relação à audiência. Segundo Vizeu e Correia (2008), é neste contexto que se torna possível falar do jornalismo, particularmente o televisivo, como lugar de referência.

2.1.1 A atividade jornalística e a construção social da realidade

O jornalismo profissional pode ser visto sob óticas diversas e coexistentes. A teoria do *gatekeeper*, aplicada ao jornalismo por David Manning White (1999), em 1950, restringe o jornalista ao posto de “selecionador”, conforme tradução proposta por Alsina (2009). Neste modelo, o profissional baseia suas escolhas na experiência pessoal, nas atitudes e expectativas próprias, sem interferência dos contextos social e empresarial. Segundo Wolf (2008), o estudo tem por mérito individualizar onde a ação de filtro é praticada explícita e institucionalmente.

O *gatekeeper* perdeu força diante de posicionamentos que consideram também a estrutura empresarial e condutas profissionais no processo de seleção da notícia, a exemplo da teoria organizacional de Warren Breed (1999). Alsina (2009) propõe uma crítica ao modelo do selecionador ao afirmar que os processos de seleção e elaboração de notícias não devem

ser vistos isoladamente, e sim como o resultado da interação entre fontes de informação, público e jornalistas inseridos em modalidades produtivas organizacionais.

Na perspectiva da produção da notícia, o jornalista desempenha função de partícipe imerso numa realidade socialmente construída. O profissional torna-se responsável por parte da concepção do real que rege a percepção da vida cotidiana. Baseados no empirismo da Fenomenologia, Berger e Luckmann (2004a) analisam a realidade a partir desse mundo cotidiano interpretado pelos homens e subjetivamente dotado de sentido e coerência.

De acordo com os autores, a realidade da vida cotidiana é ordenada por meio de fenômenos padronizados que parecem ser independentes da apreensão pessoal dos indivíduos. Trata-se de uma realidade objetivada, “[...] constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes de minha entrada na cena” (BERGER; LUCKMANN, 2004a, p. 38. Grifo do autor). As objetivações tornam possível a própria realidade da vida cotidiana. Elas proporcionam a significação – produção humana de sinais, os quais se agrupam em sistemas.

Conforme argumentam Berger e Luckmann (2004a), a linguagem é o sistema de sinais mais importante da sociedade. Originada na situação face a face, por meio da fala, ela permite comunicar significados que não expressam diretamente a subjetividade do “aqui e agora”. A linguagem tem a capacidade de construir símbolos abstraídos da experiência diária e fazê-los retornar como elementos objetivamente reais no contexto cotidiano. Formam-se representações simbólicas que passam a integrar a realidade da vida cotidiana e a apreensão dela pelo senso comum.

Também o jornalismo é capaz de proporcionar este destacamento e comunicar fatos distantes, sem a experiência direta do público. Apoiada em sistemas de sinais escritos e visuais, além da linguagem falada, a comunicação social reverbera acontecimentos geograficamente deslocados, majorando o acúmulo de significações e experiências dos sujeitos sociais.

A realidade da vida cotidiana é intersubjetiva com significados compartilhados entre os indivíduos que a constituem, numa promoção da atitude natural do senso comum. O aporte intersubjetivo permite a interação social, sendo a situação face a face a de maior importância na experiência com o outro. Nesta circunstância, há a colisão do “aqui e agora” dos participantes, permitindo o máximo acesso à subjetividade mútua. Embora o outro possa constituir-se como real sem o encontro face a face, é nessa situação que o termo ganha sentido

pleno e na qual os sujeitos apresentam seu caráter interior com maior facilidade (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

Os esquemas tipificadores, responsáveis por padrões de apreensão do outro, sofrem interferências no encontro face a face e passam por uma constante negociação. Na medida em que se afastam do processo interativo, as tipificações tornam-se anônimas, generalizadas – as evidências caminham da relação direta à indireta e passam por diferentes graus de interesse e intimidade. Segundo Berger e Luckmann (2004a, p. 52): “A realidade social da vida cotidiana é portanto apreendida num contínuo de tipificações, que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face”.

A partir desses esquemas preestabelecidos, formam-se tipologias que afetam a interação com os outros e estabelecem papéis socialmente aceitos. Na relação face a face, os tipificadores podem sofrer modificações diante da interferência dos indivíduos e da consequente quebra dos modelos preconcebidos (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

A realidade socialmente construída produz e é produzida pelo ser humano, protagonista da organização social. A atividade humana formula padrões naturalizados pela repetição acrítica. O hábito estreita opções e diminui a pressão psicológica das escolhas. As tipificações recíprocas de ações habituais configuram o contexto da institucionalização da atividade. As instituições implicam historicidade e controle da conduta humana. Elas objetivam a realidade, cristalizam ações e são transmitidas entre gerações. Neste cenário, formam-se papéis sociais que estabelecem a conduta, representam e tornam possível a ordem institucional (BERGER; LUCKMANN, 2004a).

As instituições foram criadas para aliviar o indivíduo da necessidade de reinventar o mundo a cada dia e ter de se orientar dentro dele. As instituições criam “programas” para a execução da interação social e para a “realização” de currículos de vida. Elas fornecem padrões comprovados segundo os quais a pessoa pode orientar seu comportamento (BERGER; LUCKMANN, 2004b, p. 54, 55).

Moscovici (2003) relaciona o direcionamento da percepção humana às representações sociais. Elas convencionam objetos, pessoas e acontecimentos em formas ou categorias a serem compreendidas e codificadas por todos os indivíduos; impõem grande força aos sujeitos, numa combinação entre as estruturas independentes do pensamento individual e a tradição social que está além da informação presente. São entidades coletivas que possuem vida própria, podendo mudar ao longo do tempo, coexistir ou se sobrepor umas às outras.

As representações pretendem tornar familiar algo não familiar, isto é, tornar comum o incomum, numa promoção da percepção de segurança coletiva baseada em hábitos já constituídos e mergulhados no contexto social: “[...] os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito” (MOSCOVICI, 2003, p. 54). Este roteiro é inicialmente oposto ao da ciência, cujo objetivo é transformar o familiar em não familiar, ainda que o último possa transfigurar-se em senso comum.

O familiar caminha ao lado do consenso. Já o não familiar ameaça a ordem estabelecida e, por isso, impõe sentimentos de medo e rejeição. A tensão entre eles, todavia, não descarta o processo criativo típico ao ser humano por meio do qual se formam novas estruturas representativas da sociedade, muitas vezes referenciadas em velhos conhecimentos, numa espécie de rede circular. A sensação de familiaridade guia a ação coletiva a seguir moldes reificados, naturalizados pela tradição, mas não significa eliminar a formação de novos padrões, o que tornaria a sociedade estática.

A familiarização atua em conjunto com o pensamento baseado na memória e em conclusões passadas. O mecanismo da memória tenta ancorar (classificar e nomear) ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, contextualizadas. O recurso às conclusões passadas conduz à objetivação: concretizar no mundo físico algo até então abstrato. Os dois mecanismos transferem o incomum à esfera particular, na qual é possível interpretá-lo, e o reproduz no universo tangível, controlável (MOSCOVICI, 2003).

Para Hall (1997), representação significa produzir sentido por meio da linguagem, que permite a expressão de pensamentos complexos e a comunicação entre pessoas. Dois modelos estão implicados na formação da representação. O primeiro deles é o sistema de representações mentais, por meio do qual os pensamentos sobre objetos, pessoas e sentimentos podem ser compreendidos graças à interpretação aproximada do mundo estabelecida pela cultura compartilhada. O segundo sistema de representação é a linguagem compartilhada. Ela permite intercambiar sentidos e conceitos entre aqueles que partilham do mesmo grupo de palavras escritas, sons e imagens que portam sentido – os signos.

O sentido, explica Hall (1997), é construído pelo sistema de representação. Ele não é inerente ao objeto, à pessoa ou à palavra, mas sim produzido pelos seres humanos e, por esse motivo, não é definitivo, pode ser alterado em concomitância às mudanças de convenções sociais e linguísticas. A partir de um enfoque construtivista do sentido, é possível também reconhecer o caráter público e social da linguagem. Nem as coisas em si, nem os usuários

individuais da linguagem podem firmar o sentido da língua, uma vez que ele é socialmente constituído mediante representações.

2.1.2 Notícia: um produto de construção social

A notícia jornalística compõe a realidade social. O jornalismo profissional interpreta a realidade sucessivamente e produz versões concentradas, dramatizadas e sugestivas dela, adotando posição ativa no mundo cultural. Essa interpretação jornalística decifra a realidade do que acontece no mundo e assume o sentido e alcance dos fatos transmitidos pelos meios de comunicação (GOMIS, 1991). Ao produzir a notícia, o jornalista deve conectar sua interpretação da realidade à interpretação do público para que a história narrada tenha aceitação intersubjetiva (ALSINA, 2009).

A matéria-prima do jornalista é a realidade social de primeiro grau instituída pelas fontes de informação, que conferem sentido ao fato observado a partir da objetivação e da contextualização numa visão própria. Ao comunicador, cabe a tarefa de recontextualizar os acontecimentos no intuito de encontrar um sentido socialmente responsável e relevante, numa objetivação de segunda ordem (ALSINA, 2009).

Este procedimento busca minorar a formação de uma realidade socialmente orientada pelas fontes e a consequente reprodução simbólica do poder institucional dominante, especialmente diante das chamadas fontes oficiais. Conforme declaram Hall et al. (1999), a mídia não cria uma notícia de maneira autônoma, mas sim em conjunto com as fontes. A articulação entre as partes apresenta-se como uma tentativa dos meios de comunicação de manter padrões associados à imparcialidade, ao equilíbrio e à objetividade, em oposição ao controle informativo.

Por outro lado, também o jornalista pode tentar manobrar suas fontes a fim de obter informações vinculadas a valores pessoais e profissionais. Esta conduta distancia-se de ideais de neutralidade e concede ao comunicador o papel de participante no processo de construção da notícia e, consequentemente, da realidade da vida cotidiana.

O caráter negativo do agir estratégico evidencia-se na busca do efeito perlocucionário quando, por meio da linguagem, se pretende induzir o ouvinte a uma ideia ou ação sem que esse objetivo seja abertamente explicitado pelo falante. Os efeitos perlocucionários só são obtidos quando o falante simula intenções ilocucionárias, ou seja, direcionadas ao

entendimento linguístico. Para isso, faz-se uso de uma pseudolegitimação, uma vez que simulada unilateralmente (HABERMAS, 2002).

O agir estratégico fere, então, a sinceridade característica do agir comunicativo, orientado à integração social. Neste caso, “[...] a força consensual do *entendimento* linguístico, isto é, as energias de ligação da *própria linguagem*, tornam-se efetivas para a coordenação das ações [...]” (HABERMAS, 2002, p. 71. Grifo do autor). Logo, o processo interativo rumo ao acordo comunicativo entre os sujeitos.

A orientação da notícia também se relaciona ao enquadramento dos fatos, aos enfoques utilizados pelo jornalista na concepção narrativa dos acontecimentos. Esta prática integra a rotina das redações dos veículos de comunicação e pode ser notada desde a apuração até a edição da notícia. A teoria do *framing* ou do enquadramento, desenvolvida pelo sociólogo Erving Goffman (2012), na década de 1970, tenta explicar as abordagens diversas observadas na mídia.

Três escolas, relacionadas entre si, contribuíram com a teoria do enquadramento, no ramo da Sociologia Interpretativa: o Interacionismo Simbólico da Escola de Chicago, a Fenomenologia e a Etnometodologia. A primeira, cujo expoente é Herbert Blumer, dominou as Ciências Sociais durante os primeiros trinta anos do século XX, nos Estados Unidos. Esta concepção sugere que o homem atua de acordo com o que as coisas significam para ele, sendo este significado consequência da interação (SÁDABA, 2008).

A Fenomenologia de Alfred Schutz aproxima-se do Interacionismo Simbólico. Ela identifica a vida cotidiana como a realidade suprema e parte de uma “atitude natural” intersubjetiva que acolhe fenômenos sociais. Já a Etnometodologia, centrada nas pesquisas de Harold Garfinkel, investiga a contingência da realidade social enquanto construção social. Os estudos focam as circunstâncias que dão sentido aos eventos cotidianos (SÁDABA, 2008).

No plano geral, a Sociologia Interpretativa ocupa-se das significações da realidade formuladas pelos sujeitos a partir da interpretação. Este modelo concentra atenção nos processos intersubjetivos de interação, que têm papel relevante na chamada “definição da situação”, conceito formulado por William Isaac Thomas, em 1923. A ideia parte do princípio que o ser humano responde às situações de maneira indireta, uma vez que consulta suas atitudes e conhecimentos antes de atuar. A interpretação pessoal e o consequente conhecimento prévio da situação condicionam respostas e ações (SÁDABA, 2008).

A abordagem de Goffman a respeito do enquadramento concentra-se na organização da experiência do ator individual, numa perspectiva situacional, embora resguarde um

significado social comum. Insere-se neste contexto a explicação desse pesquisador para os termos quadro (*frame*) e “análise de quadros”:

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um *slogan* para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (GOFFMAN, 2012, p. 34. Grifo do autor).

Reconhecer acontecimentos conduz à identificação, à interpretação e à hierarquização das múltiplas realidades na mente humana. As respostas dos sujeitos envolvem o uso de esquemas primários de interpretação, os quais convertem “[...] em algo significativo aquilo que de outro modo seria um aspecto da cena desprovido de significação” (GOFFMAN, 2012, p. 45). Os esquemas primários podem se apresentar como um sistema de entidades e regras ou não possuir forma articulada aparente. Em ambos os casos, eles permitem ao usuário perceber e identificar ocorrências.

Duas são as classes de esquemas primários. Os naturais vinculam-se a ocorrências não dirigidas, devidas a determinantes “naturais” independentes da atuação humana, a exemplo de fenômenos biológicos e físicos. Já os esquemas sociais caminham em sentido oposto: eles incorporam a vontade de agentes vivos, em especial o ser humano, cujas atividades são classificadas como “ações guiadas” (*guided doings*), as quais submetem os agentes a padrões e avaliações sociais baseadas em aspectos como honestidade, eficiência, segurança e bom gosto. Ambas as classes podem intercambiar-se e envolver os sujeitos sociais em ações naturais (GOFFMAN, 2012).

Os esquemas primários naturais e sociais alcançam não somente os participantes de uma ação, mas também os observadores. O simples ato de olhar ou desviar a atenção de uma atividade já indica um posicionamento diante dela que pode ser resultante do acionamento de esquemas primários (GOFFMAN, 2012). Este pressuposto evidencia uma participação ativa no mundo social, ainda que do ponto de vista da observação, que deve ser apreciada.

No jornalismo, o processo de construção da notícia pode recorrer aos artifícios do enquadramento para a seleção informativa, a elaboração de matérias e a edição do produto final. A notícia carrega traços do enquadramento promovido pelo jornalista ao considerar fatores subjetivos, profissionais e mercadológicos das empresas de comunicação.

Sádaba (2008) analisa o conceito de *frame* vinculado aos estudos dos meios de comunicação através de coberturas de movimentos sociais, que ganharam força com as manifestações estudantis da década de 1960. Naquela época, os movimentos sociais ganharam dimensão política e estruturaram-se em estratégias mais concretas. O processo de mobilização e persuasão em busca da ação coletiva passou a contemplar o uso do *frame* e dos símbolos no processo de construção social da realidade.

Os movimentos sociais configuram-se como agências significativas com a necessidade de difundir seus quadros particulares de ação coletiva nos meios de comunicação, vistos como arenas de longo alcance público. Quanto maior for a identificação dos quadros com a vida cotidiana, maior será o êxito de socialização deles (SÁDABA, 2008). Neste cenário, entretanto, a atuação midiática pode desfigurar os *frames* dos movimentos sociais devido a nexos de enquadramento particulares.

A recontextualização dos fatos primários executada pelo jornalista pode seguir lógicas produtivas baseadas na cultura de massa padronizada e na atualidade temática cujo mecanismo regulador encontra-se na credibilidade (BECHELLONI, 1986 apud ALSINA, 2009). Nos dois casos, as lógicas de produção estão diretamente vinculadas aos interesses do mercado e aos índices de audiência.

Uma terceira postura considerada por Bechelloni aposta na lógica do serviço, inspirada em ideias pedagógicas e no cumprimento de funções sociais desvinculadas de interesses do capital. Esta perspectiva afina-se de forma mais direta ao discurso dos movimentos sociais, uma vez que se trata da difusão informativa a serviço da sociedade.

A mídia pode se configurar, na sociedade moderna, como instituição de produção e comunicação de sentido ao intermediar a experiência coletiva e a individual, fornecendo interpretações típicas para problemas típicos. Mediante seleção, organização e transformação de valores, os meios de comunicação fornecem visões da realidade ao fácil alcance do público (BERGER; LUCKMANN, 2004b).

Apesar deste posicionamento, é necessário reconhecer o poder de escolha do público, especialmente ao aproximar-se de fontes diversas de conhecimento ou ao tomar como referência as experiências pessoais de vida. A formação de um público crítico diante dos extratos de sentido construídos pela mídia pode fornecer caminhos para a conscientização quanto aos papéis sociais assumidos pela imprensa na realidade social.

2.2 A produção a partir dos valores-notícia

A notícia é a vitrine da atividade jornalística. A compreensão do processo produtivo da notícia perpassa o estudo dos critérios de noticiabilidade, na perspectiva de que este entendimento relaciona-se diretamente ao exercício da profissão. O estudo dos valores-notícia é bastante amplo e flexível. Em diversos aspectos, apresenta controvérsias quanto à categorização e à aceitação por parte dos profissionais.

Em linhas gerais, é possível afirmar que a noticiabilidade ultrapassa o conhecimento acerca do fato em si e dialoga com aspectos que circundam o acontecimento, como contexto social, subjetividade do jornalista, categoria profissional, ética, políticas editoriais e infraestrutura do veículo de comunicação. Por se tratar de atividade social, também se inserem neste panorama as relações de poder, relações com as fontes e as concepções ideológicas que podem estar embutidas no discurso.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia. [...] Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias (WOLF, 2008, p. 195, 196. Grifo do autor).

Os critérios de noticiabilidade jornalística fazem parte da agenda de discussões da comunicação social, sendo objeto em constante processo de maturação. Eles são o ponto de partida para a seleção e categorização de acontecimentos, tornando-os aptos a receberem o tratamento de notícia a ser veiculada ao público. Aplica-se a metáfora de Bourdieu (1997) sobre os “óculos especiais” com os quais o jornalista enxerga certas coisas e não outras, e vê de certa forma aquilo que vê. Assim, opera-se a seleção e construção do que é visto através desta “lente”. Mas de que maneira os fatos são categorizados? Que critérios são considerados? Sobre este assunto, Silva explica:

[...] devemos investigar a rede de critérios de noticiabilidade, compreendendo noticiabilidade (newsworthiness) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e

com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais (SILVA, 2005, p. 96).

Franciscato também reflete sobre a noticiabilidade. O pesquisador segue o pensamento ancorado na união de fatores internos e externos aos fatos durante o processo de construção da notícia jornalística. Desta forma, relata:

[...] a notícia é resultante de uma combinação complexa de elementos díspares: sua forma e conteúdo final representam a convergência de vários processos sociais [...], acentuados em complexidade pelos aspectos cultural, expressivo e emotivo impressos em sua ‘materialidade’, que lhe fazem assumir contornos particulares e, às vezes, quase únicos (FRANCISCATO, 2002, p. 04).

Percebe-se que a noticiabilidade considera as propriedades do acontecimento em si, a subjetividade do profissional, as políticas de trabalho e, ainda, fatores de cunho social. A partir deste contexto, o jornalista pondera o que e como noticiar em cada meio de comunicação, em um processo que articula padrões e rotinas das práticas produtivas, trazendo uma estabilidade necessária à profissão. Traquina (2008) vincula a previsibilidade das notícias à existência dos critérios de noticiabilidade partilhados pelos jornalistas. Eles guiam a ação do profissional diante dos fatos, mantendo uma espécie de padrão observado ao longo dos tempos.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor-notícia” (“*newsworthiness*”) (TRAQUINA, 2008, p. 63. Grifo do autor).

O pesquisador italiano Mauro Wolf (2008) compreende a operação dos valores-notícia desde a seleção dos acontecimentos até a construção da notícia, seguindo uma lógica de tipificação com objetivos práticos, que permite a seleção quase automática dos fatos e a repetição de procedimentos que tornam possível a realização cotidiana da atividade. Para ele, os valores derivam de caracteres substantivos da notícia, isto é, seu conteúdo; da disponibilidade do material e critérios do produto; do público; e da concorrência.

Os critérios substantivos articulam-se em duas vertentes: a importância e o interesse da notícia. A importância pode ser justificada com a aplicação de quatro variáveis: 1) hierarquia

dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; 2) impacto do acontecimento sobre a nação e sobre o interesse nacional, entendido como a potencialidade de repercutir sobre interesses de um país. Relacionadas a isso estão questões ideológicas e proximidade geográfica ou cultural com relação ao acontecimento; 3) quantidade de pessoas envolvidas com o acontecimento, direta ou potencialmente – este fator relaciona-se também à afinidade cultural e à distância; 4) relevância e significatividade do acontecimento em relação a desdobramentos futuros de uma dada situação.

Já o interesse da notícia passa por uma avaliação mais heterogênea e subjetiva no momento da escolha. Este fator vincula-se fortemente à imagem que o jornalista formula do público e à capacidade de entretenimento da notícia, que pode ser ilustrada pelas peculiaridades, aquilo que chama a atenção, o insólito.

Os critérios relativos ao produto interagem com aspectos de duas naturezas. O primeiro é a disponibilidade de material para o jornalista, isto é, a acessibilidade às informações e à cobertura dos acontecimentos, este último inclui estrutura e gastos. O segundo envolve as características do produto informativo em si, a adequação aos procedimentos de produção da notícia, além das capacidades técnicas e organizacionais de cada meio. Enquadram-se nestes critérios a brevidade (GOLDING-ELLIOTT, 1979 apud WOLF, 2008); a notícia resultante de uma ideologia da informação, baseada nos sistemas informativos e na evolução do jornalismo; novidade, que está relacionada à frequência do acontecimento; qualidade da história; e o balanceamento entre categorias de notícias em um produto jornalístico, como um noticiário ou uma edição impressa de jornal.

Os critérios relativos ao meio estão ligados às características específicas de cada veículo de comunicação, o que pode determinar o espaço da notícia no produto final. Os critérios dos meios também se integram aos critérios de relevância, relacionados ao público: entretenimento, criação de um produto interessante sem cair no sensacionalismo e importância da informação. A frequência é outro critério relacionado ao meio, compreendido como a união entre o tempo do acontecimento e o tempo de produção do meio. Pode-se falar, ainda, na interferência do valor-notícia do formato – limites de espaço e tempo que caracterizam o produto jornalístico e organizam a história.

Os critérios relativos ao público consideram a imagem que o jornalista tem do público, incluindo interesses, necessidades e preferências. Neste ponto, o profissional da mídia pondera sobre a linguagem ou mesmo temas que possam afetar positiva ou negativamente o público.

Por fim, Wolf (2008) apresenta os critérios relativos à concorrência, citando três tendências apresentadas por Gans (1979): a tentativa dos meios em superar seus concorrentes através da publicação do cada vez mais difícil “furo” jornalístico, o que pode resultar em fragmentação excessiva e na distorção de fatos; a geração de expectativas recíprocas entre os meios, provocando uma certa homogeneidade das coberturas; e o consequente desencorajamento de inovações. Além disso, a competição acaba por estimular a produção de parâmetros profissionais a serem seguidos pelos demais, em uma referência de atuação normalmente atribuída às maiores empresas do mercado.

Embora possam ser listados pragmaticamente e homogeneizados na cultura profissional, Wolf (2008) argumenta que os valores-notícia podem ser alterados e reajustados com o passar do tempo. O autor explica esta tendência na especialização temática dos meios de comunicação percebida em determinados períodos da história. São exemplos desta circunstância as coberturas culturais e de movimentos de opinião consolidados na sociedade civil, que podem ganhar maior espaço de acordo com o contexto e os interesses sociais. Também a divisão de profissionais por setores de cobertura em uma redação pode definir o peso dado a cada assunto pelo veículo de comunicação.

Ainda assim, é reconhecível um certo grau de estabilidade dos critérios de noticiabilidade. Traquina (2008) percorre três momentos históricos da humanidade para afirmar que os valores-notícia básicos têm variado pouco: as primeiras décadas do século XVII; as décadas de 30 e 40 do século XIX; e os anos 70 do século XX. No primeiro período, apoiada nos estudos do historiador Mitchell Stephens (1988), a análise inicia-se com o precursor dos jornais diários: as “folhas volantes”, publicações não regulares e normalmente dedicadas a um único tema. Podiam conter avisos moralistas e religiosos.

Nelas, já é possível perceber predileções por milagres, catástrofes, fatos bizarros, crimes, mortes, guerras, trocas comerciais internacionais, assuntos insólitos e a noticiabilidade do protagonista do acontecimento com preferência por pessoas da elite. Um fato curioso é o pouco espaço dado a informações locais, pois as “folhas volantes” eram destinadas a fatos de difícil acesso pelo público em geral.

Saltando à década de 30 do século XIX, a mídia presencia o surgimento da *penny press*, caracterizada por linguagem acessível, sensacionalismo e edições baratas, com representações nos Estados Unidos e na Europa. A *penny press* relega a segundo plano as notícias sobre política e economia, foco das publicações periódicas do século XVIII, e evidencia as notícias relacionadas a crimes, tragédias, escândalos, fatos surpreendentes,

humor e histórias de interesse humano. Notícias locais também ganham espaço nestas publicações (TRAQUINA, 2008).

Já nos anos 70 do século XX, Traquina acolhe valores-notícia duradouros identificados por Herbert Gans (1979 apud TRAQUINA, 2008): notoriedade do protagonista do acontecimento – pessoas anônimas são notícias apenas em casos de manifestações, desastres e crimes; atividades do governo; categoria crimes, escândalos e investigações; protestos; desastres; e acontecimentos insólitos.

Para Hall et al. (1999), a notícia se define como o produto de um processo complexo iniciado numa seleção sistemática de acontecimentos, segundo um conjunto de categorias construídas socialmente. Esta produção envolve três principais aspectos: a organização burocrática dos veículos de comunicação e de seus funcionários; a estrutura dos valores-notícia que ordenam as histórias em categorias; e o momento de construção da notícia.

O primeiro aspecto gira em torno da organização da rotina dos veículos, no caso citado pelos autores, os jornais, com áreas regulares de cobertura. Eles direcionam os profissionais a certas categorias noticiosas para organização de sua força de trabalho e da estrutura do veículo. Também a ideologia profissional para eleger os assuntos de interesse do leitor começa a estruturar o processo, numa clara conexão da noticiabilidade com o contexto social do comunicador.

Este exercício seletivo envolve a escolha de fatos que fogem ao comum. São os acontecimentos inesperados, aqueles que vão de encontro às perspectivas rotineiras pertinentes à vida social. Este aspecto é considerado, por Hall et al. (1999), como valor-notícia primário ou fundamental.

Além da singularidade, há outros valores considerados pelos autores supracitados para a construção da notícia. Integram o universo noticioso os acontecimentos da elite, dramas, sentimentos humanos, como humor e tristeza, além de esportes e episódios cujas consequências sejam negativas ou trágicas. São justamente estes elementos valorativos que o jornalismo busca sempre realçar com o objetivo de reforçar a notabilidade.

Vale ressaltar que os valores-notícia tendem a atuar em conjunto, como uma estrutura, fornecendo critérios para as práticas da rotina jornalística. E quanto mais pontos nos valores-notícia um fato tem, maior é o seu potencial noticioso (HALL et al., 1999).

Embora não estejam escritos em parte alguma, formalmente transmitidos ou codificados, os valores-notícia parecem ser largamente partilhados entre os diferentes meios de comunicação (embora tenhamos mais a dizer acerca da forma como estes são diferentemente *inflectidos* por determinados jornais) e

constituem um elemento essencial na socialização profissional, prática e ideologia dos jornalistas (HALL et al., 1999, p. 225. Grifo do autor).

O terceiro aspecto da produção social da notícia refere-se ao momento da própria construção da notícia, quando o fato é tornado compreensível ao público por meio das práticas de identificação e contextualização. A mídia trabalha com a ideia de consenso social, supondo que todos os receptores possuam e saibam usar os enquadramentos de significado e interpretação de forma equivalente, ou seja, que todos possuam a mesma estrutura. Ainda que haja diferentes opiniões, é possível voltar-se ao consenso sem o uso da violência. Esta conjuntura ajuda a construir um consenso social dando significados aos acontecimentos (HALL et al., 1999).

A identificação e a extensa categorização dos valores-notícia guiam a atividade jornalística, mas não devem ser encaradas como um rígido esquema de regras. Wolf (2008) e Traquina (2008) concordam sobre a flexibilidade da aplicação dos critérios de noticiabilidade pelos meios de comunicação, numa operação resultante da constante negociação que vai desde a seleção do acontecimento até a edição do produto final. Fatores como importância, interesse do público, linha editorial das empresas de comunicação, tempo e recursos para a cobertura permeiam as escolhas profissionais cotidianamente, com pesos medidos em cada contexto profissional e social.

Gomis (1991) afasta-se dos critérios de noticiabilidade dos manuais jornalísticos e apresenta quatro características capazes de tornar um fato notícia: resultados, aparições, deslocamentos e explosões. Esses atributos podem atuar tanto individualmente quanto em conjunto, mas não devem ser vistos como rígidas delimitações classificatórias. Segundo o autor, eles servem antes à compreensão dos processos de construção do repertório noticioso, desde a escolha dos acontecimentos até a influência que exercem sobre o público.

Os resultados estão associados à concretude dos fatos, qualidade indispensável para a produção da notícia. São exemplos desta característica os dados numéricos, as pesquisas de opinião, a conclusão de projetos e ações, os resultados de competições esportivas ou mesmo o resumo de longos processos que suscitem debates sociais. Junto a isso, a assinatura é um forte símbolo dos resultados: acordos, convênios, tratados, aprovação de leis e decisões judiciais são acompanhados por assinaturas que aludem à tomada de decisão e ao compromisso entre as partes.

O governo pode ser apontado como grande fabricante de resultados. Um fato relacionado à administração pública pode integrar a agenda midiática sempre que finalize

etapas. Uma obra, por exemplo, pode ser notícia na fase de aprovação do projeto, assinatura de convênios para execução, liberação de recursos, início dos serviços e, finalmente, inauguração. Ideologias à parte, aos veículos de comunicação cabe o anúncio dos fatos, desde que provoquem interesse social.

Por se tratar de informação segura, universal e pública, o resultado confere seriedade e praticidade à atividade jornalística, por isso é bastante utilizado pela mídia. A ideia de finalização atribuída a ele converte a ação social em verdade inequívoca, numa sugestão à objetividade e à credibilidade do fato noticioso. Além disso, o resultado responde a atos públicos previamente anunciados e tende a fomentar repercussões futuras.

As aparições simbolizam as presenças eloquentes e, em geral, públicas de personalidades que têm algo a dizer com repercussão assegurada. Em síntese, as aparições transformam opinião em notícia, num reconhecimento da importância da subjetividade. “São aparições as declarações, discursos, conferências, respostas ocasionais, frases intencionais e outras formas de opinião” (GOMIS, 1991, p. 126. Tradução nossa)¹. Por outro lado, elas também podem ser silenciosas. Em alguns casos, a simples presença física de uma pessoa famosa pode indicar um posicionamento sobre determinado fato.

Exceto por ocasião da própria morte, a iniciativa de “aparecer” é normalmente da personalidade, interessada em reforçar sua imagem na mídia e perante a sociedade, defender pontos de vista ou mobilizar a população para uma causa específica. Independente do interesse a ser defendido e da situação (natural ou programada) da aparição, é inegável que ela ajude a mobilizar a atenção pública e ativar a memória coletiva sobre um acontecimento e seus protagonistas. Neste aspecto, provoca efeitos e incentiva a produção de fatos subsequentes.

São recursos fáceis, baratos e práticos de transmissão noticiosa, pois dependem apenas do personagem e do seu grau de reconhecimento público. Também se adequam ao formato de produção jornalística ao personificarem histórias. Gomis (1991) lembra ainda que, além de pessoas, as aparições podem ser atribuídas a um grupo, setor ou problema. Datas comemorativas, comunicados de associações ou entidades e abordagens de temas sociais específicos alcançam padrão de aparições, que podem ser sugeridas por profissionais da comunicação ou por pessoas interessadas nesses temas e representações.

O terceiro aspecto elencado por Gomis (1991) diz respeito aos descolamentos, exemplificados pelos movimentos ou agrupamentos significativos, protestos, manifestações,

¹ “Son apariciones las declaraciones, discursos, conferencias, respuestas ocasionales, frases intencionadas y otras formas de opinión” (GOMIS, 1991, p. 126).

trocas de lugar, reuniões entre autoridades, eventos de grande porte, alteração de grupos ou costumes, entre outros. Para alcançarem valor jornalístico, os deslocamentos devem envolver pessoas famosas, influentes e, no caso de grupos, devem se impor pela quantidade e pelo teor inabitual. Assim, podem coincidir com as aparições ou complementá-las ao somarem personagens para a notícia.

Os deslocamentos costumam ser organizados e anunciados (viagens e visitas agendadas, eventos esportivos e políticos são facilmente enfocados pela mídia), mas também as trajetórias ocultas (sequestros, tráfico e roubos) podem ser consideradas deslocamentos. O mesmo vale para fenômenos da natureza: boletins meteorológicos, direção dos ventos e ocorrência de chuvas com movimentos e trajetórias significativos possuem valor-notícia no jornalismo cotidiano.

Em termos práticos, a utilidade dos deslocamentos passa por aspectos como a previsibilidade do acontecimento, que facilita a rotina de cobertura dos meios de comunicação; o caráter grandioso e, por vezes, espetacular dos fatos – característica bastante útil para coberturas audiovisuais; a presença de pessoas anônimas na mídia, no caso de deslocamentos grupais; e a durabilidade, que garante tempo hábil para a produção noticiosa e a consequente permanência do assunto na agenda social.

Por fim, Gomis (1991) analisa as explosões, que representam o polo negativo das ações sociais traduzido em crimes, catástrofes, desastres, acidentes e mortes. É comum as más notícias ganharem destaque nas coberturas jornalísticas devido ao teor inesperado e alarmante, quebrando a rotina da vida comum. Ao ameaçarem o equilíbrio da sociedade, as explosões atraem públicos diversos, interessados em alavancar sérios debates acerca de problemáticas sociais ou apenas seduzidos pela desgraça alheia.

Um caso emblemático é o terrorismo. A violência programada desses atos alimenta os meios de comunicação com explosões periódicas que beiram o espetáculo e alavancam a audiência. Ao mesmo tempo, os terroristas nutrem-se da midiaticização de seus atos para impor o medo coletivo. Recai-se no seguinte dilema: ignorar o terrorismo ajudaria a debilitar o movimento, porém tiraria da sociedade o direito de reconhecer o contexto que a cerca. No cerne da questão está o tratamento dado à informação. Ao enfocar o resultado mórbido do terrorismo, a mídia subjuga a discussão apurada sobre motivações e resoluções do problema.

Em geral, as explosões possuem grande poder comunicativo, pois quebram a rotina de súbito, têm fácil assimilação, despertam o sentimentalismo e a curiosidade em diferentes

públicos ao mesmo tempo. Travestidas por relevância social, as explosões circulam em velocidade acelerada e ganham a atenção de todos. Caracterizam-se, assim, como notícias.

2.2.1 A ideologia associada à produção da notícia

Considerar critérios de noticiabilidade externos ao fato em si, dentre eles a subjetividade do jornalista, a linha editorial do veículo de comunicação e as relações sociais, pode atrelar os valores-notícia ao conceito de ideologia. Inaugurado pelo filósofo francês Destutt de Tracy, em 1796, o termo foi descrito originalmente como a ciência interessada na análise das ideias e das sensações a fim de compreender a natureza humana, suas necessidades e aspirações (THOMPSON, 1999).

O conceito, no entanto, ganhou novo significado, ainda no século XVIII, a partir da ascensão de Napoleão Bonaparte, na França. Inicialmente, o estadista apoiou-se nos ideais de Destutt de Tracy e seus companheiros do Instituto Nacional para a formulação de uma nova Constituição. Nos anos seguintes, contudo, Bonaparte passou a culpar os “ideólogos” pelos fracassos do regime napoleônico ante a aproximação deles com o republicanismo (THOMPSON, 1999).

A associação da ideologia ao campo político e a carga negativa imbuída ao termo durante o período napoleônico disseminaram um vínculo a ideias errôneas, abstratas e dissociadas da realidade prática da sociedade. “A Ideologia como ciência positiva e eminente, digna do mais alto respeito, gradualmente deu lugar a uma ideologia como idéias abstratas e ilusórias, digna apenas de ridicularização e desprezo” (THOMPSON, 1999, p. 48). O sentido positivo e neutro da palavra original deu lugar ao negativo e crítico que persegue o termo até os dias atuais.

O filósofo alemão Karl Marx aproximou-se deste conceito negativo em *A ideologia alemã*, obra produzida conjuntamente com Friedrich Engels. Neste trabalho, o termo ideologia remete a algo falso, em conformidade à concepção napoleônica, promovendo uma crítica aos jovens seguidores de Hegel que acreditavam na mudança da realidade por meio da batalha no campo das ideias, desvinculando-se do contexto sócio-histórico da Alemanha. “Não ocorreu a nenhum desses filósofos indagar qual era a ligação entre a filosofia alemã e a realidade alemã, a ligação entre a sua crítica e o seu próprio meio material” (MARX; ENGELS, 2004, p. 43).

A relação dos meios de comunicação com a ideologia remete, em muitos casos, ao poder manifestado ou legitimado pelo discurso social, recurso que conduz a formas de controle social. Van Dijk (2010) aponta o controle do discurso e a sua produção como importantes condições para a prática do poder. O exercício e a expressão do poder diferenciam-se a partir das formas de acesso a gêneros, conteúdos e estilos de discursos. Neste ponto, as empresas de comunicação de massa e seus proprietários detêm o controle financeiro e tecnológico de produção e distribuição do discurso.

Por meio de investimentos seletivos, controle orçamentário, contratação (e demissão) de pessoal, e algumas vezes por meio da influência editorial direta ou diretrizes, eles podem controlar parcialmente o conteúdo ou ao menos a dimensão do consenso e dissenso da maior parte das formas de discurso público (VAN DIJK, 2010, p. 45).

A manifestação do poder social a partir de investimentos financeiros, da triagem de profissionais e da influência editorial do veículo de comunicação pode refletir na seletividade da notícia jornalística, elo entre o meio de comunicação e o público. A noticiabilidade pode, neste sentido, influenciar-se pelo ideal de controle proposto pelo detentor do poder. Uma vez que a mídia ocupa posição privilegiada na sociedade, capaz de dominar gêneros produtivos e expandir seus produtos em larga escala, ela compartilha e introduz cognições, numa promoção contínua da estrutura ideológica de um grupo ou classe.

A seletividade de assuntos veiculados em meios jornalísticos pode apresentar-se como estratégia de controle do conhecimento. A escolha de protagonistas normalmente encaminha a notícia à elite e ao seu estilo de vida, reproduzindo a ideologia representativa da classe dominante. O teor comunicativo pode ser distorcido pela divulgação seletiva de informações ou pela limitação do acesso a elas, a fim de favorecer os grupos poderosos (VAN DIJK, 2010).

O papel de reproduzidor das relações de exploração capitalistas também é atribuído à mídia por Althusser (1970). Para esse filósofo francês, os veículos de comunicação são exemplos de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), formados por uma pluralidade de instituições de natureza privada, que funcionam prevalentemente por meio da ideologia. A religião, escola, família, sistemas jurídico e político, sindicatos e representações culturais também são considerados AIE. Os Aparelhos Ideológicos de Estado diferem do Aparelho de Estado (AE), o qual é qualificado pelo caráter unitário, público e repressivo, funcionando predominantemente pelo uso da violência. O AE é constituído pelo governo, administração, exército, polícia, tribunais, prisões, entre outros.

A partir da reprodução ideológica da classe dominante, o discurso midiático pode assumir efetivamente a posição de legitimador do processo de controle social, ou seja, de Aparelho Ideológico de Estado, ainda que inconscientemente. Ao disseminar o discurso dos definidores primários, conceituados como fontes capazes de direcionar tópicos e comandar ações subsequentes, os meios de comunicação subordinam-se às ideologias das fontes privilegiadas de poder e assumem papel secundário na agenda social. Embora seja possível observar certa autonomia da mídia em aspectos relacionados à produção de notícias e à adequação do seu idioma público, ela continua a operar dentro de limitações ideológicas (HALL et al., 1999).

Para os estudiosos da Escola de Frankfurt, a atuação dos meios de comunicação de massa está diretamente relacionada à mercantilização de ideias, numa produção voltada aos interesses do capital, representado pelas classes dominantes. A chamada indústria cultural promove a standardização dos produtos, homogeneiza as necessidades das massas e estimula o consumo. A cultura converte-se em mercadoria, em um processo de subordinação da consciência à razão capitalista (RÜDIGER, 2005).

A ideologia posiciona-se de maneira central na discussão dos cientistas sociais frankfurtianos, sobretudo nas figuras de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Na visão desses filósofos alemães, a indústria cultural cria estratégias para a manipulação das massas por meio da reprodução mecânica de estereótipos capazes de envolver o público numa realidade construída pela elite capitalista. “A ideologia cinde-se entre a fotografia da realidade bruta e a pura mentira do seu significado, que não é formulada explicitamente, mas sugerida e inculcada” (ADORNO; HORKHEIMER, 2000, p. 195). Fórmulas e moldes esquematizam desejos e mantêm a massa sob as rédeas dos detentores do capital, numa manutenção de posições sociais.

A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões da produção devem responder. Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita de uma série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho. Essa situação não é o resultado de uma lei da evolução da tecnologia enquanto tal, mas de sua função na economia atual (MATTELART, 2011, p. 77, 78).

O debate sobre poder ideológico apontado pela Escola de Frankfurt ecoa sobre o padrão de noticiabilidade jornalística. Ao categorizar fatores externos ao acontecimento como

valores-notícia, passe-se a um campo de atuação que envolve subjetividade e relações sociais, características capazes de mascarar opiniões e interesses classistas e de imputar valores e cognições favoráveis ao sistema, numa negação da liberdade. Há, contudo, um campo intermediário inexplorado pelos frankfurtianos: as leituras diversas realizadas pelo receptor da mensagem a partir de experiências particulares.

Hall (2003) propõe um processo comunicativo baseado numa estrutura produzida e sustentada na articulação de momentos distintos, porém interligados – produção, circulação, distribuição/consumo e reprodução. Nesta estrutura, as práticas mantêm suas próprias formas e condições de existência, assim, ainda que cada momento seja necessário ao circuito, nenhum deles garante o seguinte. O produto, codificado sob a forma discursiva, circula e traduz-se em práticas sociais para que o circuito se complete e produza efeitos após a decodificação do receptor. Se nenhum sentido é apreendido, não há consumo. Se o sentido não é articulado em prática, não há efeito.

Segundo os princípios de Hall (2003), tanto o processo de codificação quanto o de decodificação do evento comunicativo são diretamente influenciados por estruturas de sentido, considerando referenciais de conhecimento, relações de produção e infraestrutura técnica. Nesta troca comunicativa, no entanto, as estruturas de sentido do codificador-produtor e do decodificador-receptor podem não ser iguais, proporcionando diferentes graus de simetria na apreensão do discurso, ou seja, formas diversas de captação da mensagem.

Três posições hipotéticas aplicadas ao discurso televisivo podem exemplificar a não correspondência entre codificação e decodificação. A primeira refere-se à posição hegemônica-dominante, a qual representa o ideal da comunicação perfeitamente transparente, numa operação do código dominante por meio do código profissional. A segunda posição é a do código negociado, que possui elementos hegemônicos nas grandes significações, mas faz suas regras em nível local e mistura elementos de adaptação e de oposição. No terceiro exemplo, o telespectador compreende os teores conotativo (abstrato) e denotativo (literal) presentes ao discurso, entretanto decodifica a mensagem de maneira globalmente contrária, a partir de um referencial alternativo, um código de oposição (HALL, 2003).

A decodificação por código negociado apresenta-se como uma opção plausível, inclusive quando aplicada ao ambiente web, aberto a novas relações hierárquicas entre produtor e usuário. A partir de estruturas próprias de sentido, o receptor mostra-se capaz de reconhecer ao menos uma parte do teor ideológico do evento comunicativo e adaptá-lo em seu

contexto social. Este reposicionamento discursivo é o primeiro passo para a liberdade proposta pela internet.

A construção de significados baseados em um atributo cultural ou em um conjunto de atributos inter-relacionados corresponde, para Castells (1999b), ao conceito de identidade. Na conjuntura da sociedade em rede, os atores sociais instituem fontes de significado edificadas a partir de um processo de autoconstrução e individualização, diferentemente dos papéis, definidos por normas de instituições sociais. O autor classifica três formas e origens de identidades construídas em um contexto caracterizado por relações de poder: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto.

A identidade legitimadora é introduzida por instituições dominantes com vistas à expansão de sua dominação. Já a identidade de resistência é criada por atores que ocupam posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, formando trincheiras de resistência e sobrevivência baseadas em princípios distintos dos que entremeiam as instituições sociais. Por fim, a identidade de projeto constitui uma nova identidade construída por atores sociais, sendo ela capaz de redefinir a posição que seus produtores ocupam na sociedade e transformar a própria estrutura social. Amparadas pelo dinamismo das relações sociais, as identidades se transmutam e, portanto, não constituem uma essência ou contêm valores fora do contexto histórico (CASTELLS, 1999b).

A constituição de identidades na internet perpassa aspectos vinculados à interatividade, à quebra da hierarquia produtiva e à redefinição de posições entre sujeitos. A partir da resistência, observam-se tentativas de reposicionamento de produtores e usuários, incitando novas estruturas de sentido que atravessam a ordem comunicativa. Ainda sob a influência de estruturas de poder, franqueia-se o caminho para uma nova dinâmica social de alcance global capaz de influenciar a vida instituída fora do espaço virtual.

2.2.2 A noticiabilidade na web

A discussão sobre a noticiabilidade jornalística está credenciada a todos os meios de comunicação, considerando as especificidades de cada um deles no processo de seleção, construção e veiculação da notícia. O conjunto de valores-notícia guia a atividade jornalística, numa standardização das rotinas produtivas que permite a realização de ações em tempo hábil e em formato uniforme, ao mesmo tempo em que inibe inovações cotidianas. Estes

elementos permitem uma compreensão mais global, embora não conclusiva, acerca da extensão dos processos produtivos da notícia, que superam categorizações estruturais.

A notícia carrega consigo o contexto social que cerca o profissional, as empresas e o público. Reconhecer estas características nos fatos e transportá-las para a mídia fazem parte da rotina diária das redações. No ambiente virtual on-line, que desconhece limites espaciais e integra plataformas diversas, mantém-se relevante considerar critérios que ajudem a guiar o fazer jornalístico, sem perder de vista o ofício de qualidade e a profissionalização, especialmente diante da cultura da velocidade imposta pelo tempo real e da atualização quase indiscriminada em fluxo contínuo.

Ao transportar a teoria à prática produtiva na web, é preciso considerar as potencialidades consolidadas pelas tecnologias digitais, entre elas multimídia, interatividade, hipertextualidade, instantaneidade e personalização de conteúdo. A harmonização entre a tecnologia e os valores-notícia pode ser elemento chave para o êxito da informação jornalística contextualizada e aprofundada, tanto quanto na proposta dos meios *broadcasting*, embora este objetivo nem sempre seja alcançado.

A renovação de processos produtivos no webjornalismo, ainda em fase de consolidação, não é sinônimo de rupturas e abandono de velhas fórmulas. Trata-se da evolução e reconfiguração diretamente influenciadas por questões técnicas e sociais que atingem tanto o jornalista, que pode assumir papel de verdadeiro articulador de informações, linguagens e temporalidades, quanto o público, entusiasta de modelos participativos.

Mesmo assim, está claro que a noticiabilidade de um acontecimento sempre depende de uma rede extremamente complexa de critérios de seleção e de construção discursiva estabelecidos entre as empresas jornalísticas e a comunidade interpretativa dos jornalistas: se, por um lado, os critérios de relevância são flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros, por outro, são sempre considerados em relação à forma de operar do meio de comunicação que produz a informação (AGUIAR, 2009, p. 179).

A retomada da categorização proposta por Wolf (2008) e respeitada por Traquina (2008) solidifica a proposta de noticiabilidade na web. Os critérios substantivos baseados na importância e interesse do público continuam presentes, com variáveis que remetem à notoriedade dos personagens envolvidos nos acontecimentos, proximidade cultural e geográfica, novidade, atualidade, notabilidade, fatos surpreendentes, conflitos e crimes.

Os critérios referentes ao contexto do processo produtivo merecem atenção na web. Fatores como estrutura para cobertura dos acontecimentos e concorrência permanecem

praticamente intactos. Já o fator do equilíbrio deixa de ser determinante, especialmente nas seções de “Últimas Notícias” dos portais jornalísticos. A atualização contínua flexibiliza a repetição temática, e a própria ideia de tempo real favorece a excessiva fragmentação do discurso narrativo em busca de novos detalhes da notícia.

Quanto aos critérios específicos de cada meio, cabe o debate sobre a inserção no mercado do jornalista multitarefa e multiplataforma, cuja postura pode influenciar a cobertura das notícias. Um único profissional passa a agir como repórter, fotógrafo, cinegrafista e articulador multimídia. Tudo isso realizado em tempo bastante reduzido, beirando a instantaneidade entre as fases de seleção, produção e publicação da notícia. Essa prática é visualizada no portal NE10, no qual o repórter apura, faz fotografias, grava vídeos, escreve e pensa em infográficos (MAIA, 2013). O acúmulo de tarefas parece paradoxal em relação ao tempo que seria necessário à finalização das ações. Apesar de os veículos on-line terem alcançado status mais independente, com equipe e estrutura próprias, cabe a reflexão sobre a distribuição de funções nos portais jornalísticos.

O posicionamento do usuário na internet também merece destaque na construção de produtos webjornalísticos, fator a ser considerado nos critérios de noticiabilidade relativos ao público. A rede agrega uma postura participativa do internauta, que ganha voz por meio de fóruns, comunidades, redes sociais e também sites pessoais. Desta forma, o jornalismo precisa repensar o seu produto e inserir o internauta no processo produtivo, ainda que de forma limitada, pois o desempenho de seu papel institucional exige que a contribuição desses cidadãos seja filtrada sob o prisma da responsabilidade jornalística de apurar e investigar com rigor, procurando interpretar e conferir sentido aos acontecimentos e às deliberações construídas nas discussões públicas que essa atividade profissional articula e media.

Já os critérios relativos à concorrência conjugam ideias que remetem à disputa entre as empresas de comunicação, traduzida na busca pelo “furo” e na vigilância das atividades dos concorrentes. A cultura da instantaneidade torna o “furo” cada vez mais difícil na internet, pois disputar em segundos a notícia em “primeira mão” é uma vaidade percebida quase exclusivamente pelos próprios profissionais da mídia. Além disso, pode induzir à cooptação do jornalismo pelas fontes de poder oficiais, pelos definidores primários (HALL et al., 1999), numa reprodução ideológica padronizada pelas instituições socialmente organizadas, em contradição a critérios profissionais de qualidade, tais como apuração precisa, uso de fontes diversificadas, interpretação e aprofundamento dos fatos.

A caracterização da notícia apresentada por Gomis (1991) também pode ser aplicada ao jornalismo produzido na web, com interferência direta do processo de atualização contínua e em tempo real do gênero notícia. Resultados, aparições, deslocamentos e explosões são fatores normalmente considerados pelas redações com a potencialização do discurso fragmentado, tanto para alimentar o ciclo produtivo contínuo das seções de “Últimas” quanto para buscar a novidade do momento.

A temática “chuva”, foco da análise de dados desta dissertação, exemplifica a aplicação dessas características na internet. O acompanhamento noticioso dos fatos gerados pela ocorrência de chuvas explora ações do governo (resultados) diante de situações de crise, inclusive com declarações de porta-vozes governamentais e de especialistas capazes de repercutir o assunto (aparições). As consequências das chuvas, traduzidas em desalojamento de famílias em áreas de risco (deslocamentos) e mortes (explosões), também são recorrentes na cobertura midiática, numa demonstração de que a noticiabilidade ainda segue padrões tradicionais do jornalismo, com adaptações no formato e na publicação. No caso específico da web, isso pode significar a fragmentação narrativa, a distribuição informativa em camadas hipermidiáticas, o uso de recursos multimídia para complementação informativa e a publicação quase instantânea da notícia, sem limites espaciais nem temporais do meio.

2.3 Práticas produtivas da notícia: a qualidade em foco

A institucionalização do jornalismo, a partir do século XIX, consolidou e profissionalizou a atividade. Neste período, percebe-se o aumento substancial do número de jornais em circulação – impulsionado pela *penny press* –, o consequente crescimento da concorrência e o posicionamento comercial e corporativo dos meios de comunicação, visando ao lucro. Franciscato (2005) insere este processo no contexto da revolução industrial, não numa relação estritamente causal, mas situada na conjuntura socioeconômica das transformações daquele século.

O jornalismo como instituição está mergulhado em um contexto espaço-temporal concreto. Ele está envolvido por dispositivos, tensões e movimentos dos ambientes interno e externo de relações sociais (FRANCISCATO, 2005). Assim, a atividade profissional tanto influencia quanto recebe influência do ambiente social, em campos como cultura, política, economia, ideologia e tecnologia, o que gera uma constante evolução do papel do jornalista na sociedade.

No século XIX, emerge o paradigma da informação partilhado entre a sociedade e os jornalistas, estes últimos estabelecidos como novo grupo social que reivindica o monopólio do saber de reconhecimento dos acontecimentos que merecem se tornar notícia e a forma adequada de elaboração das matérias. A formalização da atividade jornalística institui uma cultura da profissão organizada por crenças, mitos, símbolos e representações que envolvem modos de ser/estar, agir, falar e ver o mundo em uma visão particular. Constitui-se uma identidade profissional (*ethos*) ligada a papéis sociais definidos e legitimados pela sociedade (TRAQUINA, 2008).

Neste panorama, organizam-se rotinas de atuação do jornalista, desde o início marcadas pelo fator tempo, traduzido em horários de fechamento de produtos midiáticos, especialmente no webjornalismo, no qual se verificam com ênfase a preocupação com o imediatismo da transmissão noticiosa e a fragmentação do discurso narrativo em consonância ao ciclo temporal do jornalismo. Entram em cena procedimentos reguladores da produção noticiosa, dentre os quais os critérios de noticiabilidade, a relação com as fontes, as estratégias de edição e circulação de informações, todos eles amparados pela busca de qualidade.

O processo produtivo da informação jornalística compõe-se de diversas fases, que podem variar de acordo com a organização do trabalho de cada redação e de cada meio de comunicação. Wolf (2008) classifica três fases principais comuns a todos os aparatos, cujas influências são diretamente sentidas na qualidade da notícia. São elas: coleta, seleção e apresentação. O autor detalha as etapas a partir do exemplo das emissoras de televisão, mas os dados podem ser estendidos aos demais meios em seus principais aspectos.

Wolf (2008) atribui às rotinas de coleta de materiais uma possível evidenciação do discurso fragmentado e da super-representação político-institucional na informação, destacadamente no uso de materiais produzidos fora das redações, casos das agências de notícias e assessorias de imprensa. Esses materiais são recebidos pelo jornalista, limitado a reestruturá-los conforme os valores-notícia relacionados ao produto, ao formato e ao meio.

Normalmente, estes canais de coleta já estão pré-classificados pelos meios quanto a sua noticiabilidade, confirmando a circularidade de critérios de relevância. Nestas condições, a coleta e a estruturação do material acontecem de forma quase simultânea graças à estabilidade das fontes, cujos materiais estão quase sempre adequados aos processos produtivos de uma redação (WOLF, 2008).

A fase de coleta também é influenciada “[...] pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, a fim de conseguir confeccionar, a cada vez, o produto

exigido” (WOLF, 2008, p. 231). A estrutura de trabalho e a limitação de recursos implicam um planejamento para garantir um número mínimo de coberturas de acontecimentos noticiáveis. Mais uma vez, o jornalista conta com o apoio das fontes para cumprir esta etapa. Neste ponto, fontes institucionais e agências são privilegiadas, conforme será especificado em um subcapítulo posterior desta pesquisa.

A etapa da seleção segue-se à de coleta. O material coletado chega à redação, via correspondentes, agências ou repórteres, e ganha forma de notícia a ser veiculada como produto final. O processo de seleção do material noticioso segue um roteiro complexo que une a subjetividade do jornalista às rotinas produtivas institucionalizadas, desde a apuração junto às fontes até o trabalho do editor (WOLF, 2008).

A observação vale também para os valores/notícia que, na realidade, não permeiam apenas o momento da seleção, mas um pouco de todo o processo de produção, inclusive as fases de confecção e de apresentação das notícias, nas quais são enfatizados justamente os elementos de relevância que determinaram a *newsworthiness* no momento da seleção (WOLF, 2008, p. 255. Grifo do autor).

A filtragem de dados realizada durante a fase de seleção permite que apenas um número restrito de notícias integre o produto final. Embora os procedimentos institucionais tentem ordenar e estabilizar o trabalho seletivo, esta etapa não é estática e pode sofrer alterações devido a acontecimentos de última hora. Até o fechamento do produto, é possível incluir novos fatos, ampliar notícias e desfazer-se de outras, de acordo com a importância e relevância atribuídas a cada uma delas (WOLF, 2008).

A edição e apresentação da notícia constituem a terceira fase do processo produtivo de informação jornalística. Nela, a notícia ganha o formato exigido para exibição ou publicação, a depender do meio. Anulam-se os efeitos dos limites da organização do produto para que a informação ganhe rótulo de espelho da realidade externa, independente do aparato informativo (WOLF, 2008).

Em outras palavras, se todas as fases precedentes agem no sentido de *descontextualizar* os acontecimentos do âmbito social, histórico, econômico, político e cultural em que ocorrem e em que são interpretáveis (isto é, no sentido de “dobrar” os eventos às exigências da organização do trabalho informativo), nessa última fase de produção realiza-se uma operação inversa, de *recontextualizá-los*, porém dentro de um quadro diferente, no formato do noticiário (WOLF, 2008, p. 259. Grifo do autor).

Entre a descontextualização e a reinserção do evento no contexto formatado pelo produto informativo, os conteúdos são fragmentados. E é o rígido formato da notícia que acaba constituindo modelos de adaptação dos conteúdos; ele representa o contexto formal em que são medidas a relevância e a significatividade da notícia. O contexto também está no sentido de aproximação entre notícias seguindo a lógica interna do noticiário (WOLF, 2008).

A edição confere uma roupagem estética ao acontecimento, numa narrativa normalmente breve e coerente, com início, meio e fim da história. Diante disso, independente da intencionalidade, pode-se afirmar que a edição promove certa distorção do acontecimento ao destacar determinados fatos e minimizar outros (WOLF, 2008).

A imagem do público elaborada pelo jornalista também interfere na apresentação da notícia. Como argumenta Wolf (2008), o jornalista tenta conciliar aquilo que ele acha que o público quer, mas sem se deixar condicionar por ele. Para isso, ele exerce sua própria opinião para chegar à suposta representação do público.

Para Guerra (2010), cabe à organização jornalística a tarefa de reconhecer e interpretar as expectativas de sua audiência de maneira empírica, condizente com as características e as especificações técnicas visualizadas no produto final. Ao mesmo tempo, a organização firma o contrato entre a instituição jornalística e a sociedade, baseado no compromisso com o factual, a relevância dos fatos e, em sociedades democráticas, a pluralidade de pontos de vista. “A organização vincula-se simultaneamente às demandas do seu grupo de consumidores e aos compromissos que a instituição jornalística tem com toda a sociedade. Faz parte do seu trabalho, portanto, conciliar ambos os conjuntos de expectativas que se lhe apresentam” (GUERRA, 2010, p. 74).

A presunção do público pela organização jornalística traz consigo a suposição do perfil da audiência e dos efeitos que o comunicador pretende alcançar. Associados a isso estão o recorte social ditado por critérios de noticiabilidade, as rotinas produtivas, o *ethos* profissional e a sistematização de padrões técnicos do jornalismo. A este conjunto interpretativo e normativo vincula-se também o ideal de qualidade jornalística.

A discussão sobre as três etapas básicas do ciclo produtivo da informação jornalística aponta dois aspectos interligados que merecem reflexão extra: a fragmentação e a descontextualização dos acontecimentos. O formato da notícia segue rigorosos modelos discursivos e temporais, de modo a defender padrões do fazer jornalístico profissional fundamentados na presentificação e em fatos. É comum a apresentação de eventos

autossuficientes em um discurso fragmentado em relação ao todo contextual. A atenção está no que ocorre e não em suas causas.

[...] o conjunto de fatores que determina a noticiabilidade dos acontecimentos permite realizar cotidianamente a cobertura informativa, mas dificulta o aprofundamento e a compreensão de muitos aspectos significativos nos fatos apresentados como notícias. Desse modo, a noticiabilidade constitui um elemento da distorção involuntária, contida na cobertura informativa dos meios de comunicação de massa (WOLF, 2008, p. 199).

Ao ordenar e agregar sentido a acontecimentos fragmentados, a mídia promove uma leitura e um enquadramento das realidades sociais existentes.

O singelo ato de noticiar é de antemão uma forma de propor um mundo entre aspas, alterado antes mesmo da intenção deliberada de distorcer. É nesse momento – necessariamente prévio à manipulação patronal, deliberada, ideológica, da informação – que entra em parafuso todo o alicerce conceitual a sustentar convencionalmente a atividade – definições inabaláveis e límpidas como “fato”, “realidade”, “isenção”, “objetividade”, “verificação” e “verdade” (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 26, 27).

A fragmentação informativa conduz à percepção descontinuada e à necessidade de fazer conexões entre eventos, além de descentralizar e impor hierarquias concretizadas na edição. O jornalismo ajudou a instaurar uma fragmentação de mundo. E a seleção da informação faz parte desde processo fragmentador (PEREIRA JUNIOR, 2006). A falta de contexto e de uma discussão aprofundada sobre as causas dos acontecimentos acaba por se tornar relativamente comum ao jornalismo diário e, no pior cenário, justificada pelo próprio padrão jornalístico. Nestas condições, a qualidade da informação pode ser comprometida, do ponto de vista da formação do conhecimento para a mudança social.

No ambiente web, no qual a instantaneidade e a atualização contínua podem promover a fragmentação narrativa, o recurso do hipertexto tem valor diferenciado na busca pelo aprofundamento. Franciscato (2005) defende que a ferramenta pode estimular o retorno a páginas mais antigas para o aprofundamento da leitura, busca por assunto específico ou interação com outros jornalistas ou leitores. De maneira geral, os recursos on-line ajudam a recriar hábitos capazes de suprir pequenas anomalias geradas pelo formato linear do jornalismo, embora para isso seja necessário consolidar práticas e fomentar a educação para as novas mídias, especialmente com o hipertexto, o qual exige interação direta com o usuário.

3 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA WEB

3.1 Web: um novo território do jornalismo

A internet, junto com o seu ambiente gráfico *World Wide Web* (WWW), pode ser classificada como um dos mais relevantes paradigmas tecnológicos e sociais da segunda metade do século XX. Ela é oriunda da chamada Arpanet, concebida em 1969 pela *Advanced Research Projects Agency* (Arpa) – Agência de Pesquisa e Projetos Avançados, uma organização do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Configurada para fins militares, a Arpanet consistia em uma rede nacional de computadores que garantiria a comunicação emergencial em caso de ataques de países inimigos contra o território estadunidense (FERRARI, 2006).

Após a realização de inúmeros testes de conexão entre estados norte-americanos, a Arpanet passou ao controle da Agência de Comunicações e Defesa, no ano de 1975, com o objetivo de facilitar a comunicação com o Departamento de Defesa. Sem perder o foco militar, nesse período, a rede estendeu-se à comunidade acadêmica, com a transferência de dados entre pesquisadores centrados em estudos na área de segurança e defesa. Daí em diante, novas redes surgiram para conectar universidades e centros de pesquisa, como a Bitnet (*Because It's Time Network*), CSNET (*Computer Science Network* – Rede de Ciência da Computação) e NSFNET (desenvolvida pela *National Science Foundation* (NSF) – Fundação Nacional de Ciência). Esta última expandiu-se para mais de 80 países, no início da década de 1990 (FERRARI, 2006).

Paralelamente à expansão das redes acadêmicas, um grupo de pesquisadores, liderado por Tim Berners Lee, criava a *World Wide Web*, rede mundial baseada em hipertextos e recursos para a internet. A proposta teve início ainda em 1980, quando Lee escreveu o Enquire, programa que organizava informações, inclusive com links. Somente no ano de 1989, ele propôs a WWW, que foi lapidada nos anos seguintes com a contribuição de outros desenvolvedores até chegar ao modelo atual (FERRARI, 2006).

A web conectou pessoas por meio de redes comunicacionais e proporcionou mudanças significativas na comunicação humana. A convergência de plataformas midiáticas, a difusão multidirecional de conteúdos e a não linearidade do hipertexto incitaram novos olhares sobre os produtos digitais numa proposição hierárquica mais flexível entre produtor e receptor, além do estímulo à interatividade, à produção colaborativa e à personalização. Destaca-se ainda a

articulação espaço-temporal caracterizada pela não presença física e pela instantaneidade da informação.

O jornalismo, configurado como atividade social, absorve e utiliza o novo modelo proposto pela internet. O profissional da web tem ao seu dispor um universo espacial ilimitado e recursos multimídia (áudio, vídeo, fotografia, arte gráfica e texto escrito) capazes de se associarem mutuamente, resultando em produtos diferenciados, completos aos sentidos do internauta. No intuito de aproveitar o potencial da web, o jornalismo tem cambiado estratégias de atuação, com reflexos visíveis na profissão.

A inovação tecnológica e a aquisição de novas potencialidades jornalísticas estão relacionadas, apesar de a primeira não determinar a segunda. Esta relação vai além de questões referentes ao aumento da produtividade e à aceleração de ritmos produtivos. Ela alcança o conteúdo noticioso, as mudanças na estrutura das redações, nas rotinas de trabalho jornalísticas e na relação com o público (FRANCISCATO; TORRES; SANTOS, 2010).

A digitalização, processo que converte o sinal analógico em sistema binário, trouxe profundas mudanças à comunicação, integrando em um mesmo tecido eletrônico áreas como cinema, rádio, televisão, jornalismo, música, telecomunicações e informática.

As diferentes categorias profissionais envolvidas enfrentavam os problemas de apresentação e contextualização de acordo com tradições próprias, com a especificidade de seus suportes materiais. Os tratamentos físicos dos dados textuais, icônicos ou sonoros tinham cada qual suas próprias particularidades. Ora, a codificação digital relega a um segundo plano o tema do material. Ou melhor, os problemas de composição, de organização, de apresentação, de dispositivos de acesso tendem a libertar-se de suas aderências singulares aos antigos substratos (LÉVY, 1993, p. 102).

Peça chave das novas mídias, a digitalização permite a melhoria da qualidade de dados, eliminando ruídos e distorções de informações, sem a perda do material original. Graças à evolução dos computadores, é possível digitalizar todos os tipos de documentos escritos, gráficos e audiovisuais. Uma vez transformados em números, os materiais podem ser modificados e reproduzidos infinitamente, de maneira prática e rápida (SCOLARI, 2008).

No jornalismo, a digitalização viabilizou a conversão e o trânsito de conteúdos em plataformas computacionais diversas. Em termos práticos, a digitalização acelerou processos de produção da notícia, facilitou o tratamento de materiais e agregou qualidade técnica de resolução e transmissão ao produto jornalístico, reflexos esses sentidos no Brasil, particularmente, a partir da década de 1980 (FRANCISCATO; TORRES; SANTOS, 2010).

Franciscato, Torres e Santos (2010) compreendem os efeitos da digitalização do jornal impresso e da televisão com base em três tipos de inovações: tecnológica, organizacional e social. Do ponto de vista da tecnologia, a digitalização introduziu o computador como ferramenta de trabalho, além de promover a mudança dos sistemas e softwares usados nas redações e a digitalização dos sistemas de impressão e transmissão. Para os autores, os investimentos em tecnologia levam em conta o contexto regional, a posição da empresa no mercado e a sua estratégia de atuação.

A estrutura organizacional jornalística também passou por inovações inter-relacionadas à digitalização. As mudanças nas rotinas de trabalho englobam desde a apuração realizada pelo repórter até procedimentos de edição e finalização do produto, em ações graduais e não disruptivas. Os autores identificam ganhos com o uso da internet na comunicação entre repórteres e chefias, maior autonomia na fase de apuração, aceleração de produção de matérias e inclusão da edição não linear na televisão. Na área da fotografia, observam-se mudanças mais expressivas devido à eliminação da etapa de revelação, essencial no processo analógico. A modernização gráfica também agilizou a fase de impressão de jornais com o uso de sistemas como o *Computer-to-Plate* (CTP).

A digitalização também pode suscitar a inovação social ao criar condições para a elaboração de produtos e gêneros jornalísticos diferenciados. Um exemplo citado por Franciscato, Torres e Santos (2010) é a infografia, produto que articula linguagens e conteúdos sobre uma lógica visual para veículos impressos ou audiovisual para os demais meios. Na internet, o infográfico é incrementado por softwares de animação.

A tecnologia digital trouxe consigo a convergência midiática ao propiciar a integração de tecnologias e linguagens, o que não deve ser entendido como uma mera aproximação entre as tradicionais matrizes de mídia. Aqui, faz-se referência à transmidiação, modelo no qual um produto é construído e distribuído a partir da atuação conjunta, porém distinta e complementar, de diferentes plataformas midiáticas. O acesso a todas as mídias componentes do produto transmidiático proporciona o aprofundamento informativo e um usufruto diferenciado (JENKINS, 2009).

Para explicar a formação de ambientes híbridos resultantes da união de plataformas, Scolari (2008) estabelece uma conexão entre os conceitos de multimídia, convergência e remediação. Ele ressalta que, na perspectiva da comunicação digital, o sistema multimídia aviva a experiência do usuário, apto a interagir com textualidades combinadas em linguagens e meios diferentes. Convertidos em bits, os conteúdos digitais alteram relações empresariais,

com a formação de conglomerados; profissionais, com a adequação do jornalista a múltiplas tarefas e plataformas; e comunicativas, ao formatar novos modelos de gestão da notícia e o impacto junto ao público.

A web e a sua organização em redes informacionais estimulam a formação do conhecimento de modo compartilhado, em uma proposta de troca de informações na qual cada personagem contribui para um produto coletivizado. A tendência colaborativa expande-se ao jornalismo e é encarada como importante ajuda na administração e organização de informações geradas em fluxo contínuo na rede (CASTILHO; FIALHO, 2009).

Neste modelo, o conhecimento individual sai do patamar particular e passa a integrar o circuito coletivo de comunicação, incorporando o público ao processo de produção da informação. Blogs e o chamado jornalismo-cidadão – no qual pessoas sem formação especializada participam da produção jornalística oferecendo contribuições em forma de fotos, vídeos e informações, ampliando a representatividade dos produtos jornalísticos, antes bastante restritos à contribuição das fontes oficiais da estrutura de poder e seus assessores – também caminham nesta intenção.

A velocidade e a amplitude do ciberespaço, aliadas aos conceitos de participação e interatividade da internet, criam um ambiente propício à geração coletiva do conhecimento e à formação de comunidades inteligentes, nas quais os participantes trocam informações e contribuem ativamente para a formulação de novos saberes distribuídos de maneira contínua e pulverizada. “A estabilidade está cedendo lugar à mudança constante e à fluidez. O conhecimento e a informação já não se situam mais em ambientes fixos e determinados, mas encontram-se espalhados por toda a rede de pessoas conectadas à Internet” (CASTILHO; FIALHO, 2009, p. 124).

As transformações introduzidas pela rede, no entanto, não aniquilam antigos meios e processos, que continuam representados nas novas mídias. Scolari (2008) recorre à remediação – representação de um meio em outro meio –, conceito utilizado por Bolter e Grusin, para explicar esta dinâmica do ecossistema cultural. Os veículos de comunicação integram uma verdadeira rede de remediação em processo contínuo de releitura dos meios. A web, como também os veículos *broadcasting*, herda padrões de seus antecessores e, assim, renova procedimentos e conteúdos, adequados ao contexto em que se inserem.

Ao reproduzir características comuns aos veículos de comunicação de massa tradicionais, a web remedia o impresso e a radiodifusão, aliando características próprias. Organização textual, uso de fontes, gravações de imagens e sons são exemplo de

procedimentos jornalísticos precedentes à internet, mas ainda presentes e potencializados nela. Do ponto de vista cultural, a mídia cria laços com o público que não poderiam ser desfeitos meramente pelo avanço tecnológico. Como atividade social, o jornalismo é capaz de produzir conhecimentos e valores, articular rotinas e temporalidades, configurando-se como lugar de referência, conforme defendem Vizeu e Correia (2008).

3.2 O desenvolvimento do webjornalismo da geração 1.0 à geração 3.0

Na última década do século XX, o jornalismo deu seus primeiros passos na web 1.0 majoritariamente com a reprodução de material noticioso publicado ou veiculado pelos meios de comunicação *broadcasting*, com pouca ou nenhuma adaptação. Nos Estados Unidos, conforme explica Alves (2006), este procedimento ficou conhecido como *shovelware*, termo que se tornou pejorativo por indicar certa preguiça e falta de visão das empresas de comunicação perante o que, mais tarde, consolidar-se-ia como um novo meio com características próprias e inovadoras. Vale lembrar que a aglutinação de antigas práticas a novos meios não é novidade: também o rádio absorveu características do impresso e a televisão reproduziu técnicas radiofônicas nos seus primeiros anos de existência.

Com forte influência do modelo adotado pelo impresso, os primeiros sites de notícias costumavam organizar conteúdos de maneira similar aos jornais diários, com *homepages* hierarquizadas como as capas de periódicos, reprodução de editoriais e predominância de textos escritos. Nesta fase, a concepção de multimedialidade, a produção em tempo real e a distribuição espacial em camadas noticiosas consolidadas pelo hiperlink ainda eram práticas distanciadas do cotidiano das redações on-line.

Na primeira década de atividade webjornalística, o ambiente digital era generalizado como uma ferramenta de expansão e distribuição de conteúdos produzidos em outras plataformas, atualizados de acordo com a periodicidade das edições tradicionais. Esta visão foi alimentada por aspectos como o acesso ainda limitado à internet pelo grande público, as conexões lentas e a precariedade inicial do ambiente gráfico da web. Ademais, os primeiros sites de notícias estavam ligados a conglomerados de comunicação cujos enfoques estavam nas mídias tradicionais, fontes garantidas de lucro.

A tendência acompanhou o próprio padrão da web 1.0, marcado pela predominância dos grandes sites; pela baixa intervenção do público sobre o conteúdo da comunicação – predomínio do emissor; pela pouca interatividade entre emissor e receptor; e pelo baixo grau

de personalização (BORGES; BUZALAF, 2011). Esta geração da web ainda tateava formas de uso da rede mundial de computadores, que acabara de sair do meio acadêmico para ganhar o grande público e assumir um modelo comercial.

A timidez inicial do webjornalismo conduziu a uma rotina (re)produtiva simplificada, numa clara condução à produção da notícia factual. A maioria das redações contava com poucos profissionais, que dedicavam grande parte do seu tempo ao “empacotamento” de notícias de jornais, de noticiários de rádio e televisão ou de material das agências de notícias. Esta prática pode ser traduzida como uma releitura superficial da função do *copydesk*: “Empacotar significa receber um material produzido, na maioria das vezes, por uma agência de notícias conveniada, e mudar o título, a abertura, transformar alguns parágrafos em outra matéria para ser usada como link correlato, adicionar foto ou vídeo, e por aí afora” (FERRARI, 2006, p. 44).

Passado o período da simples reprodução e reconhecidas as especificidades da web, o jornalismo inicia uma trajetória mais concreta no ambiente virtual. Neste segundo momento produtivo, as notícias quentes (*hot news*) começam a ganhar espaço no modelo de portal, evolução do site que reúne conteúdos diversificados, a exemplo de jornalismo, entretenimento, serviços, comércio eletrônico, comunidades, ferramentas de busca e personalização. Conforme explica Ferrari (2006), esta última característica é facilitada por portais verticais, especializados em um único assunto ou em um conjunto de assuntos correlacionados.

Na segunda metade da década de 1990, surgem novas iniciativas na rede. O norte-americano *The Wall Street Journal* é considerado o pioneiro no jornalismo interativo e personalizado na web. No mês de março de 1995, lançou o *Personal Journal*, espécie de jornal com conteúdo e formatação personalizados pelo leitor-assinante, de acordo com suas preferências de leitura, e recebido por mensagem eletrônica (FERRARI, 2006). No mesmo ano, o UOL lança o Brasil On-line, primeiro portal em tempo real do país; e em 1996, a empresa põe no ar o portal UOL. Em novembro de 1999, o portal iG inova com o noticiário “Último Segundo”, cuja proposta de atualização contínua nasce na própria rede com redação exclusiva para a internet, algo até então inédito no país (PRADO, 2011).

A tendência inovadora da produção noticiosa na internet continua sua ampliação, embora sofra percalços impostos pelo estouro da bolha digital nas bolsas de valores mundiais, em fins de 1999 e começo do ano 2000. Naquela ocasião, inúmeras empresas on-line sentiram os efeitos da especulação publicitária na rede e decretaram falência. A crise marca o início da

segunda fase da WWW: a web 2.0 (termo cunhado por Tim O'Reilly), que impulsiona a interatividade entre emissor e usuário, numa reconfiguração de papéis.

A tônica dessa geração pode ser resumida nos seguintes atributos: ruptura do predomínio do pólo de emissão, criação de canais de informação e conversação independentes das fontes formais, alto grau de envolvimento e personalização por parte dos usuários, alto grau de articulação coletiva, coincidência “proposital” entre as ferramentas de comunicação e as formas de participação (BORGES; BUZALAF, 2011, p. 9).

Apesar dos cortes de investimentos e do enxugamento das redações de webjornalismo logo após o estouro da bolha .com, a rede mundial de computadores volta a se fortalecer em poucos anos. Desponta mais madura e articulada economicamente, com reflexos diretos na implementação de projetos de comunicação mais sólidos.

Se a primeira fase da web é dedicada à publicação de informações pelos responsáveis por grandes sites, a segunda enfoca a cooperação por meio de redes sociais, blogs, conhecimento coletivo e jornalismo participativo. A popularização de Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos, o aumento da velocidade da conexão e a convergência midiática também passam à linha de frente na web 2.0. O discurso fluido e a instantaneidade do tempo real articulam novas alternativas do fazer jornalístico amparadas pela organização em redes de informação e pela distribuição em fluxo contínuo.

Para Primo (2007, p. 2), a web 2.0 “[...] caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”. Refere-se, então, a uma combinação de técnicas informáticas, estratégias mercadológicas e processos de comunicação mediados pelo computador.

A produção 2.0 de conteúdo atualiza a relação com o público, alçado ao posto de produtor coadjuvante, no caso de portais jornalísticos institucionalizados, e protagonista, quando considerados sites pessoais, redes sociais e iniciativas de jornalismo-cidadão. O internauta passa a interatuar no ciberespaço e demonstrar sua capacidade produtiva com diferentes graus de interferência, forçando o jornalismo a inserir o usuário direta ou indiretamente no processo produtivo da notícia. Neste ponto, vale a pena observar que o modelo participativo pode estimular ações coletivas de aprofundamento e contextualização informativa, características associadas à qualidade da notícia.

Cabe advertir, contudo, que o trabalho conjunto não significa a construção de discursos legítimos, igualitários e polissêmicos, capazes de suprir as necessidades de todo o

grupo social. Como lembra Primo (2007), a organização grupal tanto pode revelar múltiplas vozes quanto mascarar confusões, erros de informação e relações de poder.

Porém, quando se discute o trabalho aberto e coletivo online, não se pode pensar que a regulação seja eliminada ou desnecessária, nem que as relações de poder dêem lugar a relações sociais absolutamente planas e estáveis. A rigor, dos desequilíbrios depende a evolução e o aperfeiçoamento do trabalho coletivo (PRIMO, 2007, p. 6).

A dinâmica (inter)ativa do público impõe ao jornalismo uma releitura de suas atividades, traduzida em segmentação de conteúdo, uso de ferramentas participativas e diversificação de fontes de informação. Paralelamente, os avanços tecnológicos da segunda geração da web fortalecem o uso de recursos multimidiáticos, efetivado pela integração de diferentes plataformas de mídia; qualificação espacial baseada em hiperlinks; e formação da memória por meio de bancos de dados.

Em meio a este cenário, surge uma proposta de jornalismo 3.0, conduzido pelo que seria a web 3.0. Esta concepção é abordada por Borges e Buzalaf (2011, p. 9) ainda no campo das ideias: “[...] os computadores passarão a entender de semântica, eles compreenderiam o significado das palavras que usamos na rede. Fariam associações de ideias a partir delas”. Em suma, tratar-se-ia de uma internet dotada de inteligência e capaz de vincular-se ao usuário, promovendo um alto grau de personalização. Esta discussão, entretanto, distancia-se do objetivo deste trabalho, cujo foco está centrado no cenário atual de produção jornalística.

A anatomia da web e as formas concomitantes de atuação jornalística aqui abordadas não pretendem dissociar as gerações da WWW umas das outras, como se retratassem etapas finalizadas. Na verdade, as características coexistem, misturam-se e interagem de maneira contínua e inacabada. Significa que o ambiente web ainda está em evolução e busca caminhos para consolidar seu papel perante a sociedade mediada por computador.

3.3 Linguagens e características do webjornalismo

Da reprodução de conteúdo à produção qualificada e colaborativa, a evolução do webjornalismo desemboca em um conjunto de características e linguagens próprias que conferem profissionalismo à atividade. Pensar a notícia em tempos de produção multimídia requer estruturar artifícios textuais escritos, imagéticos e sonoros perante uma audiência fragmentada no ciberespaço, mediada por computador e bastante participativa.

Edo (2007) afirma que o jornalismo desenvolvido na web ainda não possui uma linguagem definitiva. Escrever para a internet requer uma revisão dos modos habituais de apresentação da informação, da estrutura textual, do estilo e das próprias características do público, numa adaptação da linguagem às possibilidades tecnológicas e sociais. De forma dinâmica, o jornalismo reconfigura a produção noticiosa influenciada pelo contexto, mas mantendo responsabilidades relacionadas à atualidade e à utilidade dos fatos comunicados e também à completa verificação dos dados.

O modelo narrativo passa a considerar aspectos como interatividade, personalização, documentação associativa, atualização contínua e articulação entre formatos, com forte presença do hiperlink. O autor sugere a divisão do conjunto noticioso em elementos menores e manejáveis com maior facilidade durante a navegação, de acordo com critérios jornalísticos. Esta estrutura promove o aprofundamento informativo em níveis que se iniciam com chamadas na *homepage* e continuam em camadas documentais posteriores, em uma expressão de leitura não linear.

O primeiro nível de informação aproxima-se da objetividade e atualidade das notícias quentes, com uso frequente do *lead* e da técnica da pirâmide invertida, porém adaptada para a fragmentação do ciberespaço articulado por links. No nível seguinte, a informação é aprofundada, aproximando-se de gêneros como a reportagem, a crônica ou a entrevista em profundidade – as três ainda pouco utilizadas cotidianamente pelo jornalismo na web, sendo mais comuns em trabalhos multimídia especiais.

É importante lembrar que esta estrutura precisa manter a coesão entre os níveis informativos. O relato deve manter seu sentido completo ainda que esteja desmembrado em camadas hipertextuais. Isso permite ao internauta a manutenção da coerência discursiva na passagem de um nível a outro, além de ativar o processo de comunicação iniciado na leitura do título e ampliado para o debate social, inclusive fora do ciberespaço.

Para Canavilhas (2007a), a linguagem do webjornalismo está condicionada por três características da rede: hipertextualidade, capacidade de fazer conexões por links; multimidialidade, união articulada de plataformas como texto, vídeo e áudio; e interatividade, entendida pela capacidade de o usuário interatuar com o conteúdo. O uso simultâneo dessas propriedades possibilita ao internauta realizar uma leitura pessoal da informação disponível, numa navegação por nós informativos. Esta capacidade de fragmentar conteúdos em zonas de interesse é chamada de personalização, que situa a web como um meio de comunicação de

massa e, ao mesmo tempo, pós-massivo, apto a promover uma fruição individual e de natureza privada.

As ferramentas potencializadas pela web 2.0 ampliaram as formas produtivas do jornalismo, criando uma espécie de gramática digital que reúne práticas de meios tradicionais e potencialidades desenvolvidas pelo novo suporte em uso, neste caso a WWW. De maneira geral, Palacios (2003) compreende a constituição de novos formatos midiáticos não como uma total ruptura em relação aos suportes anteriores, mas como um processo de continuidade e potencialização de novas características. Por exemplo, a televisão já manejava a multimidialidade ao reunir imagem, som e texto; a hipertextualidade pode ser encontrada no suporte de CD-ROM; a personalização está presente na segmentação da audiência dos meios de comunicação de massa tradicionais, mediante os cadernos especiais de jornais ou a programação especializada de emissoras de rádio e televisão.

Ao mesmo tempo, esse autor diz ser impossível negar o rompimento de determinados padrões na passagem de um meio a outro. Na web, a dissolução prática dos limites de espaço e tempo para disponibilização da notícia é fato inédito no jornalismo, até então. Graças aos bancos de dados digitais, a notícia pode ser armazenada de modo quase infinito, numa constituição de novos padrões de memória tanto do produtor quanto do usuário. São justamente as releituras de padrões aliadas às novas combinações de características potencializadas que geram novos efeitos comunicativos e originam novos paradigmas como a internet o fez.

De acordo com Canavilhas (2007a), a internet reúne e adapta códigos jornalísticos de meios de comunicação tradicionais nos campos linguístico, sonoro, icônico e estilístico. O código linguístico remete às palavras escrita e oral. A primeira, essência do impresso, continua presente aos textos da web, embora as técnicas de redação mudem de acordo com as características do meio – no caso da internet, o enlaçamento articulado pelo hipertexto pode reconfigurar a construção da narrativa, mas sem desprezar a palavra escrita. Já a segunda, marca do rádio, é reforçada na rede pelo uso de recursos sonoros como o MP3, cuja função rotineira é de complementação da informação escrita.

O código sonoro, configurado em música e efeitos sonoros, é novamente herança do radiojornalismo e está mais presente nas coberturas culturais. O código icônico é visual, representado pelas imagens. Na televisão, predomina a imagem em movimento, protagonista da percepção do público. Na web, ela representa um acréscimo informativo normalmente relacionado ao texto escrito. Já a fotografia expandiu seu uso com o impresso e, na internet,

assume papel complementar à notícia. Se por um lado perde o teor autônomo, por outro a fotografia ganha em quantidade graças ao espaço ilimitado do ambiente digital. Por fim, os gráficos e infográficos representam a informação visual numa analogia de fácil compreensão. Na web, esses mecanismos ganham força graças aos recursos técnicos de animação e hiperlink.

O quarto e último tipo de código é o estilístico. Está dividido em usabilidade, que diz respeito à organização dos elementos informativos disponíveis no ambiente gráfico de um site ou portal, e tipos de letra, fundos e cores, vinculados ao desenho aplicado aos webjornais. Em conjunto, esses códigos objetivam melhorar o grau de orientação e conforto do usuário durante a navegação.

Apesar da ainda visível predominância de recursos escritos, os elementos linguísticos, paralinguísticos e não linguísticos começam a assumir relevância equiparada na constituição da webnotícia. Parte-se para uma ideia de linguagem múltipla, na qual a informação unifica linguagens distintas e faz o usuário utilizar todo o seu repertório de maneira simultânea para formar algo distinto e plural que é unificador e multimídia (EDO, 2007). Nesta perspectiva ainda em evolução, a distinção entre imprensa escrita e audiovisual começa a perder importância, já que o contexto digital requer a conexão dos códigos peculiares às modalidades clássicas do jornalismo.

No que diz respeito à estrutura textual, a tradição ainda caminha lado a lado com a inovação. Canavilhas (2007a) identifica três modelos presentes no jornalismo produzido na web que exibem diferentes graus de influência relativos à produção jornalística massiva e aos recursos digitais: o texto linear com *scrolling* segue a formatação usual da imprensa escrita com apresentação do título, seguido pelo texto noticioso formatado com o *lead* e demais características da pirâmide invertida; estrutura “unilink”, na qual cada nó tem apenas um link e segue um percurso linear semelhante ao modelo anterior, porém sem o uso do *scrolling*; e estrutura “multilink”, em que a notícia apresenta diversos nós de informação e links organizados em camadas hipermidiáticas.

Neste último, a informação é destrinchada em níveis informativos, sendo o primeiro semelhante ao *lead*, com informações básicas sobre os fatos e uso pleno do código linguístico. Os nós seguintes podem oferecer links de aprofundamento, internos ou externos à publicação primária, conduzidos por uma lógica que garanta ao usuário a compreensão dos fatos essenciais independentemente do momento em que abandone a leitura. Aqui, é possível

remeter ao que o próprio Canavilhas (2007b) chama de pirâmide deitada, que será novamente discutida nesta dissertação em subcapítulo posterior.

As possibilidades trazidas pelos recursos da web convergem para uma releitura dos meios de comunicação tradicionais e seus modelos de produção da notícia, sendo a fragmentação informativa em níveis ou camadas hipertextuais uma percepção comum aos autores apresentados neste trabalho. Esta prática, no entanto, ainda não é regra entre os portais noticiosos com padrão de “Últimas”, muitas vezes limitados pelo número de funcionários, pela infraestrutura empresarial ou por princípios editoriais. A caminhada entre teoria e prática permanece em evolução, com experimentações que motivam a continuidade do processo.

3.4 Produção e circulação de conteúdo jornalístico na internet

A circulação de produtos jornalísticos faz referência à distribuição noticiosa, podendo abranger facetas econômicas e sociais. A primeira é pensada do ponto de vista comercial, com uso de estratégias de vendas comuns ao mercado empresarial e com vistas ao lucro. A segunda considera a distribuição da notícia em meio a relações e estruturas sociais, isto é, o papel desempenhado pelo jornalismo na sociedade. No contexto das novas mídias ambientadas no espaço on-line, a circulação de conteúdo passa por uma reformulação influenciada pela convergência de plataformas, produção descentralizada, atualização contínua, espaço ilimitado e tempo real, aspectos aos quais esta pesquisa se detém.

A internet consolida o que Jenkins (2009) intitula de convergência, caracterizada pelo fluxo de conteúdos que chega ao público por meio de múltiplas plataformas de mídia, pela cooperação entre os mercados midiáticos e pela migração dos públicos dos meios de comunicação em busca das experiências que desejam. “A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009, p. 43). Trata-se de um processo sem real controle do fluxo midiático e capaz de modificar a relação entre as tecnologias, os gêneros e o público.

O autor aponta que este processo vai além da mudança tecnológica: “[...] a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29, 30). Neste ambiente de convergência, a internet passa a ser vista como local de circulação multidirecional, que opera conceitos baseados na coletividade, no dinamismo e no compartilhamento de conhecimentos materializados em

sites, blogs, comunidades e fóruns de debate, embora esta relação ainda apresente lacunas participativas do público perante a mídia formalmente constituída.

A produção e difusão descentralizadas são fenômenos relevantes no modelo de circulação de conteúdos digitais. Sobretudo na segunda década do webjornalismo, percebe-se uma quebra das rígidas hierarquias verticais estabelecidas entre emissor e receptor ao promover um modelo de circulação de “muitos para muitos”. Os produtos partem não apenas dos cibermeios institucionalizados por empresas jornalísticas, mas também de produtores individuais. Nesta via de mão dupla, percebe-se uma corrida do produtor ao público e uma maior flexibilidade do público na busca por informação. “Trata-se de um meio ativo, que requer constante interação com seus usuários, contrastando com a relativa passividade que marca a relação do telespectador, ouvinte ou leitor com os meios tradicionais” (ALVES, 2006, p. 95).

A internet concede ao usuário um maior poder de busca e reorganização do conteúdo, traduzido em personalização. Exemplo disso é o popular sistema RSS (*Really Simple Syndication*), o qual permite, com o uso de um agregador, a busca e seleção de notícias de fontes variadas, atualizadas numa página pessoal, segundo critérios preestabelecidos pelo internauta. O recurso articula uma comunicação eu-cêntrica (ALVES, 2006) baseada em decisões individuais sobre o que, quando e onde o usuário consome o produto midiático.

Na mesma linha, o *podcasting* consente o acesso de usuários a arquivos de áudio e vídeo disponibilizados por um provedor de conteúdo na internet. Os dados são capturados em computador e podem ser reproduzidos a qualquer momento em aparelhos de MP3, como iPods, quebrando o fluxo temporal da programação de emissoras de rádio e televisão (ALVES, 2006).

A arquitetura desconcentrada da internet permite o vínculo entre redes e sub-redes, a criação de hipertextos ligados a linguagens de marcação e a inserção do usuário na produção de conteúdo (SCHWINGEL, 2010). Lévy (1993) defende que os processos de composição e criação trabalham com estoques como bancos de dados, de “conhecimentos”, de imagens, de áudio e de programas. Esses estoques são acrescidos pelo que produzem os dispositivos de composição: bancos de filmes, textos e hipertextos.

A massa de dados digitais disponíveis se infla o tempo todo. E quanto mais ela cresce, mais é preciso estruturá-la, cartografá-la, criar uma matriz com estradas expressas e avenidas lógicas; mais as interfaces para a caça eficaz e o garimpo furioso devem ser aperfeiçoadas. O hipertexto ou o sistema à base

de conhecimentos pertencem à reserva, mas são também modos de acesso ao estoque, são tipos de interfaces (LÉVY, 1993, p. 108).

Inseridas neste contexto, as tecnologias de publicação de dados na web evoluem em sistemas e ferramentas que acompanham a lógica labiríntica de conexão entre redes e hipermídias, pensando a produção em fluxos de informação, aspecto considerado pelo webjornalismo. A facilidade em administrar conteúdos e a popularização das tecnologias entre os usuários comuns têm como aliados os Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos (SGC) – ou *Content Management Systems* (CMS), usados na internet a partir do final da década de 1990, início dos anos 2000. Com eles, é possível selecionar, administrar, editar e publicar conteúdos (texto, imagem, áudio e demais documentos) em tempo real por meio de modelos pré-programados e disponibilizados via internet, desenvolvidos com softwares livres (*open source*) ou proprietários (SCHWINGEL, 2010).

Graças a interfaces amigáveis, os CMS dispensam webmasters profissionais para o manuseio cotidiano e podem ser manipulados por usuários comuns da web. Schwingel (2010) lista mais de uma centena de CMS generalistas com fácil utilização encontrados no ciberespaço, alguns deles usados por grandes empresas jornalísticas, a exemplos de Globo.com e Terra – CMS Vignette; CNN – CMS *Word Press*; *Wall Street Journal* e NBC – CMS Clickability.

Os sistemas generalistas normalmente integram recursos para criação de blogs; fórum de discussão; inclusão de matérias; possibilidade de criar sites de comércio eletrônico; classificados; bate-papo; programações visuais distintas; inclusão de tradução e suportes para idiomas; multiplataformas e suporte para instalação; e componentes, módulos e plug-ins (SCHWINGEL, 2010).

Para fins jornalísticos, Schwingel (2010) aponta seis funcionalidades principais a serem respeitadas na escolha do CMS: integração da hipertextualidade e da multimídia às publicações de maneira facilitada; adaptação ao sistema de apuração do meio; customização aos canais ou editorias; permissão de acesso de acordo com as funções jornalísticas; controle do fluxo informativo segundo critérios editoriais; e diferenciação de níveis e definição de fluxo da informação para participação do internauta. As características de cada Sistema de Gerenciamento de Conteúdos e suas aplicações devem ser consideradas a depender do projeto a ser implementado, podendo exigir, inclusive, o desenvolvimento de funcionalidades específicas para cada produto.

Somados às tecnologias de manipulação de conteúdos estão os processos produtivos do jornalismo, adaptados aos conceitos de convergência e descentralização. O espaço virtual aberto estimula um novo fazer jornalístico, no qual o público pode assumir funções de receptor e emissor, produzindo conteúdos próprios ou complementando os materiais apresentados (PRADO, 2011). “O receptor agora tem o controle, o poder de acessar uma infinidade de fontes, sem as barreiras de tempo e espaço que limitavam sua ação até o advento da web” (ALVES, 2006, p. 96). Neste espaço vivo e móvel, a meta é manter a atualização durante as 24 horas do dia, a fim de sustentar o interesse do público e, conseqüentemente, aumentar a circulação informativa na internet.

O ciberespaço promove um recorte espaço-temporal de cunho social harmonizado com as especificidades da rede. A espacialidade deixa de ser geográfica e abre as portas para um mundo cibernético pleno em atividades, sem um real deslocamento físico dos participantes. A temporalidade caminha na velocidade da banda de conexão e de recursos como o hiperlink, o qual é capaz de recriar cronologias, esticar ou condensar sequências, de acordo com a preferência do internauta.

O conceito de esfera pública burguesa, definida por Habermas (2003) como espaço de discussão crítica formado por pessoas privadas reunidas em um público, contribui para o aprofundamento da compreensão sobre as potencialidades da web para a vida democrática. Esta estrutura ganhou força na Europa do século XVIII, momento de ascensão da burguesia como poderosa classe econômica, porém afastada da tradição aristocrática, cujo status era definido por títulos de nobreza. Na sua configuração inicial, o jornalismo, como instituição por excelência da esfera pública, conseguiu fundar o princípio de legitimação do Estado de Direito característico da sociedade moderna ao obrigar os monarcas a comparecerem perante o tribunal da opinião pública para justificar suas decisões, sob a ameaça de comprometer a sua governabilidade, caso não obtivessem a concordância dos cidadãos.

Nesta esfera de deliberação pública, foram promovidos debates culturais, políticos e econômicos que aprofundaram o teor crítico frente à estrutura social vigente. A mídia impressa, representada por jornais e revistas, atuou como meio de disseminação das ideias burguesas, inicialmente de maneira autêntica e, posteriormente, sob as rédeas dos interesses comerciais das empresas de comunicação (HABERMAS, 2003).

Ao compreender a web como espaço aberto à discussão, cria-se uma analogia à esfera pública burguesa quanto à liberdade crítica e ao reposicionamento do público. O domínio social constituído no ciberespaço permite a formação de uma esfera pública mediada por

computador, capaz de congrega atores sociais dispersos fisicamente, porém conectados a uma única rede, na qual seguem preferências pessoais, compartilham o pensamento crítico e constituem grupos unidos por interesses públicos comuns. Esta união pode ser amparada tanto pelo trabalho jornalístico quanto pelas ações não institucionais lideradas por indivíduos comuns, conforme acontece com maior vigor nas comunidades virtuais interativas e nas redes sociais, numa ampliação de mecanismos de interferência cívica.

Aqueles que detêm as ferramentas tecnológicas de acesso à internet são capazes de opinar e interferir no ciberespaço por meio de sites pessoais, fóruns, blogs e afins, num reposicionamento das massas perante as forças produtivas institucionalizadas. Cabe a ressalva, entretanto, aos portais corporativos e jornalísticos, cujos conteúdos e discursos são definidos pelas próprias empresas, a partir de modelos particulares de atualização e de linhas editoriais distintas.

Neste ponto, é possível identificar traços de concentração de poder, uma vez que os portais de notícias ainda apresentam características de controle e seletividade que compartilham padrões já adotados pela mídia massiva clássica e pela organização corporativa da sociedade capitalista. A diferença está na já citada abertura do público em buscar outros sites ou mesmo em tornar-se produtor de conteúdo pessoal, algo pouco observado junto ao receptor de veículos tradicionais. Embora sem garantia de êxito quanto à dinamização cívica, este posicionamento permite uma releitura do conceito de esfera pública no ambiente web com vínculo a padrões de pluralidade, abertura discursiva e participação, em que a relação face a face cede lugar à virtualidade computadorizada. “Hoje, a esfera pública é mais complexa e multifacetada, tornando-se a arena privilegiada de uma luta simbólica pela definição das realidades sociais” (CORREIA, 2003, p. 67).

O ambiente da web congrega diversos tipos de mídias, produzidas e consumidas por diferentes públicos, oriundos de inúmeros lugares do planeta. Diante desta gama heterogênea de plataformas, unidas em processo de convergência, e de públicos, aproximados pelo ciberespaço, o jornalismo passa a remodelar linguagens, que adquirem traços específicos em função das potencialidades do veículo. Conforme especificado anteriormente, Canavilhas (2007a) aponta três características da web que condicionam o jornalismo: hipertextualidade, multimídia e interatividade.

Dentre as três propriedades supracitadas, a interatividade é aquela que se encaminha mais abertamente a aspirações de poder e controle social. Por meio da interação com os conteúdos, o internauta ganha posição de destaque perante a mídia, numa inversão dos

tradicionais papéis do produtor e do receptor. O resultado são produtos mais propensos à aceitação pública, já que eles são frutos de uma relação dinâmica entre as partes.

Apesar dos ganhos promovidos por este novo elemento, a interatividade é um recurso limitado. Conforme defende Jenkins (2009), trata-se do planejamento das novas tecnologias para responder ao *feedback* do consumidor, com restrições tecnológicas. “Em quase todos os casos, o que se pode fazer num ambiente interativo é determinado previamente pelo designer” (JENKINS, 2009, p. 189, 190). Isso pode ser observado na prática interativa proposta pelos portais de notícias, normalmente restrita a fóruns de discussão, espaços para comentários e envio de sugestões de pauta a serem analisadas pela redação antes da publicação. O conteúdo das matérias não é diretamente manipulável pelo internauta.

O posicionamento do usuário diante dos produtos jornalísticos na rede de computadores ainda deve encaminhar-se para a participação, moldada por protocolos culturais e sociais ampliados. “A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia” (JENKINS, 2009, p. 190). Desta maneira, a usuário ganhará um novo artifício contra a atuação unilateral ainda observada em grandes corporações jornalísticas, cujas consequências incluem o controle social e a estagnação da capacidade crítica do público.

Sobre a postura ativa do internauta, cabe ainda uma alusão aos três modelos de deliberação estudados por Habermas (1997) na perspectiva da democracia. O modelo de acesso interno tem iniciativa das autoridades políticas ou da elite detentora do poder, sem influência perceptível da esfera pública. O modelo de mobilização também parte do sistema político, mas com ativação da esfera pública, pois os agentes necessitam do apoio de camadas importantes do público para atingir tratamento formal ou implementar programas já votados. Por fim, no modelo de iniciativa externa, a ação orientadora dos fluxos comunicativos pertence às forças que estão fora do sistema político, as quais tentam inserir demandas na agenda formal de discussão social com o uso da opinião pública mobilizada.

Diante da força do sistema político na organização da agenda social, Habermas (1997) aponta para a predominância dos modelos de acesso interno e de mobilização. Paralelamente, ressalta o autor, enquanto os meios de comunicação priorizarem material noticioso oriundo de fontes poderosas e organizadas ou preferirem estratégias que minimizem o nível discursivo da circulação pública da comunicação, os temas serão dirigidos do centro para fora, contrariando a espontaneidade originada na periferia social.

Apesar das assimetrias estruturais existentes no processo de formação de sentido no espaço público, conforme destaca a concepção habermasiana, o público detém força para adentrar o debate em temas de interesse coletivo. Em dimensão estrutural, esta autoridade é observável na impossibilidade de total legitimação de interesses particulares de poderosos no campo midiático. O posicionamento ativo do público também pode ser concebido, em dimensão individual, na capacidade das pessoas em discernir entre situações em que estão integradas às discussões livres e aquelas em que são vítimas de violência ou intimidações (ROCHA; MARROQUIM, 2011).

Refuta-se, desta forma, a completa passividade do público ante os produtos midiáticos, em um reconhecimento das potencialidades cognitivas dos atores sociais. Embora haja distintas capacidades individuais de participação na cadeia produtiva dos meios de comunicação, exemplificadas na disponibilidade de tempo, conhecimento dos temas e imersão no contexto social (HABERMAS, 1997), a autoridade do público não pode ser desconsiderada, especialmente no ambiente on-line, cuja natureza está diretamente ligada a ideais de liberdade e participação.

4 A REPRESENTAÇÃO DO FACTUAL NA WEB

4.1 O factual como produto do jornalismo diário

As notícias factuais ou notícias quentes (*hot news*) podem ser reconhecidas como a vitrine do jornalismo diário. Por meio delas, o público acompanha os acontecimentos da sociedade sob a ótica da mídia – seus filtros, valores e procedimentos. Os fatos são a matéria-prima dos meios de comunicação de massa, e, com eles, os profissionais reforçam ideias vinculadas à presentificação, à instantaneidade e à aceleração de ritmos produtivos em busca do que hoje se apresenta como tempo real.

Potencializado pela tecnologia, o jornalismo também redescobre espacialidades ao longo da história. Da evolução das redes de transporte à unidade simbólica do ciberespaço, a mídia reconfigura a amplitude de sua atuação, compreendida em duas vertentes: o referencial geográfico – da cobertura local à internacional; e o suporte de difusão – do papel aos conteúdos infinitamente digitalizados na internet.

A partir deste contexto, passou-se à escolha do portal de notícias que seria fonte de coleta da amostra desta pesquisa. Devido à acessibilidade e à proximidade geográfica, limitou-se a escolha aos portais pernambucanos sediados na cidade do Recife. Em seguida, considerou-se uma análise comparativa entre as seções de “Últimas Notícias” dos portais vinculados aos grupos de comunicação com representações mais antigas e estáveis em solo pernambucano, a saber: NE10, G1|Pernambuco e Diariodepernambuco.com.br, vinculados ao Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, às Organizações Globo e aos Diários Associados, respectivamente.

Após avaliação preliminar, constatou-se um certo grau de repetição da abordagem noticiosa que tornou desnecessária a comparação entre os veículos para fins desta pesquisa. Desta forma, elegeu-se apenas um portal para realização da análise: o NE10. A justificativa encontra-se no fato de o portal ser reconhecido como o maior e mais antigo (considerando-se os 14 anos de história do antecessor, JC OnLine, à época do lançamento do NE10, em 2011) da Região Nordeste, além de adotar uma proposta direcionada aos produtos multimídia.

4.2 Corpus de pesquisa

O *corpus* desta pesquisa é constituído por matérias publicadas na seção “Últimas Notícias” do portal NE10, em sintonia com as preocupações sobre concepções de espaço ilimitado, atualização em fluxo contínuo e tempo real na produção webjornalística cotidiana, questões intrincadas ao problema da pesquisa.

No intuito de delimitar a amostra e se aproximar de uma proposta de produção jornalística factual, a pesquisadora optou pela escolha de uma temática integrante da agenda social, mas que se renova e contém certo grau de imprevisibilidade, além de influenciar a vida cotidiana e corroborar com valores-notícia substantivos em suas vertentes de importância e interesse da notícia.

Chegou-se, desta forma, ao tema “chuva”. A coleta da amostra é referente ao período de 1 a 30 de junho de 2012, mês em que tradicionalmente são detectadas fortes ocorrências de precipitações no Hemisfério Sul, inclusive no Brasil. Nesta época, portanto, este tópico insere-se em um ciclo noticioso estável e natural, aspecto relevante na construção do *corpus* (BAUER; AARTS, 2002).

A coleta do material foi realizada por meio da ferramenta de busca do portal NE10, com o uso das palavras-chave “chuva” e “chuvas”, que abrangem o tema de maneira generalizada. A delimitação é apenas temática e são consideradas as notícias regionais, nacionais e internacionais publicadas pelo portal, inclusive de parceiros e agências de notícias.

A partir destes procedimentos, foram identificadas 146 matérias, divididas em cinco subtemas: chuvas (matérias focadas na ocorrência de precipitações e suas consequências para a sociedade) – 90 matérias; seca (oposição às chuvas) – cinco matérias; esportes (interferência das chuvas no andamento de disputas esportivas) – 29 matérias; eventos (realização de eventos durante a ocorrência de chuvas) – cinco matérias; e outros (notícias que contêm as palavras “chuva” e/ou “chuvas”, sem foco ou referência direta à ocorrência de precipitações e às consequências cotidianas para a população) – 17 matérias.

A fim de manter-se fiel ao sentido original do tema, foram descartadas as matérias que contêm as palavras “chuva” e/ou “chuvas”, mas não se referem, de fato, à ocorrência deste fenômeno da natureza ou apenas o citam para discorrer sobre outros assuntos. Esta nova triagem resulta em uma amostra constituída por 90 produtos.

Vale ressaltar que o tipo de amostra desta pesquisa é intencional, numa seleção baseada em critérios teóricos apresentados neste trabalho. A delimitação também leva em consideração a natureza mutável e flexível da internet, que exige atenção quanto aos

procedimentos de recorte, além de reconhecer as limitações impostas pela diversidade e amplitude do meio.

A internet é um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento) (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p. 55).

Devido às razões apresentadas, a pesquisa descartará a elaboração de dados estatísticos, já que este tipo de resultado ajusta-se normalmente a análises em grande escala, capazes de construir panoramas e visualizar padrões gerais (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). Tal perfil analítico torna-se incompatível com o tempo de realização dos estudos e a dinâmica de atuação individualizada da pesquisadora, além de distanciar-se dos objetivos deste trabalho científico.

4.3 Metodologia de pesquisa

Esta pesquisa é qualitativa, método eficaz para estudos que privilegiam o aprofundamento, e não generalizações (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012). A amostra é estudada com o objetivo de reconhecer os graus de consistência e aprofundamento webjornalísticos, em categorias que remetem a práticas profissionais comprometidas com as técnicas produtivas do ambiente virtual e com a qualidade da informação.

A análise é composta por dois momentos, didaticamente organizados em: estudo da estrutura do texto e estudo da integração dos recursos multimídia com vistas ao aprofundamento da informação. O primeiro viés considera as aplicações de valores-notícia e recursos textuais de aprofundamento, com destaque para a abordagem do “como” e do “porquê” dos fatos noticiados nas matérias. Já o segundo aborda o uso de links e a união de plataformas na promoção do detalhamento dos fatos. Todo o processo analítico leva em conta a interferência do espaço e do tempo na produção midiática na web. São levantadas questões como a relação entre oferta de espaço e grau de aprofundamento jornalístico; e o descompasso entre tempo de produção e instantaneidade da difusão.

O método de observação eleito para esta empreitada funda elementos da análise de conteúdo e da análise de discurso, sem amarras a correntes teóricas específicas. Na verdade, parte-se da perspectiva que assume a parcialidade da linguagem e rejeita a noção positivista

de neutralidade discursiva. Da análise de conteúdo, são absorvidos elementos que privilegiam a atenção à qualidade dos materiais anterior à clássica análise numérica (BAUER, 2002). A finalidade é aplicar as categorias instituídas a partir do referencial teórico e da observação do *corpus* de pesquisa, com a intenção maior de investigar suas minúcias. Este procedimento acompanha tanto a análise estrutural dos textos quanto o estudo dos recursos multimídia em si.

Ao mesmo tempo, parece inviável desprezar o teor e a organização textual, já que o aprofundamento da notícia requer o adensamento das informações para a construção do conhecimento, conduzindo ao estudo dos sentidos estruturantes da atividade jornalística. Entra em cena a perspectiva da análise de discurso, capaz de traduzir os significados múltiplos presentes aos produtos, diretamente relacionados ao contexto interpretativo. Gill (2002) propõe um mergulho do pesquisador no material de estudo como etapa inicial para a codificação, com o uso de categorias determinadas por questões de interesse.

No caso específico deste trabalho, quanto à estrutura textual, os estudos teóricos apresentados indicam uma forte submissão do jornalismo diário aos fatos, ou seja, aos acontecimentos presentes vinculados ao “dia noticioso”, que na internet poderia ser substituído pelo “segundo noticioso”. Desta forma, tanto a estrutura narrativa quanto a incessante busca pela renovação de notícias podem levar à descontextualização dos fatos e à fragmentação, inimigas do aprofundamento em quaisquer meios de comunicação.

O uso de fontes também pode ser comprometido pela rotina produtiva, como já foi explicitado nesta dissertação. A falta de tempo, de estrutura dos meios e de preparo do profissional, além dos interesses ideológicos, podem afetar a relação entre fontes e jornalistas, a seleção de informações e a condução das coberturas, indo de encontro aos procedimentos qualitativos do jornalismo. Assim, propõem-se três categorias de análise pertinentes à estrutura textual e discursiva do jornalismo, com consequências diretas no aprofundamento noticioso: contextualização; fragmentação narrativa; e uso de fontes de informação.

O desenvolvimento das tecnologias digitais aplicadas à internet propõe novas articulações produtivas do jornalismo a fim de dinamizar e atualizar os tradicionais métodos profissionais. Desta forma, estabelece-se o eixo da análise reservado à integração dos recursos multimídia. Essa etapa pretende revelar a adequação produtiva às características da internet, normalmente associadas a textos curtos, não lineares, interativos, multiplataformas e difundidos instantaneamente. Este cenário abre questionamentos sobre a consistência

informativa no webjornalismo, o uso do espaço simbolicamente ilimitado e a pressão do tempo e da concorrência como impedimento à plena condução da atividade profissional.

Acolhida pelo referencial teórico desta pesquisa e pelas particularidades do *corpus*, sugere-se a seguinte relação entre multimidialidade e aprofundamento: complementação informativa por meio da convergência midiática; hipertexto como ferramenta de aprofundamento; e banco de dados como suporte ao detalhamento informativo.

Esta proposta tem por meta compreender formas de uso dos recursos da web em benefício da qualidade do jornalismo. Desta maneira, desmistificar a produção on-line e conhecer caminhos a serem trilhados em busca da notícia de qualidade e da consequente produção do conhecimento jornalístico como estruturador da sociedade.

4.4 A prática jornalística na seção “Últimas Notícias”

A atividade jornalística desenvolvida nas redações digitais é comumente atrelada a quesitos como aceleração do ritmo produtivo, instantaneidade, atualização contínua e multimidialidade. Ferrari (2006) argumenta que a web já nasceu com forte apelo visual, além de ser direta, objetiva e sucinta, elementos bastante explicitados na produção de “Últimas Notícias”, capazes, inclusive, de gerar um embate entre tempo e qualidade produtiva.

Principalmente na área de últimas notícias, o tempo é o grande “capataz” da apuração, pois tornou-se quase uma unanimidade achar que matéria publicada na Internet pode vir cheia de erros – sejam de ortografia, apuração ou concordância. Tudo é perdoado em virtude do curto espaço de tempo da edição. Será isso mesmo? (FERRARI, 2006, p. 52).

A imposição do tempo real pode agravar a contradição com regras básicas do jornalismo, que exigem certa desaceleração do ritmo produtivo, como a apuração, a interpretação e a contextualização dos fatos. Moretzsohn (2002) acredita que esse paradoxo tende a se “resolver” pela eliminação da necessidade de veicular informações corretas e contextualizadas, com o uso de explicações rasas para sustentar a notícia instantânea. Esta rotina apoia-se na lógica do mercado financeiro, para o qual a rapidez torna-se condição de sobrevivência.

O comentário, entretanto, não objetiva demonizar a produção de notícias on-line. A autora lembra que a aceleração de ritmos produtivos acompanha o jornalismo desde a sua criação. Os meios de comunicação de massa tradicionais sempre embutiram em suas rotinas a

busca pela notícia veloz, publicada em primeira mão, especialmente ao subordinarem-se a uma rotina industrial das atividades. Na era digital, contudo, este atributo torna-se ainda mais latente devido à cultura do tempo real estabelecida no ciberespaço.

Em uma visão mais otimista, Prado (2011) sugere uma adaptação das práticas jornalísticas básicas à realidade digital como forma de aliar velocidade e qualidade; fracionamento e aprofundamento dos fatos. De antemão, deve-se considerar o novo estilo de consumo noticioso baseado na multimidialidade e na interatividade do internauta 2.0, que assume papéis múltiplos e concomitantes: ele consome várias mídias ao mesmo tempo e interage por meio de fóruns, comunidades, mensagens e redes sociais. Além disso, a formação do jornalista deve estimular a reflexão e a constituição de um senso crítico a respeito da própria atividade desenvolvida na web.

Em quaisquer meios de comunicação, a qualidade do jornalismo passa pelo controle de esquemas produtivos relacionados ao planejamento da reportagem, à seleção das pautas, à escolha das fontes e dos personagens, à apuração, à redação e à edição (PRADO, 2011). Na web, esses procedimentos passam por releituras adequadas aos recursos on-line e ao perfil das redações.

Um elemento notório no processo de alargamento informativo, segundo Prado (2011), é o hiperlink, por meio do qual o acontecimento pode ser rápida e constantemente “suitado” (termo que indica o desdobramento de fatos noticiados em edições anteriores). Com o link, é possível incrementar novas notícias, contextualizá-las, detalhá-las ou até construir uma memória coletiva mediante a constituição de um banco de dados.

A interatividade com o usuário também propicia mudanças na rotina profissional. Segundo explana Prado (2011), a abertura de canais de comunicação com o internauta aproxima-o do jornalista, numa promoção da ideia de transparência do processo de produção da notícia. Ao mesmo tempo, pode alçar o usuário ao posto de colaborador, estabelecendo novas opções na busca por pautas e fontes e na apuração dos fatos, com a inserção do ciberespaço como meio e fim do jornalismo.

Os percursos produtivos formatados na web estimulam a atualização das práticas profissionais. Ao discutir a experiência temporal do jornalismo, Franciscato (2005) defende a possibilidade de remodelação dos tradicionais métodos de produção e circulação de notícias frente à lógica do tempo real, que aproxima cada vez mais a concepção de atualidade ao instante:

O tempo presente, construção social que fundamenta o jornalismo, torna-se balizado por novas estruturas e práticas. Se as mídias tradicionais têm sido atores privilegiados para a constituição de uma temporalidade social, as redes de comunicação, com aparatos tecnológicos e interacionais, podem levar a mudanças de padrões, procedimentos e concepções existentes até as últimas décadas (FRANCISCATO, 2005, p. 165).

Entretanto, por se tratar de um cenário social ainda em evolução, torna-se difícil mensurar o real uso e o aproveitamento dessas práticas. Como já comentado neste trabalho, as peculiaridades das redações (a exemplo de perfil editorial, infraestrutura, quadro profissional e concorrência entre veículos) promovem variações na seleção, produção e difusão noticiosa. No cerne da questão, permanece o debate acerca da qualidade da notícia.

4.5 Categorias textuais

As categorias textuais propostas nesta pesquisa atêm-se aos elementos estruturais do texto noticioso, conforme explanado anteriormente. A partir dos estudos teóricos apresentados, observa-se uma relação direta entre a discussão do “como” e do “porquê” dos fatos e o aprofundamento da informação. Da mesma forma, a busca constante pelo tempo presente, a atualização periódica da informação, as rotinas produtivas e a aplicação de critérios de noticiabilidade influenciam a qualidade e o aprofundamento do produto jornalístico. Neste contexto, são lançadas as seguintes categorizações: contextualização; fragmentação narrativa; e uso de fontes de informação.

4.5.1 Contextualização

A base da contextualização da notícia encontra-se, inicialmente, no aprofundamento de duas questões formativas do jornalismo: o “como” e o “porquê” dos acontecimentos, conforme lembra Wolf (2008). Compreender as causas dos eventos noticiosos e suas implicações contribui para a reflexão e formação do conhecimento por parte do público, além de minorar as imperfeições associadas ao processo de recorte social característico do produto midiático, a exemplo da aparente autossuficiência do evento e da fragmentação do discurso narrativo.

Ao considerar a base teórica apresentada neste trabalho, a superficialidade da notícia factual pode encontrar justificativas relacionadas à contínua tensão entre o tempo cronológico dos fatos e o tempo de produção jornalística; à rigidez dos modelos noticiosos, que limitam o

espaço e o tempo reservados às matérias, especialmente nos veículos *broadcasting*; ao vínculo com o tempo presente, cujo foco está no fato do dia; ou, ainda, ao preparo do profissional e à sua capacidade de incentivar discussões qualificadas sobre os temas em questão.

Surge, então, um questionamento: como ultrapassar as barreiras impostas pelas rotinas produtivas, pelas técnicas institucionalizadas e pela estrutura empresarial? A resposta provavelmente não está na ruptura com o sistema instituído, que poderia soar ilusória, mas sim na evolução e readaptação de práticas e atitudes profissionais.

Pavlik (2001) designa um modelo de produção na internet denominado “jornalismo contextualizado” (*contextualized journalism*), marcado pela multimidialidade, interatividade, hipermidialidade e personalização. Para o autor, a soma desses recursos é eficaz na formulação de notícias mais completas, que podem ajudar a retomar audiências cansadas de materiais jornalísticos retirados do contexto.

A sociedade em rede modifica o papel do jornalista em três vertentes fundamentais, segundo Pavlik (2001): o jornalista deve desempenhar o papel de um articulador de fatos, capaz de filtrar a avalanche informativa da web, conectar eventos, circunstâncias e contextos em produtos completos; o grande volume de informações disponíveis na web exige do jornalista o desenvolvimento de habilidades de interpretação e edição; e, por fim, o jornalista assume posto central na reconexão de comunidades, promovendo o jornalismo cívico on-line que estimula a participação dos cidadãos e torna o comunicador profissional mais responsável pela sua audiência.

Esta nova forma de exercício profissional ajudaria a sustentar a saúde dos negócios da instituição do jornalismo, aumentando as audiências e construindo fontes de receitas para manter a qualidade da reportagem. E, ainda mais importante, poria o jornalismo a serviço da informação necessária à construção do conhecimento dos cidadãos (PAVLIK, 2001).

4.5.2 Fragmentação narrativa

A narrativa efêmera e direta caracteriza, em linhas gerais, o estilo jornalístico de contar os fatos sociais diários, numa clara evidência da atualidade e da vivência do tempo presente. Para dar roupagem factual aos eventos, o jornalismo produz recortes temporais capazes de instituir uma periodicidade na oferta dos relatos noticiosos, resultando na fragmentação episódica dos acontecimentos.

De acordo com Franciscato (2005), a fragmentação é parte integrante do processo de construção do fato jornalístico. Com a profissionalização da atividade, repórteres e editores desenvolveram técnicas mais apuradas de reconstrução de eventos na forma de relato noticioso, em constante confronto com as temporalidades assumidas socialmente. A atividade institucionalizada age sob padrões de produção da notícia em larga escala, mediante o uso de critérios apoiados em suportes e organizações consolidados no plano coletivo.

A atividade jornalística gera uma tensão ao produzir uma fragmentação discursiva dos eventos. Mas, ao mesmo tempo, a instituição jornalística apresenta-se como capaz de resolver cotidianamente esta tensão com seus recursos e ferramentas a fim de produzir uma ‘unidade’, a notícia, com um sentido de completude temporal (embora parcial). Isto ocorre porque a atividade executa um trabalho de fragmentação do evento (em termos temporais, mas não somente neste aspecto) para construir uma notícia enquanto um recorte com uma marcação temporal precisa, um sentido de início-fim do evento e sua localização num contexto temporal que é referência para seu público-leitor (FRANCISCATO, 2005, p. 100).

Segundo Gomis (1991), o ordenamento dos fenômenos sociais em unidades noticiosas delimita a realidade bruta e reúne as suas versões mais significativas, de modo a atender às expectativas públicas e às necessidades técnicas do jornalismo, tais como ajustes ao espaço e ao tempo disponíveis. O autor reforça a ideia de que a notícia apresenta a realidade como ação concentrada em pílulas agrupadas nos noticiários, nas páginas impressas ou, analogamente, nos portais de internet. Neste procedimento, está intrincado um processo de fragmentação do real, que chega ao público em pequenas porções informativas, ou seja, períodos de interpretação do presente.

A fragmentação de eventos e a reconstrução deles em unidades noticiosas renovam os sentidos de contemporaneidade e novidade na agenda social, além de alimentarem a rotina produtiva das redações, da seleção à edição dos produtos midiáticos. A notícia como unidade informativa independente passa a referenciar o desenrolar dos acontecimentos de acordo com a evolução dos fatos e a veiculação de novos episódios noticiosos pelos meios de comunicação. Este modelo exige do público a necessidade de desfragmentar e conectar os eventos numa lógica associativa, cronológica ou valorativa.

Sabemos que a notícia segmenta o fenômeno ocorrido e o transforma em fato. Ela, primeiro, o padroniza: o fenômeno deve virar uma unidade manufaturável, apta a ser trabalhada como produto. A totalidade do fenômeno só se torna possível por meio de cenas parciais ou pelo sistemático isolamento de outras cenas ou incidentes. Essas unidades manufaturadas

(notícia) revelam-se obviamente heterogêneas, têm peso diferente, importância desigual. Ao remodelar realidades díspares, a informação as nivela em unidades breves que são, em seguida, remontadas (diagramadas) na página, na *homepage*, no espelho do noticiário da TV (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 27, 28. Grifo do autor).

Um dos pontos geradores de críticas ao modelo fragmentador do jornalismo é justamente a remontagem das frações noticiosas da realidade. Ao analisar o discurso jornalístico em capas de jornais impressos de grande circulação no Brasil, Moretzsohn (2002, p. 96) observa: “Não raro se pretende estabelecer entre esses fragmentos um nexo que reforça o nonsense e provoca aquilo que em análise de discurso se define como ‘efeito de apagamento’, ocultando a materialidade do fato noticiado”. Esse efeito pode ser alcançado pela aproximação meramente estética de imagens semelhantes, numa ligação forçada entre assuntos de conteúdos díspares. A autora lembra, no entanto, outras formas de apresentação do mosaico jornalístico, a exemplo de critérios noticiosos e éticos, além do trabalho de interpretação do leitor.

É importante ressaltar que a fragmentação temporal não surgiu nem foi executada unicamente pelo jornalismo. Como explica Franciscato (2005), a unidade do “dia” é um exemplo de fragmentação específica do tempo originada na rotina da sociedade, dentro de um contexto industrial e tecnológico. O que o jornalismo faz é operar as “precondições temporais” da sociedade, de modo a apresentar um objeto (a notícia) que supera o desencaixe temporal.

Esse produto final constrói sentidos arraigados às conjunturas profissional, subjetiva e social do jornalista. Retoma-se o pensamento de Goffman (2012): a percepção de ocorrências e a interpretação das múltiplas realidades sociais pelo jornalista são resultantes de processos de enquadramento realizados mediante o uso de esquemas primários sociais. A atividade jornalística incorpora, assim, as atitudes interpretativas de seus profissionais em todas as etapas da rotina produtiva.

O modelo de produção da notícia em tempo real e em fluxo contínuo no ambiente online pode reordenar e evidenciar o conceito de fragmentação narrativa, já que a internet apresenta, por si só, natureza fragmentadora. “Num esforço para parecer o mais atual possível, os veículos quebram as matérias e, freqüentemente, colocam o último desdobramento de uma história no topo. E as próximas informações virão em notas abaixo dessa” (FERRARI, 2006, p. 50). Feito de maneira excessiva, o fracionamento pode ocasionar perda do sentido geral do conteúdo para o usuário que não acompanha todos os desdobramentos.

A cultura da instantaneidade induz fortemente à segmentação dos fatos como recurso mantenedor da novidade, ao mesmo tempo em que reforça a permanência de temas sociais na agenda midiática, numa renovação progressiva do ciclo de atualidade do discurso, dos ritmos produtivos, do vínculo com o “agora” e do aproveitamento do espaço simbolicamente ilimitado no ciberespaço.

Os sucessivos relatos sobre um evento central podem detalhar fatos importantes, como também enunciar dados pouco relevantes na composição do conjunto informativo, numa ilusão de informações novas a todo instante. Como ferramenta para o aprofundamento e a qualificação da notícia, a fragmentação encontra brechas geradoras de efeitos positivos (atualização e detalhamento qualitativo dos fatos) e negativos (superexposição quantitativa de informações em detrimento da qualidade). Os dois pontos de vista são considerados na análise de dados desta pesquisa.

4.5.3 Uso de fontes de informação

Conforme indicado na discussão sobre as rotinas produtivas da informação jornalística, a relação com as fontes é aspecto fundamental à coleta de dados e determinante à qualidade da notícia. Ao fornecerem informações ao repórter, elas personificam os acontecimentos jornalísticos, ratificam interpretações e inserem-se no padrão dos valores-notícia. Além disso, ajudam a sistematizar os hábitos de produção, com procedimentos ajustados ao tempo e às limitações estruturais da redação.

As fontes podem assumir diversos papéis no produto noticioso. Podem ser oficiais ou oficiais, ativas ou passivas, estáveis ou provisórias, especializadas ou mesmo testemunhais: “[...] qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação. Uma fonte é uma pessoa que o jornalista observa ou entrevista e que fornece informações. Pode ser potencialmente qualquer pessoa envolvida, conhecedora ou testemunha de determinado acontecimento ou assunto” (TRAQUINA, 2005, p. 190).

Para o jornalista, destacam-se aquelas que têm credibilidade, oferecem informações fidedignas e contribuem com os aparatos profissionais. As que seguem este perfil tendem a ser consultadas usualmente, tornando-se estáveis. Embora as agências de informação sejam consideradas fontes em diversos casos, elas se diferenciam das chamadas fontes verdadeiras. As agências são empresas especializadas e fornecem material já formatado como notícia, estando um passo à frente no processo de produção (WOLF, 2008).

As fontes institucionais e oficiais costumam fazer parte do cotidiano da apuração, pois possuem credibilidade e respeitabilidade naturais, reduzindo necessidades de controle – essas fontes costumam fornecer informações fidedignas. Vinculam-se também à produtividade, porque, habitualmente, disponibilizam material suficiente à elaboração da notícia, o que ajuda o jornalista a poupar tempo e custos. “Além disso – em relação aos valores/notícia da ‘importância’ do ‘caráter exaustivo’ e do ‘equilíbrio’ –, essas fontes parecem necessárias, uma vez que representam o ponto de vista oficial sobre as questões controversas” (WOLF, 2008, p. 237, 238).

A autoridade e o prestígio social da fonte também incidem diretamente na escolha dela pelo jornalista. Traquina (2005) destaca que, em alguns casos, o repórter pode escolher uma fonte mais pelo que ela é do que pelo que ela sabe. Este grau de confiança associado à autoridade da pessoa é chamado pelo autor de “hierarquia da credibilidade”.

O relacionamento entre fonte e repórter dá-se de maneiras diferentes, mas a influência que exercem um sobre o outro está sempre presente. O estudo do *newsmaking* mostra que “[...] a rede de fontes que os aparatos de informação estabilizam como instrumento essencial para o seu funcionamento reflete, de um lado, a estrutura social e de poder existente e, de outro, organiza-se na base das exigências colocadas pelos procedimentos de produção” (WOLF, 2008, p. 235). Esta perspectiva modifica a ideia de que a passagem de conhecimentos entre fonte, jornalista e leitor seja linear, neutra e transparente. Segundo explica Wolf (2008), na verdade, a relação envolve fatores complexos, transpassados pelos interesses dos atores sociais.

Hall et al. (1999) defendem que a mídia não cria a notícia de maneira autônoma, e sim em dependência dos assuntos fornecidos pelas fontes institucionais regulares. Por meio delas, a mídia consegue cumprir obrigações impostas pela pressão interna da estrutura profissional e renovar os conceitos de imparcialidade, equilíbrio e objetividade. No entanto, o uso de fontes oficiais pode resultar na formação de uma realidade social orientada por elas, numa reprodução simbólica da estrutura de poder institucional.

Apelidados de definidores primários (*primary definers*) de tópicos, os porta-vozes poderosos assumem posição de intérpretes primários dos acontecimentos e, desta maneira, norteiam a cobertura da mídia. O enquadramento imposto por essas fontes limita as discussões subsequentes e o grau de relevância dos fatos. Até mesmo os argumentos contrários inserem-se nesta definição primária (HALL et al., 1999).

Nesta visão, a mídia assumiria papel secundário na cobertura dos acontecimentos. Uma atuação mais ativa e autônoma se daria na etapa seletiva da informação, na qual atuam os valores-notícia de cada veículo, e na adequação do idioma público da mídia, linguagem e discurso particulares assumidos por cada veículo. Ainda assim, Hall et al. (1999) argumentam que o idioma público não garante a quebra do processo de reprodução ideológica dos definidores primários, já que pode estar impregnado pela ideologia dominante.

“Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes, podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não o público” (TRAQUINA, 2005, p. 196). Ao seguir esta tendência, o jornalista deixa a fonte definir a situação – retorno à concepção do definidor primário.

O preparo do jornalista também pode interferir na fase de coleta da informação. O profissional especializado (setorista) tem maior conhecimento sobre o tema e um contato de maior qualidade com a fonte, por isso espera-se um grau de aprofundamento mais elevado. Apesar das benesses, uma relação estável entre jornalista e fonte pode gerar obrigações mútuas. No caso do repórter, a facilidade de acesso e a confiança na fonte podem torná-lo refém do seu informante (WOLF, 2008).

Já o profissional não especializado (generalista) tem menor bagagem de conhecimento específico e, ao consultar a fonte, tende a não se aprofundar no tema. O lado positivo é liberar-se da relação de conveniência recíproca comum em um relacionamento estável com a fonte. Por outro lado, a falta de intimidade com o tema reflete-se no modo de observação dos acontecimentos, no grau de exigência diante das fontes e no que extraem delas. Esta limitação faz o repórter recorrer a fontes respeitáveis e de credibilidade reconhecida a fim de evitar erros, mas mantendo a homogeneização da cobertura (WOLF, 2008).

Com a chegada da web, o relacionamento com as fontes adapta-se a recursos como o correio eletrônico (e-mail), páginas pessoais e institucionais e redes sociais. O primeiro funciona como um ágil canal para a troca de informações – entrevistas, checagem de dados e transferência de arquivos – entre pessoas específicas. As mensagens eletrônicas, argumenta Garrison (2012), tornaram-se ferramenta indispensável para o jornalista devido ao baixo custo, à flexibilidade e à segurança. Além disso, pode ser o único método disponível para contatar fontes geograficamente distantes ou em fusos horários diferentes.

As páginas ou sites podem figurar como vitrine de seus autores e, desta forma, legitimarem-se como fontes confiáveis, especialmente no caso das páginas institucionais, transformadas em fontes oficiais. Abertos ao grande público, determinados sites podem

divulgar dados que serão replicados, muitas vezes, sem checagem, como acontece com as fontes oficiais personificadas fisicamente.

As redes sociais configuram um caso mais complexo. Elas formatam uma espécie de espaço público virtual em que todas as publicações e os comentários podem se tornar matéria-prima da notícia, com ou sem anuência direta do autor, com ou sem checagem por parte do repórter. Potencialmente, qualquer usuário da rede mundial de computadores pode se tornar fonte jornalística, desde que apresente fatos, de forma pública, identificados com os critérios de noticiabilidade. Desconsideradas as discussões éticas, práticas deste tipo acabam legitimadas pelo caráter interativo, participativo e colaborativo da internet.

4.6 Categorias multimidiáticas

As categorias multimidiáticas indicadas nesta pesquisa propõem uma releitura de tradicionais processos produtivos do jornalismo, relacionando integração de recursos digitais e aprofundamento noticioso. Essa classificação tenta abraçar as principais perspectivas desenvolvidas com a atividade on-line, que acompanham todo o referencial teórico, aqui resumidas em instantaneidade ou tempo real, virtualização espacial, interatividade, não linearidade e união de plataformas. Apresentam-se, assim, as seguintes categorias: complementação informativa por meio da convergência midiática; hipertexto como ferramenta de aprofundamento; e banco de dados como suporte ao detalhamento informativo.

4.6.1 Complementação informativa por meio da convergência midiática

A convergência midiática estabelece a integração de plataformas e conteúdos, reconfigurando as relações culturais, sociais, tecnológicas e de mercado. A internet, palco das transformações digitais, proporciona a circulação multidirecional de produtos baseada em interatividade, coletividade e dinamismo, com uma performance conjunta de velhas e novas mídias voltada mais à interação do que à substituição. Jenkins (2009, p. 347, 348) observa que a “[...] cultura da convergência está sendo moldada pelo crescente contato e colaboração entre as instituições de mídia consagradas e as emergentes, pela expansão do número de agentes produzindo e circulando mídia, e o fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas e redes”.

No webjornalismo, a convergência pode ser traduzida na multimedialidade dos produtos noticiosos. A agregação de conteúdos em diferentes plataformas e linguagens é um

importante recurso de aprofundamento dos fatos, em conexão direta com os preceitos da qualidade da notícia. “No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009, p. 29).

O cruzamento de mídias deve ser pensado desde a concepção até a finalização do produto, enxergando o potencial de cada recurso da web, de modo a evitar a mera justaposição de plataformas. Isso porque, na comparação com os meios de comunicação tradicionais, o ambiente on-line possui características peculiares que modificam a fruição do material noticioso e a relação entre produtor e usuário, tais como a não linearidade, produção colaborativa, construção coletiva do conhecimento, além da dilatação espacial e da cultura do tempo real.

Prado (2011) destrincha as plataformas midiáticas e seus usos na internet. O formato MP3 e o recurso do *podcasting* – por meio do qual é possível ouvir gravações por *streaming* ou *download* – facilitaram a disponibilização do áudio na internet, tanto para uso conjunto com outras mídias quanto para a reprodução da programação radiofônica comum. Independentemente do tipo de transmissão, a produção on-line deve ser pensada para atender a um público diferenciado, desinteressado pela programação em fluxo das emissoras de rádio tradicionais.

“O público que passa por uma rádio no formato audiocast pode tornar-se assíduo e usufruir de um canal em que ele possa interagir para solucionar suas dúvidas e assim adquirir mais informações dentro dos temas que envolvem seus interesses” (PRADO, 2011, p. 130). Isso não significa, entretanto, o fim dos conteúdos homogeneizados na rede. Eles existem, porém iniciativas independentes começam a ganhar força e aparecem como alternativa ao modelo pasteurizado avesso ao padrão participativo da rede.

A autora continua seu percurso ao tratar de vídeos, imagens e animações gráficas capazes de agregar rico conteúdo informativo. Embora acredite na possibilidade de contextualização e aprofundamento por meio de textos escritos, Prado deixa clara a importância de ampliar plataformas para o enriquecimento da notícia:

O que se constata é que, com a soma de material gravado, a reportagem ganha em contexto, em aprofundamento. Não que em texto não se consiga contextualizar ou aprofundar, não é isso, é que o vídeo e/ou o áudio podem trazer emoção, estados de espírito e, assim, agregar informação visual e auditiva complementando a reportagem (PRADO, 2011, p. 146).

O comentário reitera a necessidade de pensar a notícia multimídia como um produto integrado, e não apenas como uma mera simultaneidade de plataformas, o que pode resultar em repetição do material escrito ou em relatos isolados que pouco conversam entre si. A possibilidade de uso das linguagens escrita, visual e sonora em um mesmo espaço, a constante atualização dos fatos e a interação com o usuário ampliam a linha do tempo da informação, como lembra Prado (2011), com reflexos na compreensão da notícia.

A popularização de conexões velozes e de programas de gravação de fácil manuseio tornam a produção e o compartilhamento de material audiovisual na internet uma tarefa fácil. É neste ponto que a figura do jornalista deve estar atrelada à profissionalização e à qualidade de conteúdos. Também a formação do profissional deve ser repensada, numa visão multitarefa, multidisciplinar e gestora, o que não deve ser confundido com a sobrecarga de atividades. Adequado às tecnologias digitais e ao perfil participativo do novo público, o jornalismo tenta recompor seu posto formal na comunicação social e renovar as rotinas produtivas em sintonia com os anseios do usuário. Um cenário ainda em construção.

4.6.2 Hipertexto como ferramenta de aprofundamento

O hipertexto volta a ser discutido nesta pesquisa, desta vez, essencialmente sob o ponto de vista do aprofundamento noticioso na web. Conforme já explanado, o recurso do hipertexto permite um ordenamento não linear de conteúdos baseado na preferência do usuário. Por ação direta do público, a leitura associativa admite o recorte e a mixagem temporais desprendidos de nexos cronológicos e históricos, auxiliados por bancos de dados.

Os nós e elos associativos da internet potencializam o hipertexto com o uso de links, capazes de formar grandes teias informativas em diferentes níveis de acesso. O sistema de dados hipermediáticos institui variados percursos de leitura e distintas formas de compreensão dos fatos, numa quebra da distribuição linear de “um para muitos”. Este contexto desafia o webjornalismo a organizar roteiros capazes de manter a coerência e a coesão das notícias, inclusive com uso de plataformas distintas – multimedialidade.

O webjornalista, cada vez mais, tem visão alargada de como trabalhar com as mídias digitais. Ele sabe que agora não basta escrever sua reportagem, é imprescindível arrolar links de outras versões da mesma história, por exemplo, de outras fontes, ou de fontes originais, é preciso colocar formas de aprofundamento do tema ali mesmo, na sua matéria, pois quanto mais possibilidades oferecer, mais garantia se tem de que o leitor ficará satisfeito e voltará outras vezes (PRADO, 2011, p. 55).

O aprofundamento ao qual Prado faz menção pode ser obtido pelo entrelaçamento de dados “linkados” e indexados, de forma a construir conteúdos, ao mesmo tempo, independentes e complementados por materiais com publicação mais antiga, em um estímulo ao jornalismo de memória. Os blocos informativos dispostos em portais de notícias podem criar uma rede de dados hipermidiáticos capazes de detalhar e aprofundar os eventos sociais, construindo produtos aliados a velhos conceitos jornalísticos de qualidade, adequados à identidade digital.

A Cartilha de Redação Web do Governo Federal (BRASIL..., 2010) prevê a distribuição de informação – noticiosa ou referente a serviços oficiais e leis – em camadas, comparadas metaforicamente a uma cebola. O primeiro nível (ou camada da cebola) é a chamada Camada de Apresentação. Trata-se da primeira página (*homepage*) de um site ou portal, uma vitrine na qual estão os menus principais e os destaques do momento. Aqui, os textos são bastante concisos e relatam apenas os aspectos mais persuasivos da informação com o objetivo de conduzir o público ao segundo nível: a Camada Genérica.

Na Camada Genérica, o texto principal responde às questões básicas do assunto abordado, em consonância às questões jornalísticas (o que; quem; quando; onde; como; por que). Suas funções principais são contextualizar o tema abordado e estimular o internauta a conhecer mais sobre o assunto, a ser detalhado na camada seguinte. Novamente, a persuasão é utilizada para prender a atenção do visitante (BRASIL..., 2010).

A terceira camada, chamada de Camada de Detalhamento, tem por meta o aprofundamento dos dados com exposição de conteúdos expandidos. Neste nível informativo, é comum a presença de textos acompanhados por tabelas, gráficos e links para documentos complementares a fim de atender às necessidades de conhecimento do visitante. Ela é também conhecida como página de “Leia Mais” e pode ser aberta ou restrita. Neste último caso, reporta conteúdos especiais, privados e/ou confidenciais que só podem ser vistos por determinados usuários (BRASIL..., 2010).

A distribuição informativa no modelo de camadas é considerada, pela Cartilha de Redação Web, a base do conteúdo on-line. “Contudo, é importante ter noção de que quanto mais profunda é a camada onde está a informação, maior é o risco dela não ser encontrada pela navegação do cidadão. Por isso, tente criar poucas camadas em um sítio” (BRASIL..., 2010, p. 13).

A absorção do hipertexto pelo webjornalismo leva Canavilhas (2007b) a questionar a permanência da pirâmide invertida, na qual o jornalista organiza a notícia por graus decrescentes de importância, em um roteiro definido pelo profissional. Segundo o autor, a organização fixa e unilateral dessa técnica vai de encontro à liberdade proposta pela não linearidade alcançada com os links especialmente em gêneros distintos do padrão “Últimas Notícias”. “Usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2007b, p. 30).

A notícia fechada dá lugar a uma rede interligada de textos e outros elementos multimídia organizados em camadas horizontais sucessivas, com maior quantidade e variedade de informações a cada nível de aprofundamento. A técnica, intitulada pirâmide deitada, oferece ao leitor a oportunidade de seguir apenas um eixo de leitura ou navegar livremente pela notícia na busca pelo aprofundamento de dados (CANAVILHAS, 2007b).

A pirâmide deitada apresenta-se em quatro níveis de leitura: 1) a Unidade Base (*lead*) responde ao essencial – o que, quando, quem e onde. Este texto pode ser uma notícia de última hora que pode ou não evoluir para um formato mais elaborado; 2) o Nível de Explicação complementa a informação essencial sobre o acontecimento ao responder ao porquê e ao como dos fatos; 3) o Nível de Contextualização oferece mais informações sobre cada questão básica, por meio de texto, vídeo, som ou infografia animada; e 4) o Nível de Exploração liga a notícia aos arquivos da publicação ou externos (CANAVILHAS, 2007b).

Viabilizada pelo espaço virtual ilimitado, a arquitetura da pirâmide deitada lança pistas positivas sobre maneiras de aprofundar a notícia mediante a reformulação de padrões profissionais aplicados ao ambiente web, e não simplesmente pela reprodução de métodos transportados do impresso, do rádio ou da televisão. Percorrer trajetos diferentes dos habituais pode ser atitude essencial na evolução e consolidação da web como novo meio de comunicação e do jornalismo digital como campo de atuação particular, sem perder de vista os fundamentos profissionais e o compromisso com a qualidade da informação.

O padrão da pirâmide deitada mostra-se como uma interessante alternativa de potencialização dos recursos digitais da web, não obstante esbarre na noção de aceleração de ritmos produtivos presente ao cotidiano das redações (a concretização de uma estrutura deste tipo demanda tempo e dedicação, por isso aproxima-se de gêneros jornalísticos diferenciados). Ainda assim, a sua prática não precisa ser encarada como um antagonismo à pirâmide invertida, já que os nós hipermediáticos provam ser possível a formação da leitura

não linear também no clássico modelo jornalístico, numa postura evolutiva, e não dissociativa, da organização noticiosa. Talvez seja este um dos motivos pelo qual diversos autores ainda defendam a manutenção da pirâmide invertida no jornalismo factual.

4.6.3 Banco de dados como suporte ao detalhamento informativo

O processo de digitalização de conteúdos facilitou o armazenamento, a organização e a recuperação de dados na internet, características centrais das bases de dados – estruturas lógico-matemáticas que permitem o arranjo de informações em bancos de dados. O uso desse recurso pelo webjornalismo tem sido apontado como uma das ferramentas contemporâneas de aprofundamento da notícia, acompanhando a tendência da fragmentação, instantaneidade, interatividade, memória coletiva e aproveitamento do espaço virtual em camadas noticiosas. “Na verdade, na cultura dos computadores, a narrativa em vez de uma simples sucessão de ações, fica configurada, cada vez mais, como uma viagem através do espaço constituído pelos conjuntos estruturados de itens organizados na forma de bancos de dados” (MACHADO, 2007, p. 112).

Fidalgo (2007) corrobora desta expectativa ao afirmar que a base de dados facilita a concretização da universalidade jornalística, baseada nas vertentes de precisão e contextualização. “A tecnologia da base de dados potencia essa realização de um modo extraordinário e torna obsoletas as formas tradicionais de aprofundamento, acompanhamento e perspectivação das notícias” (FIDALGO, 2007, p. 109, 110).

A pluralidade e a diversidade do jornalismo desenvolvido sob base de dados refletem-se no que Fidalgo (2007) chama de resolução semântica: o grau de complementação e precisão informativas do conjunto de notícias digitais articuladas na web com uso de elementos escritos, visuais e sonoros, além da interatividade do público. De acordo com a importância da notícia, o quadro informativo progride em quantidade e detalhamento, aumentando, assim, a resolução semântica, cujo grau de saturação está na meta infinita de disponibilizar todas as informações existentes sobre o assunto.

Neste modelo, a evolução noticiosa está estruturada em camadas ou “fatias” informativas, análogas à pirâmide deitada apresentada por Canavilhas (2007b): a divisão começa com a resposta das questões clássicas do *lead*; em seguida, cada item é destrinchado e pormenorizado em novas porções de notícias que se complementam, desafiando a própria estrutura da pirâmide invertida. Como explica Fidalgo, uma das características do uso de

bases de dados no jornalismo digital é “[...] preterir as descrições únicas e extensas de um acontecimento em favor de um mosaico informativo de pequenas notícias sobre o tema” (FIDALGO, 2007, p. 101).

Este emaranhado noticioso pode ser acessado pelo internauta numa progressão gradual de camadas semânticas, ordenadas a partir das estruturas internas e das inúmeras classificações externas da notícia em bases de dados fundamentadas no dia, local, tipos de ações, entre outros aspectos dos acontecimentos. O cruzamento dessas informações pode originar novos conhecimentos, capazes de aumentar a resolução semântica da notícia (FIDALGO, 2007).

A digitalização, aliada a sistemas de indexação e recuperação de dados, amplia a memória jornalística graças à facilidade de armazenamento e disponibilização de materiais produzidos anteriormente. Amparado pelas bases de dados, o jornalismo na web tem a possibilidade de combinar instantaneidade, interatividade e hipertextualidade, reconfigurando a formação da memória coletiva acionada pelo produtor e pelo usuário.

Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interactividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua *primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa* (PALACIOS, 2003, p. 82, 83. Grifo do autor).

A produção multimidiática em base de dados está apoiada tecnicamente em sistemas automatizados de gestão de conteúdos. Com eles, é possível otimizar a formatação noticiosa em diversos tipos de narrativas e acelerar sua difusão na internet. Vale destacar que a simples adoção dos sistemas não é sinônimo de multimidialidade, pois depende da versatilidade tecnológica deles, do tipo de produção de cada veículo e dos padrões impostos pelas redações diante da priorização da produtividade (MACHADO, 2007).

A natureza do webjornalismo em base de dados distancia o produto midiático do fluxo linear e plano dos meios de comunicação tradicionais, pois organiza camadas ou módulos narrativos que podem ser usufruídos de modo particular pelo usuário. Por conseguinte, ela estimula modalidades produtivas complexas (hipertextuais) e amplia o potencial jornalístico através de bancos de dados convertidos em material de contextualização e aprofundamento. Apesar do enorme potencial apresentado por essa modalidade, observa-se:

O que é importante que se diga aqui é que enquanto a criação de estruturas hipertextuais, dos fluxos de narrativa e das combinações de elementos

multimídia estiver a cargo unicamente dos profissionais, dificilmente, com exceção dos especiais ou da infografia multimídia, em que o profissional dispõe de mais tempo, os cibermeios vão aproveitar todas as potencialidades expressivas do ciberespaço (MACHADO, 2007, p. 122).

Novamente, forma-se uma lacuna referente à potencialização dos recursos multimídia na produção jornalística factual, que nos portais de notícias recai sobre a rotina das seções de “Últimas”. Balancear as relações espaço-temporais e as práticas cotidianas e prover as redações com profissionais em número e capacitação adequados podem ser estratégias positivas na promoção da qualidade noticiosa.

5 A TEMÁTICA DA CHUVA NO PORTAL NE10: ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados baseia-se no debate teórico e nas especificidades do *corpus* desta pesquisa. Conforme já explicitado, foram analisados 90 produtos jornalísticos sobre a temática “chuva”, publicados na seção “Últimas Notícias” do portal NE10, no período de 1 a 30 de junho de 2012. A coleta foi realizada mediante o uso das palavras-chave “chuva” e “chuvas”, sendo dispensadas as matérias cujos focos não eram a ocorrência de precipitações e as interferências sociais delas. Eventuais falhas informativas, erros de digitação e/ou gramaticais constantes nas matérias do NE10 utilizadas neste trabalho serão mantidos nas transcrições necessárias à análise de dados.

5.1 A contextualização em foco

A etapa da análise de dados inicia-se pelo estudo da contextualização, categoria relacionada ao texto. Ela diz respeito principalmente à exploração de duas questões essenciais à reflexão impulsionada pelo jornalismo: o “como” e o “porquê” dos acontecimentos. Ela também auxilia o aprofundamento da produção noticiosa, inibe demarcações autossuficientes ocasionadas pelo recorte jornalístico e aproxima-se de padrões de qualidade profissional.

Na urgência do tempo real, verifica-se que a contextualização dos fatos é praticamente suprimida em matérias focadas na divulgação de informações sobre previsão do tempo e consequências negativas da chuva, como alagamentos, trânsito caótico e incidentes. Esses produtos ganham recorte bastante factual e objetivo, de modo a prestar um rápido serviço à população que vive e desloca-se pelas ruas das cidades atingidas pelas precipitações. Este formato cumpre seu papel informativo, porém deixa de estimular debates sobre as causas do caos e as ações preventivas. Veja-se a matéria reproduzida a seguir:

JC TRÂNSITO // DEFEITO

Mais de 15 semáforos apresentam problemas no Recife nesta quinta²

Publicado em 14.06.2012, às 11h04

[Foto: JC Online]

Do NE10

² Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/jc-transito/noticia/2012/06/14/mais-de-15-semaforos-apresentam-problemas-no-recife-nesta-quinta-348667.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

1 Em manhã de trânsito já tumultuado devido aos alagamentos, vários semáforos
2 apresentaram problemas no Recife entre as 6h e as 10h desta quinta-feira (14). Metade
3 deles foi consertada nesse período.

4
5 **LEIA MAIS:**

6 Chuvas deixam três mortos no Grande Recife
7 Ruas e avenidas do Grande Recife ficam alagadas com a chuva
8 Além da chuva, protesto atrapalha trânsito na PE-15, em Olinda
9 Em dia de chuva, Grande Recife também fica sem táxis

10
11 Oito sinais apresentaram problemas na Zona Sul. Em Boa Viagem, os problemas
12 já consertados foram no cruzamento entre a Avenida Conselheiro Aguiar e a Santos
13 Dumont; entre as ruas Saturnino de Brito e Comandante Antônio de Matos; e na Avenida
14 Boa Viagem com a Herculano Bandeira, que ficou apagado.

15 Os que, às 10h30, estavam em atendimento eram entre a Conselheiro Aguiar e a
16 Rua França Pereira; e em dois pontos na Avenida Boa Viagem: no cruzamento com a
17 Félix de Brito e com a Rua Armino Moura.

18 Entre as entre as ruas Cosmorama e João Cardoso Aires, ainda quebrado. Na
19 Imbiribeira, um semáforo quebrou na Avenida Mascarenhas de Moraes, que já estava
20 congestionada por causa dos alagamentos, mas o problema já foi solucionado.

21 Na Zona Norte, foram dois. O sinal que ficam na Avenida Agamenon Magalhães,
22 nas imediações do Edifício Visgueiro, nos Torrões, apresentou defeito e ainda estava
23 sendo consertado por volta das 10h45. No cruzamento entre a Estrada do Arraial com a
24 Rua Desembargador Góes Cavalcanti, estava piscando.

25 O Centro teve três semáforos com defeito. A falta de energia deixou um na Rua
26 do Príncipe e um na Avenida Visconde de Suassuna apagados. Os dois problemas
27 estavam sendo resolvidos por volta das 10h30. Na Avenida Alfredo Lisboa e na Avenida
28 Norte, os sinais fora de sincronia ainda não haviam sido consertados.

29 A Zona Oeste teve quatro problemas. No cruzamento entre a Rua Carlos Gomes e
30 a Ricardo Salazar, já foi consertado. Já com a Gomes Taborda, continua piscando. Dois
31 problemas já foram solucionados: na Avenida Recife e entre a Avenida Doutor José
32 Rufino e Rua Ipojuca.

O *lead* (linhas 1-3) é curto e remete ao problema dos semáforos sem definir abertamente sua causa. Parece haver certa vinculação entre os alagamentos da manhã e os defeitos dos sinais de trânsito. Somente no sexto parágrafo aponta-se a falta de energia elétrica como causa do problema em dois semáforos localizados no centro da cidade (linhas 25-26). Porém, não é possível generalizar a informação para as demais áreas, uma vez que semáforos podem quebrar por motivos diversos.

O texto é bastante descritivo e se centra na determinação dos locais e da situação de cada semáforo, a exemplo do conserto já realizado no cruzamento entre a Avenida Conselheiro Aguiar e a Santos Dumont, no bairro de Boa Viagem (linhas 11-13), do conserto em andamento, às 10h30, entre a Avenida Conselheiro Aguiar e a Rua França Pereira (linhas

15-16) ou do semáforo ainda quebrado no cruzamento da Estrada do Arraial com a Rua Desembargador Góes Cavalcanti (linhas 23-24).

O enfoque está no fato em si, sem desmembramento sobre o que gerou o problema, o que dizem as autoridades ou o que pode ser feito para evitar outro colapso dos equipamentos. O comentário não pretende retirar o valor informativo do material em questão, cujos reflexos são diretamente sentidos na rotina social. Mas ressalta o foco da notícia no presente fragmentado, quase formalizando uma relação de causa e consequência entre chuva e caos urbano. Esse exemplo segue uma tendência generalizada do jornalismo em seus variados suportes, com o recorte no tempo presente dos acontecimentos, a aceleração produtiva e a mercantilização da notícia.

Já em matérias mais elaboradas, as quais recebem maior dedicação do repórter, a contextualização é distribuída ao longo dos textos. A tradicional estrutura da pirâmide invertida e do *lead* segue seu curso normal, conduzindo para os trechos finais da matéria a informação menos factual. Exemplifica-se no material abaixo transcrito:

NORDESTE // DURANTE A MADRUGADA

Aeroporto de João Pessoa cancela pousos por causa das fortes chuvas³

Publicado em 28.06.2012, às 12h18

[Foto: reprodução/Internet]

Correspondente

Do NE10/Paraíba

1 Por causa das fortes chuvas que, desde a noite dessa quarta-feira (27), se
2 intensificaram na capital paraibana, alguns voos previstos para pousar no Aeroporto
3 Castro Pinto, em Bayeux, Grande João Pessoa, foram desviados para outros terminais.

4

5 **LEIA MAIS**

6 Chuvas em João Pessoa provocam deslizamento de barreira e trânsito intenso

7

8 Em um desses voos, vindo de Brasília (DF), viajavam o prefeito de João Pessoa
9 Luciano Agra, o presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, desembargador Abraham
10 Lincoln e o deputado federal Manoel Júnior (PDMB). A aeronave, operada pela Tam
11 Linhas Aéreas, trazia 140 passageiros e deveria pousar no Castro Pinto às 01h05.

12 Por causa do mau tempo, o piloto resolveu transferir o pouso para Natal (RN). O
13 avião da TAM só retornou ao aeroporto Castro Pinto nas primeiras horas da manhã desta
14 quinta-feira.

15 De acordo com a regulamentação das companhias aéreas, os pilotos têm
16 autonomia de mudar a rota dos voos caso o pouso não sinta 100% de segurança no

³ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/28/aeroporto-de-joao-pessoa-cancela-pousos-por-cao-da-fortes-chuvas-351477.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

17 | pouso. Nesse caso, ele deve comunicar aos controladores dos aeroportos mais próximos
 18 | a mudança. Os aeroportos mais próximos do Castro Pinto são os de Natal (RN) e Recife
 19 | (PE).
 20 | Quando ocorre este tipo de situação, a companhia aérea é responsável por todas
 21 | despesas dos passageiros – seja com refeições ou até mesmo hospedagem e transporte
 22 | via terrestre – dependendo da demora para um novo embarque.
 23 | O prefeito de João Pessoa retornava de Brasília, onde recebeu da Abrinq o
 24 | prêmio de prefeito Amigo da Criança. Em seu twitter, Agra comentou o assunto.
 25 |
 26 | [Postagem do Twitter]
 27 | Luciano Agra
 28 | @lucianoagra
 29 | Viajando de volta pra casa. Chuvas intensas impedem pouso em João Pessoa.
 30 | Estamos em Natal aguardando melhora no tempo para concluir viagem.
 31 | 2:14 AM - 28 Jun 2012
 32 |
 33 | A situação já foi normalizada e o Aeroporto Castro Pinto opera com
 34 | normalidade, tanto para pousos quanto decolagens.
 35 | **PREVISÃO** – De acordo com a Agência Executiva de Gestão das Águas do
 36 | Estado da Paraíba (Aesa), a quantidade de chuva registrada no mês de junho está acima
 37 | da média nas cidades do litoral. Só nas últimas 24 horas choveu 95 mm na capital. O
 38 | acumulado até quinta-feira (28) foi de 532,3 mm, 76,4% acima da média esperada
 39 | (301,7 mm) para o mês de junho.
 40 | A previsão para as próximas 24 horas é de chuvas no agreste, brejo e litoral
 41 | paraibano. Nessas áreas podem ocorrer pancadas fortes. Nas regiões do Cariri, Sertão e
 42 | Alto Sertão, a meteorologia prevê céu nublado e chuvas em pontos isolados.
 43 |
 44 | **LEIA MAIS**
 45 | Chuvas em João Pessoa provocam deslizamento de barreira e trânsito intenso

Nesta matéria, a contextualização responde ao “porquê” (linhas 1; 12) e ao “como” (linhas 15-19) de maneira pulverizada. Apesar do título remeter ao cancelamento de pousos, no plural, a matéria centra-se em apenas um deles, que transportava três autoridades (linhas 8-10): o prefeito de João Pessoa (PB), Luciano Agra, o presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba, desembargador Abraham Lincoln, e o deputado federal Manoel Júnior. Assim, a matéria também ajusta-se ao valor-notícia da notoriedade das pessoas envolvidas. A aparição – presença eloquente (GOMIS, 1991) – dá o tom da matéria mais elaborada, inclusive com o uso de informações da rede social Twitter (linhas 27-31). Junto a isso, a previsibilidade do deslocamento (linhas 23-24) cede lugar à imprevisibilidade da chuva que causou o desvio do pouso de João Pessoa (PB) para Natal (RN).

Um ponto positivo é a adição de dados sobre procedimentos de pouso (linhas 15-19, já mencionadas acima) e responsabilidades da companhia aérea (linhas 20-22). As informações

complementam o assunto principal, ajudam na contextualização dos fatos e respondem a possíveis dúvidas do leitor sobre mudanças de rota e direitos dos passageiros.

Em prosseguimento à análise do *corpus*, observa-se a disposição de informações adicionais, correlatas ou de contextualização também por meio do intertítulo – título curto utilizado para destacar um tema ao longo do corpo da matéria. Embora de maneira tímida, sem alavancar intensos debates sobre causas e consequências das chuvas, esse recurso incentiva a complementação de dados, sem o perigo de cortes devido à falta de espaço para publicação. Perceba-se a seguir:

GRANDE RECIFE // PARALISAÇÃO

Greve dos motoristas e chuva complicam volta para casa de muita gente no Recife⁴

Publicado em 27.06.2012, às 20h07

[Foto: NE10]

Do NE10

1 Chuva e greve dos motoristas e cobradores de ônibus. Uma dupla assustadora
2 para os recifenses que precisaram utilizar o transporte público para chegar em casa após
3 um dia de trabalho. Foi isso que aconteceu na noite desta quarta-feira (27), durante a
4 paralisação de advertência de 24h dos motoristas e cobradores de ônibus.

5 Apesar do Grande Recife Consórcio de Transporte, responsável pelo transporte
6 público da Região Metropolitana do Recife, ter dito que aumentaria a frota nas ruas para
7 que as pessoas não sofressem tanto na volta para casa, não foi isso o que foi observado
8 em grande parte das paradas de ônibus da cidade.

9

10 **LEIA MAIS**

11 Apesar de previsão do Grande Recife Consórcio passageiros reclamam da volta pra casa
12 Consórcio Grande Recife acredita que volta pra casa será tranquila apesar da greve
13 Urbana-PE garante normalização do serviço de ônibus no fim da tarde

14

15 No Terminal Integrado da Joana Bezerra, a auxiliar administrativa Gorete Ribeiro
16 reclamou que já esperava seu ônibus há quase uma hora. "Normalmente a linha PE-15,
17 que pego, passa de uns 20 em 20 minutos. Cheguei aqui de metrô às 18h e até agora meu
18 ônibus não passou. Um Paulista/Joana Bezerra, que também posso pegar, chegou lotado
19 e saiu mais cheio ainda. Já são 18h45, quero saber de que hora vou sair daqui",
20 questionou.

21 Os ônibus da linha Joana Bezerra/Boa Viagem também estavam com muita gente
22 dentro. Quando as portas abriam, os passageiros corriam para entrar enquanto outros
23 tentavam sair. "Com a chuva, todo mundo fechou a janela. Ficou um calor insuportável.
24 Muita gente. Agora para sair foi um sufoco. Vi a hora o motorista seguir com a viagem e
25 eu ficar preso no ônibus", disse José Roberto, que veio de Boa Viagem.

26 Já no Terminal do Cais de Santa Rita, a situação parecia estar melhor. Só parecia.

⁴ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/27/greve-dos-motoristas-e-chuva-complicam-volta-para-casa-de-muita-gente-no-recife-351361.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

27 | Ao falar com os passageiros que esperavam no local, muitos reclamaram que algumas
28 | linhas estavam demorando muito e que nem em dias de muita chuva era assim. A
29 | estudante de letras Luciana Sena falou sobre a sua situação para o NE10:

30 |
31 | [Link para vídeo com depoimento de Luciana Sena]

32 |
33 | A maior fila no terminal era para a linha Jardim São Paulo/Afogados. Fabiana
34 | Pajeu, operadora de logística, reclamou sobre a espera. "Já estou aqui há mais de uma
35 | hora. E olhe que estou no final da fila. Quero chegar em casa e o ônibus não passa. Em
36 | dias normais, já teriam passado pelo menos três ônibus durante esta hora que fiquei
37 | aqui."

38 | **PROTESTOS** – Os motoristas de ônibus reivindicam aumento de 30% e
39 | cruzaram os braços em protesto contra o reajuste de 4,5% oferecido pelos empresários.
40 | Outra rodada de negociação está marcada para esta quinta-feira, às 14h, na
41 | Superintendência do Trabalho, Espinheiro, Zona Norte da capital.

42 | Os motoristas decidiram paralisar as atividades por 24 horas no fim da última
43 | terça, em meio à 4ª rodada de negociação. Medida cautelar do Tribunal Regional do
44 | Trabalho (TRT) determinou a garantia de operação de 50% dos motoristas sob pena de
45 | multa diária de R\$ 500 mil.

Na matéria acima, o recorte factual ganha maior profundidade com a explicação adicional do intertítulo sobre a greve dos motoristas (a partir da linha 38). O leitor compreende melhor o que é o protesto, as reivindicações dos trabalhadores e possíveis resoluções do impasse por meio das negociações entre empresários e funcionários (linhas 38-41). É importante salientar que o intertítulo é oriundo da tradição do impresso e não deve ser considerado uma inovação do webjornalismo. O que pode ser dito é que este recurso beneficia-se do espaço ilimitado da internet, podendo ser mais utilizado e melhor aproveitado na rede de computadores.

A utilização do hiperlink a favor da contextualização e do aprofundamento dos fatos jornalísticos também é percebida em produtos do *corpus*. Este tópico, no entanto, é abordado ao longo da análise das categorias multimidiáticas.

5.2 A narrativa fragmentada do jornalismo

Intrincada à contextualização está a fragmentação da narrativa jornalística, segunda categoria de análise desta pesquisa. O tema “chuva” remete diretamente ao tempo presente alicerçado pelo jornalismo, com destaque para a produção noticiosa desenvolvida na liquidez do ciberespaço. Coberturas jornalísticas desta natureza são capazes de acionar diversos padrões noticiosos ao mesmo tempo, entre os quais atualidade, instantaneidade, simultaneidade, tempo real, além de critérios de noticiabilidade vinculados à relevância, ao

impacto perante a população, à prestação de serviço e aos valores negativos dos acontecimentos sociais, aquilo que Gomis (1991) chama de explosões – catástrofes, acidentes, mortes –, cujos teores quebram a rotina e têm forte apelo emocional.

As notícias sobre chuvas contribuem para a formatação de hábitos atrelados ao acompanhamento da cobertura jornalística fragmentada em episódios das realidades sociais coletivas. Na estação chuvosa, é ainda mais comum conferir na internet a situação do tempo, os pontos de alagamento e o andamento do trânsito antes de sair e voltar para casa. Como atividade social, é papel do jornalismo atuar em meio ao ambiente que o cerca e ajudar a constituir realidades e representações sociais, conforme explana Gomis (1991).

As previsões do tempo exemplificam uma fração diária e efêmera dos fatos sociais. São normalmente publicadas no início da manhã e servem de guia para a população, uma espécie de serviço sobre possíveis intervenções da natureza perante a rotina, conforme demonstra o texto abaixo:

GRANDE RECIFE // METEOROLOGIA

Previsão de tempo nublado, mas sol volta a aparecer no Recife nesta quarta⁵

Publicado em 20.06.2012, às 07h04

Do NE10

- | | | |
|---|--|---|
| 1 | | A previsão para Pernambuco, nesta quarta-feira (20), de acordo com o Instituto |
| 2 | | Nacional de Meteorologia (Inmet), é de tempo nublado, mas com sol aparecendo em |
| 3 | | áreas do litoral e da Zona da Mata. |
| 4 | | No Agreste, deve haver chuvas esparsas. Nas demais áreas, o tempo estará |
| 5 | | nublado. No Sertão do Pajeú, pode haver chuvas isoladas. A temperatura máxima |
| 6 | | prevista é de 32°C, enquanto a mínima é de 16°C. |

Nos períodos chuvosos do inverno pernambucano, tal como o mês de junho, este tipo de material pode ser considerado um dos primeiros fragmentos diários do discurso factual das chuvas (vide horário de publicação: 07h04), um ponto de partida rotineiro para organização das horas seguintes para o jornalista e para o público. A maioria desses produtos no *corpus* apresenta dados para Pernambuco (conforme título e linha 1) e suas regiões – Litoral (linhas 2-3), Zona da Mata (linhas 2-3), Agreste (linha 4) e Sertão (linha 5). Os textos são curtos e objetivos, sem discussões sobre causas e efeitos do tempo. Este perfil tende a se manter em relatos de previsão do tempo para todo o Brasil, mas pode mudar quando há “ganchos” como

⁵ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/20/previsao-de-tempo-nublado-mas-sol-volta-a-aparecer-no-recife-nesta-quarta-349818.php>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

a decretação de Estado de Alerta e de Emergência por prefeituras e governos estaduais ou data emblemática, como exemplificado abaixo:

NACIONAL // CLIMA

Inverno começa oficialmente nesta quarta⁶

Publicado em 20.06.2012, às 09h13

1 O inverno começa às 20h09 desta quarta-feira (20) no Brasil e deve alternar
2 ondas de muito frio com períodos de calor. Nos próximos dias, uma forte frente fria
3 provoca bastante chuva no Sul, em São Paulo, em Mato Grosso do Sul e no sul dos
4 Estados do Rio e de Minas. Na maior parte do País, ainda vai fazer bastante frio.
5 Mas, segundo a empresa Climatempo, não será esse o padrão da temporada. Na
6 verdade, a expectativa é de um inverno típico, sem a influência dos fenômenos El Niño e
7 La Niña. "Nos períodos de muito frio, podemos ter condições extremas, até mesmo com
8 neve", prevê o meteorologista Luiz Fernando Nachtigal, da MetSul Meteorologia, que
9 também admite "temperatura elevada" nos intervalos de calor.
10 Na Região Sul, é provável que períodos quentes evoluam para dias chuvosos,
11 seguidos da chegada de massas de ar polar que tornam os dias frios e secos. Nessas
12 condições, o fenômeno da geada será comum, enquanto o da neve será raro.
13 As áreas mais altas dos três Estados - como os Campos de Cima da Serra do Rio
14 Grande do Sul e o Planalto Sul de Santa Catarina - são as que enfrentarão frio mais
15 intenso e também as que normalmente já recebem "invasões" de turistas em busca da
16 neve, da sensação térmica rigorosa, limitada ao Sul, e dos prazeres gastronômicos da
17 estação. Por isso, há a disputa pelo título de lugar mais frio. As informações são do jornal
18 O Estado de S.Paulo.
19
20 Fonte: Agência Estado

O início do inverno, especificado desde o título, atua como chamariz para o tema em um novo retrato factual. A matéria traz informações sobre diversos estados do país e apresenta dados sobre a estação que se inicia, com expectativa de inverno típico, sem influência do El Niño e La Niña (linhas 6-7), e causas de possíveis formações de geadas (linhas 10-12). Em geral, apresenta a chegada do inverno, embora não traga informações sobre as regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Na cobertura das chuvas, cada notícia representa um fragmento da realidade social traduzido jornalisticamente. As unidades noticiosas reconstroem e organizam os eventos sociais em frações espaciais e temporais com começo, meio e fim, capazes de filtrar dados e renovar sentidos de novidade, atualidade, periodicidade e interesse público. A divulgação evolutiva dos fatos torna-se ainda mais evidente na web, graças à cultura do tempo real, à

⁶ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2012/06/20/inverno-comeca-oficialmente-nesta-quarta-349838.php>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

alimentação contínua das seções de “Últimas” e à liberdade espacial que permite tantas publicações quanto forem necessárias.

Dois ciclos narrativos identificados no *corpus* exemplificam a fragmentação no webjornalismo. Em todos os casos, o assunto principal é a tragédia protagonizada por habitantes de áreas de risco após intensas chuvas. Cada drama humano é contado e recontado por meio de textos escritos e extensões multimidiáticas ordenadas em hiperlinks. Por ordem cronológica, o primeiro conjunto narrativo é referente a três mortes: uma mulher grávida e seu filho de um ano, no município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, em 13 de junho, com a primeira notícia publicada na madrugada do dia seguinte. Horas depois, há registro de mais uma morte – uma jovem de 19 anos, desta vez no Alto da Conquista, em Olinda, também no Grande Recife.

No dia 14 de junho, os dois assuntos foram citados em sete das 15 matérias coletadas nas “Últimas Notícias” do NE10 sobre chuvas. A primeira sobre cada caso é narrada separadamente e as cinco seguintes abordam os fatos em conjunto. Os produtos têm enfoque nas próprias mortes ou em temas factuais correlatos sobre as chuvas do período, numa demonstração de proximidade contextual e temporal. Didaticamente, os textos são numerados de um a sete nesta análise, conforme indicação a seguir:

Matéria um

GRANDE RECIFE // CHUVA

Mãe e filho de um ano morrem em desabamento de casa no Cabo⁷

Publicado em 14.06.2012, às 03h36

Do NE10

Atualizada às 04h20

- | | |
|----|--|
| 1 | Uma mulher grávida de cinco meses e o seu filho, uma criança de um ano de |
| 2 | idade, morreram na noite dessa quarta-feira (13), após a residência onde moravam ser |
| 3 | atingida por destroços arrastados pela água da chuva. O acidente ocorreu por volta das |
| 4 | 23h, na Rua 10, bairro de Malaquias, no Cabo de Santo Agostinho, na Região |
| 5 | Metropolitana do Recife. |
| 6 | Segundo informações da Defesa Civil do Cabo, a residência, de número 136, foi |
| 7 | construída há cerca de dois meses e estava em situação irregular. "A casa foi construída |
| 8 | em cima do córrego por onde escoar a água que desce dos morros da região. Infelizmente, |
| 9 | devido às fortes chuvas que caem no Grande Recife desde o início da tarde dessa quarta, |
| 10 | a força da água aumentou e trouxe entulhos como lixo e pedaços de madeira. A parede |
| 11 | da residência não suportou a pressão provocada pela força da água e do material e acabou |

⁷ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/mae-e-filho-de-um-ano-morrem-em-desabamento-de-casa-no-cabo-348627.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

12 | desabando", explicou a coordenadora da Defesa Civil do Cabo, Ana Sandra de Arruda. O
13 | desabamento foi parcial, apenas o quarto da casa foi destruído.

14 | As vítimas, Gleice Ferreira dos Santos, de 20 anos, e o seu filho Diogo Gabriel
15 | Ferreira de Amaral, de um ano, estavam dormindo no quarto quando a casa foi atingida.
16 | Eles ficaram soterrados e foram socorridos pelos vizinhos. Os dois ainda foram levados
17 | para a UPA do Cabo, mas já chegaram ao local sem vida. Apenas a jovem e a criança
18 | estavam na residência no momento do desabamento. O marido de Gleice, identificado
19 | como Diego, não estava em casa porque trabalha à noite.

20 |

21 | **LEIA MAIS:**

22 | Deslizamento de barreira atinge casa na UR-7 e deixa três pessoas da mesma família
23 | feridas

24 |

25 | O pai de Gleice Ferreira, o gari Romoaldo Emídio dos Santos, de 43 anos, que
26 | mora em Charnequinha, também no Cabo, foi avisado por telefone sobre o acidente e
27 | correu para o hospital. "Estou muito triste. Perdi três vidas", disse o gari, referindo-se à
28 | filha, ao neto de 1 ano e ao bebê que Gleice esperava. Ele confirmou que a casa foi
29 | construída recentemente, mas disse que a mesma estava localizada ao lado do córrego, e
30 | não em cima. "Realmente a casa era bem próximo do córrego. A parede do quarto foi
31 | destruída por um tronco de bananeira que foi arrastado pela água", contou o gari.

32 | A equipe do Corpo de Bombeiros foi acionada e chegou ao local para isolar a
33 | área, já que as vítimas tinham sido retiradas pelos vizinhos. A Defesa Civil do Cabo
34 | também orientou alguns moradores da Rua 10 a deixarem suas casas, por medida de
35 | precaução.

36 | Segundo a coordenadora Ana Sandra, embora a área seja considerada de risco
37 | pela Defesa Civil, a vegetação dos morros da região está preservada, o que diminuiu o
38 | risco de deslizamentos. Segundo ela, esse foi o primeiro acidente com vítimas registrado
39 | no local. Por ter sido construída há pouco tempo e não possuir registro na prefeitura, a
40 | residência que desabou na noite dessa quarta ainda não tinha sido identificada e
41 | notificada pela Defesa Civil.

Matéria dois

GRANDE RECIFE // CHUVA

Criança fica soterrada no Alto da Conquista⁸

Publicado em 14.06.2012, às 07h21

Do NE10

Atualizada às 10h

1 | O Corpo de Bombeiros procurava um menino que teria ficado soterrado depois de
2 | deslizamento de barreira no Alto da Conquista, em Olinda, Grande Recife, na manhã
3 | desta quinta-feira (14). No entanto, depois que uma jovem de 19 anos foi encontrada
4 | morta no local, foi descoberto que, na verdade, tratava-se de uma criança.

5 | Nicory Cleiciane dos Santos Xavier trabalhava Shopping Tacaruna, ainda em
6 | Olinda, e estava dormindo no momento em que a barreira, de aproximadamente 18
7 | metros, deslizou e acabou destruindo toda a sua casa. A mãe vítima, que não foi

⁸ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/crianca-fica-soterrada-no-alto-da-conquista-348635.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

8 identificada, também estava na casa mas conseguiu se salvar graças a um guarda-roupas
9 que "segurou" a parede no momento do desmoronamento.

10

11 **LEIA MAIS:**

12 Mãe e filho de um ano morrem em desabamento de casa no Cabo

13 Barreira atinge casa na UR-7 e deixa três pessoas da mesma família feridas

14 Deve continuar chovendo no Recife nesta quinta. Confira a previsão para o Estado

15

16 Entre a noite dessa quarta-feira (13) e a manhã dessa quinta, os bombeiros
17 atenderam 112 ocorrências. A maioria delas foi de resgates devidos a desmoronamentos
18 causados pelas chuvas.

19 Por volta das 7h, uma família foi resgatada na Rua Nádia, em Cajueiro Seco. Os
20 três parentes não estavam feridos e foram levados para a casa de amigos e outros
21 familiares.

Matéria três

GRANDE RECIFE // CHUVAS

Chuvas deixam três mortos no Grande Recife⁹

Publicado em 14.06.2012, às 07h31

[Foto: JC Imagem]

Do NE10

Atualizada às 10h

1 Foi confirmada a terceira morte depois dos deslizamentos de barreiras no Grande
2 Recife que aconteceram entre a noite dessa quarta-feira (13) e esta quinta-feira (14).
3 Nicory Cleiciane dos Santos Xavier, 19 anos, foi encontrada morta pelo Corpo de
4 Bombeiros na Rua Araripina, no bairro de Águas Compridas, em Olinda.

5 Ela trabalhava Shopping Tacaruna, ainda em Olinda, e estava dormindo no
6 momento em que a barreira, de aproximadamente 18 metros, deslizou e acabou
7 destruindo toda a sua casa. A mãe vítima, que não foi identificada, também estava na
8 casa mas conseguiu se salvar graças a um guarda-roupas que "segurou" a parede no
9 momento do desmoronamento.

10

11 [Link para vídeo com matéria da TV Jornal sobre as mortes]

12

13 Na noite dessa quarta-feira (13), uma mulher grávida de cinco meses e o seu
14 filho, uma criança de um ano de idade, morreram após a residência onde moravam ser
15 atingida por destroços arrastados pela água da chuva. O acidente ocorreu por volta das
16 23h, na Rua 10, bairro de Malaquias, no Cabo de Santo Agostinho.

17 As vítimas, Gleice Ferreira dos Santos, 20, e o seu filho Diogo Gabriel Ferreira
18 de Amaral, 1, estavam dormindo no quarto quando a casa foi atingida. Eles ficaram
19 soterrados e foram socorridos pelos vizinhos. Os dois ainda foram levados para a UPA
20 do Cabo, mas já chegaram ao local sem vida. Apenas a jovem e a criança estavam na
21 residência no momento do desabamento.

⁹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/chuvas-deixam-tres-mortos-no-grande-recife-348636.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

22 Segundo informações da Defesa Civil do Cabo, a residência, de número 136, foi
23 construída há cerca de dois meses e estava em situação irregular. "A casa foi construída
24 em cima do córrego por onde escoa a água que desce dos morros da região. Infelizmente,
25 devido às fortes chuvas que caem no Grande Recife desde o início da tarde dessa quarta,
26 a força da água aumentou e trouxe entulhos como lixo e pedaços de madeira. A parede
27 da residência não suportou a pressão provocada pela força da água e do material e acabou
28 desabando", explicou a coordenadora da Defesa Civil do Cabo, Ana Sandra de Arruda. O
29 desabamento foi parcial, apenas o quarto da casa foi destruído.

30 **RESGATE** – Uma casa no bairro de UR-7, no Recife, foi parcialmente destruída
31 por um deslizamento de barreira na madrugada desta quinta-feira (14). Três pessoas de
32 uma mesma família, sendo um casal e uma criança, ficaram feridas e foram socorridas
33 para a UPA da Caxangá. De acordo com o Corpo de Bombeiros, todos tiveram
34 ferimentos leves e passam bem.

35 O casal foi identificado como Robson e Tainá. Já o nome do filho do casal é
36 Lucas, que tem 10 anos idade. O deslizamento ocorreu por volta das 2h30 desta quinta,
37 na Rua Pelopidas Arroxelas Galvão, próximo ao Terminal de Ônibus de Jardim
38 Teresópolis. A área do acidente foi isolada pelo Corpo de Bombeiros.

40 **LEIA MAIS**

41 Deve continuar chovendo no Recife nesta quinta. Confira a previsão para o Estado

Matéria quatro

GRANDE RECIFE // CHUVA

Em dois dias, chove cerca de um terço do esperado para todo o mês¹⁰

Publicado em 14.06.2012, às 08h05

[Foto: NE10]

Do NE10

Com informações da TV Jornal

Atualizada às 08h15

1 A época de chuvas demorou para chegar no Grande Recife. Mas agora, em
2 apenas dois dias, já deixou mortos, feridos e vários pontos de alagamento e deslizamento.
3 Entre essa quarta (13) e quinta-feira (14), já choveu aproximadamente 1/3 do esperado
4 para todo o mês de junho.

5 De acordo com a Coordenadoria de Defesa Civil do Recife (Codecir), foram 113
6 milímetros. Com essa quantidade, já há várias solicitações para colocar lonas plásticas e
7 vistoriar barreiras e muros de arrimo.

8 As médias históricas de maio, junho e julho são de 318,5mm, 377,9mm e
9 388,1mm, respectivamente. A previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)
10 era que, neste período, fosse registrado um volume normal de chuva ou de até 40%
11 abaixo da média.

12 O primeiro semestre deste ano registrou uma quantidade de chuva bem abaixo da
13 média no Recife. O total histórico para os meses de janeiro, fevereiro, março e abril é de

¹⁰ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/em-dois-dias-chove-cerca-de-um-terco-do-esperado-para-todo-o-mes-348641.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

14 850,9mm na capital, mas em 2012 foram registrados apenas 583,2mm, 68,5% do normal.
 15 Isso aconteceu porque, segundo o escritório do Inmet no Recife, o Oceano
 16 Atlântico se encontrava com uma temperatura abaixo do normal, por volta dos 26°C, não
 17 favorecendo a evaporação. Com isso, as frentes frias vindas do sul estavam precipitando
 18 em Minas Gerais, não alcançando a região Nordeste. Essa temperatura baixa faz parte do
 19 ciclo normal da natureza.
 20 **TWITTER** – Internautas enviaram fotos e comentários ao perfil @JCTransito
 21 sobre os alagamentos nas ruas do Grande Recife:
 22
 23 [Postagem do Twitter]
 24 @jctransito a cada pinga de chuva a coisa #melhora...
 25 9:28 AM - 14 jun 2012 de Paulista, Pernambuco, Brasil
 26
 27 [Postagem do Twitter]
 28 Br101 antes de Jd São Paulo #vergonha @jctransito @transitolivrePE @transito_recife
 29 @transitoaqui @RadarBlitzPE
 30 9:25 AM - 14 jun 2012
 31
 32 [Postagem do Twitter]
 33 @jctransito segundo ponto d alagamento na pe15,pos lombada eletronica...
 34 9:20 AM - 14 jun 2012 de Olinda, Pernambuco, Brasil
 35
 36 [Postagem do Twitter]
 37 @CTTU_RECIFE @jctransito veja situação de cruzamento totalmente parado na av.
 38 Recife com San Martin! Cttu existe??
 39 9:16 AM - 14 jun 2012
 40
 41 [Postagem do Twitter]
 42 @jctransito rua cosme viana alagada
 43 9:14 AM - 14 jun 2012 de Recife, Pernambuco, Brasil
 44
 45 **LEIA MAIS**
 46 Chuvas deixam três mortos no Grande Recife
 47 Deve continuar chovendo no Recife nesta quinta. Confira a previsão para o Estado
 48 Mãe e filho de um ano morrem em desabamento de casa no Cabo

Matéria cinco

NACIONAL // TEMPO

Chuva forte atinge região sul do país nesta quinta¹¹

Publicado em 14.06.2012, às 08h48

1 A chuva forte volta a atingir parte do sul do País, principalmente no Rio Grande
 2 do Sul, de acordo com informações do Centro de Previsão do Tempo e Estudos
 3 Climáticos (CPTEC).
 4 O dia será nublado com fortes pancadas de chuva a qualquer momento na maior
 5 parte do Rio Grande do Sul. Chove em forma de pancadas também sobre o norte do

¹¹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nacional/noticia/2012/06/14/chuva-forte-atinge-regiao-sul-do-pais-nesta-quinta-348647.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

6 Amazonas e em Roraima, já no Estado do Pará a chance de chuva será bem pequena e
7 apenas no período da tarde.

8 O tempo ficará instável no leste da Bahia, Pernambuco e Paraíba. Nas demais
9 áreas do Brasil, mais um dia de sol e poucas nuvens. Haverá condição para formação de
10 nevoeiro no Paraná, centro e norte de Santa Catarina, no sudoeste de São Paulo e na
11 maior parte de Mato Grosso do Sul. As informações são do CPTEC.

12 No Grande Recife, a chuva já deixou três mortos. Uma mulher grávida de cinco
13 meses e o seu filho, uma criança de um ano de idade, morreram na noite dessa quarta-
14 feira (13), após a residência onde moravam ser atingida por destroços arrastados pela
15 água da chuva, no Cabo de Santo Agostinho. Na manhã desta quinta-feira (14), uma
16 jovem de 19 anos foi encontrada morta soterrada no Alto sa Conquista, Olinda.

17
18 Fonte: Agência Estado

Matéria seis

GRANDE RECIFE // CHUVA

Bombeiros procuravam criança no lugar de jovem que morreu em deslizamento em Olinda¹²

Publicado em 14.06.2012, às 10h08

Do NE10

1 O Corpo de Bombeiros recebeu a denúncia de que um menino de idade não
2 informada estava soterrado no Alto da Conquista, em Águas Compridas, Olinda, Grande
3 Recife, na madrugada desta quinta-feira (14). No entanto, depois das buscas, foi
4 descoberto que, na verdade, uma jovem de 19 anos havia falecido no acidente.

5 Nicory Cleiciane dos Santos Xavier, 19 anos, trabalhava Shopping Tacaruna,
6 ainda em Olinda, e estava dormindo no momento em que a barreira, de aproximadamente
7 18 metros, deslizou e acabou destruindo toda a sua casa. A mãe vítima, que não foi
8 identificada, também estava na casa mas conseguiu se salvar graças a um guarda-roupas
9 que "segurou" a parede no momento do desmoronamento.

10 Esta foi a terceira morte devido às chuvas que caem no Grande Recife em dois
11 dias. Na noite dessa quarta-feira (13), uma mulher grávida de cinco meses e o seu filho,
12 uma criança de um ano de idade, faleceram após a residência onde moravam ser atingida
13 por destroços arrastados pela água da chuva. O acidente ocorreu por volta das 23h, na
14 Rua 10, bairro de Malaquias, no Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do
15 Recife.

16 As vítimas, Gleice Ferreira dos Santos, 20, e o seu filho Diogo Gabriel Ferreira
17 de Amaral, 1, estavam dormindo no quarto quando a casa foi atingida. Eles ficaram
18 soterrados e foram socorridos pelos vizinhos. Os dois ainda foram levados para a UPA
19 do Cabo, mas já chegaram ao local sem vida. Apenas a jovem e a criança estavam na
20 residência no momento do desabamento.

Matéria sete

¹² Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/bombeiros-procuravam-crianca-no-lugar-de-jovem-que-morreu-em-deslizamento-em-olinda-348658.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

[Foto: NE10]

Do NE10

1 O volume de chuva que atingiu o Recife desde a noite da quarta-feira (13),
2 provocando a morte de três pessoas, é a maior desse ano. De acordo dados do Instituto
3 Nacional de Meteorologia (Inmet), a chuva aferida entre a noite passada e as 9 horas
4 desta quinta-feira (14) soma 121,8 mm.

5 Segundo o Inmet, o grande volume de chuva se deve à presença de uma
6 nebulosidade que se formou no oceano, que ao se deslocar para o litoral, ocasionou a
7 chuva que atingiu a cidade.

8 De acordo com o Corpo de Bombeiros, foram registradas 110 ocorrências, das 7h
9 às 12h desta quinta-feira. Incêndios, colisões, desmoronamentos e pessoas ilhadas foram
10 algumas das eventualidades. Nos bairros de Campo Grande, no Grande Recife e em
11 Peixinhos, Olinda, pessoas ficaram ilhadas em suas casas, e solicitaram a presença dos
12 bombeiros para serem resgatadas.

13 Dois deslizamentos aconteceram na capital: um no Cabo de Santo Agostinho, que
14 destruiu parte de uma casa, causando a morte de Glayce Ferreira, de 20 anos, grávida de
15 cinco meses, e seu filho, Diogo Gabriel do Amaral, de um ano, e um segundo em Águas
16 Compridas, que destruiu completamente uma residência do local, deixando moradores
17 soterrados.

18 O Inmet revela que a temperatura estimada para essa semana no Recife é de 28 a
19 30 graus. O dia deve começar nublado, passando a parcialmente nublado, com chuvas
20 fracas e isoladas. Ainda de acordo com o instituto, durante a noite dessa quinta-feira,
21 pode haver pancadas de chuvas fracas e isoladas, somando no máximo 10 mm.

22

23 **LEIA MAIS**

24 Vídeo: Protesto e chuvas complicam trânsito na PE-15, em Olinda

25 Chuvas devem se intensificar na Paraíba pelas próximas 24 horas, diz Aesa

26 Defesa Civil explica os riscos de desabamento de barreiras durante o período de chuva

27 Mais de 15 semáforos apresentam problemas no Recife nesta quinta

28 Clima frio e pancadas de chuva na manhã desta 5ª no Interior

Nesta cobertura episódica e fragmentada, o que mais chama a atenção é o alto grau de repetição de informações na sequência de matérias, que estacionam nos dados dos primeiros produtos individuais, ambos modificados após as publicações originais, quando passam a se mostrar bastante completos: a matéria um foi publicada às 03h36 e atualizada às 04h20, e a matéria dois foi publicada às 07h21 e atualizada às 10h. A repetição dos fatos pode demonstrar o grau de relevância dado pelo portal ao critério de noticiabilidade da morte, da desgraça humana capaz de provocar comoção social, em suma, da explosão à qual remete

¹³ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/14/recife-recebe-maior-chuva-de-2012-nessa-quinta-feira-348724.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

Gomis (1991). Além disso, mantém o assunto em evidência na agenda social mediante a renovação cíclica de notícias, comprovada nas seguintes situações:

Matéria três atualizada: primeiro (linhas 1-4) e segundo (linhas 5-9) parágrafos trazem uma repetição quase total do primeiro (linhas 1-4) e segundo (linhas 5-9) parágrafos da matéria dois atualizada; terceiro (linhas 13-16), quarto (linhas 17-21) e quinto (linhas 22-29) parágrafos repetem o primeiro (linhas 1-5), terceiro (linhas 14-19) e segundo (linhas 6-13) parágrafos, respectivamente, da matéria um atualizada.

É importante destacar, no entanto, que a matéria três atualizada renova a contemporaneidade discursiva dos acontecimentos ao lançar na seção “Últimas Notícias” um novo produto que pode servir como uma espécie de “ponto zero” para o internauta que não retornou às matérias um e dois após as atualizações. Neste cenário, a reprodução de dados da matéria três com relação às antecedentes pode ter impacto relativo para o leitor, de acordo com o grau de imersão dele nos produtos anteriores, embora um dos links da matéria três (linhas 13-14) remeta à matéria um, retomando o ciclo de repetição.

Matéria seis: primeiro (linhas 1-4) e segundo (linhas 5-9) parágrafos repetem as informações do primeiro (linhas 1-4) e segundo (linhas 5-9) parágrafos da matéria dois atualizada; terceiro (linhas 10-15) e quarto (linhas 16-20) parágrafos reproduzem dados do primeiro (linhas 1-5) e terceiro (linhas 14-19) parágrafos da matéria um. Também os links “terceira morte” (linha 10) e “uma mulher grávida de cinco meses e o seu filho” (linha 11) ampliam a repetição ao conduzirem às matérias três e um, respectivamente.

As matérias quatro, cinco e sete apresentam enfoques um pouco diferentes dos outros produtos centrados nas três mortes ocorridas nos dias 13 e 14 de junho. Por isso, elas introduzem informações novas que, em plano geral, adicionam conteúdo à cobertura das chuvas, como índices pluviométricos, áreas alagadas e previsão do tempo. Ainda assim, ao citarem os casos de falecimentos, elas mantêm a repetição de dados aqui analisada. As constatações estão nos seguintes trechos:

Matéria quatro atualizada: o link na palavra “mortos” (linha 2) leva o internauta à matéria três.

Matéria cinco: as mortes de mãe e filho no Cabo de Santo Agostinho (linhas 12-15) e da jovem em Olinda (linhas 15-16) são citadas de maneira resumida, mas a matéria apresenta links (“uma mulher grávida de cinco meses e o seu filho” – linhas 12-13 e “jovem” – linha 16) para a matéria um e para uma “página não encontrada”¹⁴ no portal.

¹⁴ Mensagem constante no portal NE10, em 17 de dezembro de 2013.

Matéria sete: o número total de mortes é citado no *lead* (linha 2) sem detalhamento. Novamente no quarto parágrafo (linhas 13-17), há a informação sobre os deslizamentos que causaram tragédias no Grande Recife.

A circularidade informativa observada no conjunto dos sete produtos em questão indica que o acompanhamento dos fatos diários necessita mais do que a publicação contínua de notícias para renovar e ampliar o discurso jornalístico na web. No dia 14 de junho, cada novo episódio sobre as mortes ratificou o material anterior, tendo evoluído apenas em assuntos correlatos inseridos na temática principal da chuva. Somente no dia 18 de junho, uma matéria traz um novo olhar sobre os deslizamentos, particularmente, no Alto da Conquista, em Olinda, onde uma jovem morreu. O material é transcrito a seguir:

GRANDE RECIFE // CHUVAS

Moradores do Alto da Conquista, em Olinda, estão apreensivos após desabamento¹⁵

Publicado em 18.06.2012, às 16h30

[Foto: NE10]

Do NE10

1 As chuvas que atingiram a Região Metropolitana do Recife na última quinta-feira
2 (14) ocasionaram três mortes. Duas delas no Cabo e outra em Olinda. De quinta para esta
3 segunda-feira (18), as chuvas diminuíram, mas ainda há muito inverno - e chuva - pela
4 frente. No bairro de Águas Compridas, em Olinda, no Alto da Conquista, onde a jovem
5 Nicory Cleiciane dos Santos Xavier, 19 anos, morreu soterrada. no último dia 14, por
6 conta do desabamento de um morro, os moradores estão apreensivos.

7
8 **LEIA MAIS:**

9 Chuvas deixam três mortos no Grande Recife

10
11 [Álbum de fotos - Desabamento em Águas Compridas]

12
13 Além da dor da perda da jovem, o armador de ferragem Manoel Barbosa, 41
14 anos, padrasto da vítima, e a mãe Helena Corina dos Santos, estão sem perspectivas. A
15 casa dos dois foi totalmente destruída e desde então estão hospedados na casa da mãe de
16 Helena, que também fica no Alto da Conquista, em Águas Compridas. Os dois
17 pretendem arranjar outro lugar para morar: "Não é que pra onde eu for eu vou esquecer
18 dela, mas voltar pra lá vai ser terrível, a tragédia foi muito grande", lamenta a mãe que
19 está cheia de marcas no corpo devido ao acidente.

20 Desde o desabamento, o padrasto ainda não conseguiu ir para o trabalho e
21 reclama que está sofrendo "dos nervos". A mãe, apesar do sofrimento, não esquece que
22 tem muita coisa para resolver: as pendências trabalhistas da filha e recomeçar a própria
23 vida. Dos pertences, só conseguiu resgatar duas panelas e os documentos precisam ser

¹⁵ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/18/moradores-do-alto-da-conquista-em-olinda-estao-apreensivos-apos-desabamento-349511.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

24 novamente tirados. "Da minha filha não precisa, né? O documento dela agora é a certidão
 25 de óbito", lamenta.
 26
 27 [Foto]
 28
 29 Apesar do sofrimento, Helena Corina, que estava em casa na hora do
 30 desabamento e se salvou por conta de um guarda-roupa, acredita que a culpa não é do
 31 meio-ambiente: "A gente precisa de água, não é? O ser humano é que deve ajudar um ao
 32 outro, quem tem, deve ajudar a quem não tem. Se eu encher minha barriga e meu vizinho
 33 continuar com fome, não fiz nada". De acordo com ela, "a corda sempre arrebenta do
 34 lado mais fraco".
 35 Josefa Tavares Gomes, 43 anos, mora no Alto da Conquista há 23 anos e, nesse
 36 tempo, nunca tinha visto uma tragédia tão grande. A mulher que mora sozinha está com
 37 medo e não dorme mais em seu próprio quarto por acreditar que é a parte da casa com
 38 mais infiltrações. Sem ter condições de morar em outro lugar, espera alguma ação dos
 39 órgãos competentes: "A Defesa Civil disse que ia fazer alguma coisa antes de o inverno
 40 começar e, até agora, nada".
 41
 42 [Link para vídeo com depoimento de Josefa Tavares Gomes, moradora do Alto da
 43 Conquista]
 44
 45 Na manhã desta segunda-feira (18), funcionários da Prefeitura de Olinda
 46 realizaram poda de árvores na área. Lonas cobrem o morro, de acordo com os moradores,
 47 desde a sexta-feira (15).
 48 A reportagem do NE10 tentou entrar em contato diversas vezes com a Defesa
 49 Civil de Olinda mas não obteve retorno.

O produto segue a linha da humanização ao destacar a situação dos familiares da jovem morta e a apreensão de outros moradores da localidade diante da perspectiva de novos incidentes no período do inverno. A mãe da vítima, não identificada nas matérias do dia 14, sobreviveu ao deslizamento de barreira e conta sobre a sua situação atual (linhas 13-19; 21-25; 29-34). Além dela, o padrasto da jovem também relata a condição do casal (linhas 13-14; 20-21). A extensão do problema é apontada no depoimento escrito (linhas 35-40) e em vídeo (linhas 42-43) da moradora Josefa Tavares Gomes, assustada com a tragédia e com o estado da própria casa.

Apesar do hiato de quatro dias entre o início da narrativa sobre a morte da jovem residente em Olinda e a publicação da matéria “Moradores do Alto da Conquista, em Olinda, estão apreensivos após desabamento”, este último material assume importante papel na cobertura jornalística fragmentada. A justificativa está na apresentação de informações que expandem o discurso formulado no dia da tragédia, quando o destaque foi a morte em si. As palavras dos moradores fogem da abordagem meramente factual e trazem à tona problemas ainda sem solução, plantando a semente da reflexão alavancada pelo sentimentalismo. O

produto não é suficiente na promoção do pensamento crítico, mas evidencia possibilidades de aprofundamento noticioso.

O *corpus* também apresenta uma experiência evolutiva do relato jornalístico vislumbrada no segundo ciclo narrativo da fragmentação. Trata-se da cobertura do deslizamento de uma barreira que deixou uma adolescente de 16 anos soterrada, na comunidade Saturnino de Brito, no bairro das Trincheiras, em João Pessoa, capital da Paraíba, no dia 19 de junho. Neste caso, cada episódio narrativo renova as informações sobre o incidente, numa proposta de revelação progressiva mais próxima da ideia de acompanhamento em tempo real. O fato é mencionado pela primeira vez, na matéria abaixo:

NORDESTE // PARAÍBA

Chuva não dá trégua e transtornos aumentam em João Pessoa¹⁶

Publicado em 19.06.2012, às 13h15

[Foto: Twitter]

Correspondente
Do NE10/Paraíba

1 Com o passar das horas e aumento do volume de água das chuvas, a situação na
2 capital paraibana vai ficando cada vez mais delicada. Equipes da Defesa Civil do
3 Município se dirigem no início desta tarde para a comunidade Saturnino de Brito, no
4 bairro das Trincheiras, onde há informação de deslizamento de uma barreira.

5 De acordo com o coordenador da Defesa Civil Municipal, Noé Estrela, ainda não
6 se sabe a extensão ou consequências desse deslizamento. O órgão também atua, desde a
7 manhã desta terça-feira chuvosa, na comunidade do Timbó, no bairro dos Bancários,
8 onde foram detectadas 12 residências em situação de risco.

9 A Defesa Civil tenta fazer a remoção das famílias, cujas casas já começam a ficar
10 inundadas, mas luta contra a resistência de alguns moradores. "A dificuldade é que
11 algumas pessoas estão bastante resistentes. Nossa equipe de assistentes sociais está
12 conversando individualmente com os moradores, mas está sendo difícil. Apenas três
13 famílias aceitaram ir para o alojamento", disse Noé.

14 As famílias retiradas do Timbó estão sendo levadas para uma igreja no bairro dos
15 Bancários, que servirá de abrigo neste período. Segundo a Defesa Civil, a capital tem
16 cerca de 32 áreas de risco, das quais 11 estão em alerta. As chuvas, segundo o
17 coordenador da Defesa Civil, estão acima da média, provocando muitos alagamentos e
18 ruas interditadas na cidade.

19
20 [Foto: Twitter]

21
22 Segundo a Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa),
23 choveu 51.6 mm na capital paraibana entre as 9h da segunda e as 9h desta terça. A

¹⁶ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/19/chuva-nao-da-tregua-e-transtornos-aumentam-em-joao-pessoa-349691.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

24 | preocupação, segundo a Aesa, se deve ao fato de ser uma área urbana e também à
25 | concentração da chuva, que se intensificou durante a noite e a madrugada. A previsão é
26 | de mais chuva para a faixa litorânea da Paraíba até esta quarta-feira (20).

27 |

28 | **LEIA MAIS**

29 | Chuvas se intensificam em João Pessoa; árvore cai sobre quatro carros no Centro

A matéria atualiza a cobertura da chuva em João Pessoa, iniciada pela equipe de reportagem ainda no turno da manhã. Este fragmento reporta novos episódios do dia, dentre os quais o deslizamento de barreira que, mais tarde, tornar-se-á assunto principal de outros produtos. Por enquanto, o incidente é narrado sem detalhes, a começar pelo deslocamento de funcionários da Defesa Civil do Município para investigar o ocorrido (linhas 2-4). O relato é concluído com o depoimento do coordenador do órgão, Noé Estrela, afirmando ainda desconhecer a extensão e as consequências do acontecimento (linhas 5-6).

O recorte da realidade social está em sintonia com a atualidade jornalística ao anunciar e contabilizar as ocorrências do dia, valorizando critérios de noticiabilidade clássicos, como impacto sobre a população, relevância, proximidade e catástrofe. Já a aproximação entre o tempo do acontecimento e o tempo de difusão da notícia é apontada por meio dos dados da manhã e início da tarde registrados pela Defesa Civil de João Pessoa. Nota-se, assim, uma tentativa de justaposição com o chamado tempo real, pois os números estão atualizados até o início da tarde (linha 3) e a matéria foi publicada às 13h15.

A queda de barreira na comunidade Saturnino de Brito retorna à agenda midiática na matéria transcrita a seguir:

NORDESTE // CHUVAS

Barreira desliza e adolescente fica soterrada em João Pessoa¹⁷

Publicado em 19.06.2012, às 14h50

Correspondente

Do NE10/Paraíba

Atualizada às 17h22

1 | Uma adolescente de 16 anos ficou soterrada, por cerca de uma hora, após o
2 | deslizamento de uma barreira na comunidade Saturnino de Brito, no bairro das
3 | Trincheiras, em João Pessoa, na manhã desta terça-feira (19). De acordo com Alberto
4 | Sabino, técnico da Defesa Civil da capital paraibana, a garota sofreu escoriações leves e
5 | foi socorrida pelo Samu, logo após levada para o Hospital de Emergência e Trauma de

¹⁷ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/19/barreira-desliza-e-adolescente-fica-soterrada-em-joao-pessoa-349704.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

6 João Pessoa.

7 Ainda segundo Alberto, seis casas da localidade serão interditadas por causa do
8 deslizamento, pois apresentam risco de desabar. Só no período da manhã, a Defesa Civil
9 atendeu a 26 ocorrências, incluindo o desmoronamento da barreira.

10

11 [Foto: Reprodução]

12

13 Outros pontos críticos da capital são as comunidades do Timbó, no bairro dos
14 Estados, e São Rafael, em Castelo Branco. Segundo a assessoria da Defesa Civil, 12
15 famílias que estavam resistentes, no início do dia, em sair de suas casas alagadas na
16 comunidade já foram transferidas para os abrigos provisórios instalados na Igreja
17 Menino Jesus de Praga e no Centro Referência da Cidadania (CRC). No Timbó, 20 casas
18 ficaram inundadas.

19 Em caso de emergência, a população pode acionar a Defesa Civil através do
20 número 0800-285-9020, disponível 24 horas. A chamada é gratuita. Além da Defesa
21 Civil, estão participando das operações de emergência a Secretaria de Infraestrutura
22 (Seinfra), Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes) e Superintendência de
23 Mobilidade Urbana (Semob).

24 **CHUVAS** – Desde a madrugada desta terça-feira (19), as chuvas são intensas na
25 capital paraibana. Pela manhã, uma árvore caiu por cima de quatro veículos no anel
26 interno do Parque Solon de Lucena. Apesar do susto, ninguém se feriu.

27

28 [Foto: Divulgação]

29

30 A Lagoa do Parque, um dos cartões postais de João Pessoa, transbordou no início
31 da tarde, inundando as calçadas e deixando a mobilidade ainda mais complicada na área.
32 O trânsito ficou travado em diversas partes da cidade, sobretudo no Centro. Agentes da
33 Semob passaram o dia orientando a população pelos canais oficiais do órgão, inclusive
34 nas redes sociais. Rotas de carros e itinerários de ônibus sofreram alterações.

35

36 [Foto: Twitter]

37

38 Segundo a Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa),
39 choveu 51.6 mm na capital paraibana somente no período entre as 9h dessa segunda e 9h
40 desta terça. A preocupação, segundo a Aesa, se deve ao fato da precipitação ter se
41 concentrado sob uma área urbana e também em relação ao volume da chuva, que se
42 intensificou durante a noite e a madrugada. A previsão é de mais chuva para a faixa
43 litorânea da Paraíba até esta quarta-feira (20).

44

45 **LEIA MAIS**

46 Chuva não dá trégua e transtornos aumentam em João Pessoa

47 Chuvas se intensificam em João Pessoa; árvore cai sobre quatro carros no Centro

Na matéria acima, o deslizamento de barreira é alçado ao posto de assunto principal, que justifica o título, o *lead* e conduz o desenrolar do texto. O produto atualizado confirma o acontecimento (linhas 1-3) e aponta as consequências: o soterramento de uma adolescente, resgatada após uma hora sob os escombros (linhas 1-3), o estado de saúde preliminar da

vítima, considerado bom (linhas 4-6), e a interdição de seis casas no local do acidente por risco de desabamento (linhas 7-8).

O texto prossegue com a atualização e/ou a retomada de dados de matérias mais antigas sobre a situação de outras comunidades (linhas 13-14), transferência de famílias para abrigos temporários (linhas 14-17), queda de árvore (linhas 25-26), alagamentos (linhas 30-31) e complicações no trânsito (linhas 32-34). O último parágrafo com indicações quantitativas de chuva e previsão do tempo (linhas 38-43) é praticamente a reprodução do último parágrafo da matéria “Chuva não dá trégua e transtornos aumentam em João Pessoa”, transcrita nas páginas 127, 128 (linhas 22-26). A repetição de informações no material em questão, entretanto, funciona mais como um procedimento contextual do que meramente como uma saturação informativa.

O caso do soterramento da adolescente paraibana termina seu ciclo evolutivo, no dia 20 de junho, com publicação de matéria sobre o estado de saúde da vítima:

NORDESTE // DESLIZAMENTO

Adolescente soterrada em João Pessoa segue em estado grave, diz Hospital de Trauma¹⁸

Publicado em 20.06.2012, às 13h44

Correspondente

Do NE10/Paraíba

1 Continua internada a adolescente de 17 anos que ficou soterrada após o
2 deslizamento de uma barreira nessa terça-feira (19), na comunidade Saturnino de Brito,
3 bairro das Trincheiras, em João Pessoa. De acordo com o boletim emitido nesta quarta
4 (20) pelo Hospital de Emergência e Trauma da capital, a moça está na UTI e seu estado
5 de saúde é considerado grave.

6 A adolescente ficou cerca de uma hora aguardando resgate. De acordo com a
7 Defesa Civil de João Pessoa, que atendeu a ocorrência, a garota havia ficado parcialmete
8 soterrada e sofrido apenas ferimentos leves. Ela foi socorrida pelo Samu e levada para o
9 hospital. A casa em que a adolescente morava fica ao lado de uma barreira, que cedeu
10 após mais de 12 horas de chuva intensa na capital.

11 No local onde a menina mora, outras seis casas foram condenadas pela Defesa
12 Civil e as famílias retiradas e levadas para abrigos públicos.

13 Segundo a Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa), choveu
14 mais de 100 mm na capital paraibana entre a noite da segunda e terça-feira. Apesar do
15 dia ensolarado, a previsão é de mais chuvas esparsas para a faixa litorânea da Paraíba
16 nesta quarta-feira (20).

17

18 **LEIA MAIS**

19 Após chuvas intensas, Prefeitura de João Pessoa retira 16 toneladas de lixo dos canais da

¹⁸ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/20/adolescente-soterrada-em-joao-pessoa-segue-em-estado-grave-diz-hospital-de-trauma-349893.php>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

- 20 | cidade
21 | Barreira desliza e adolescente fica soterrada em João Pessoa
22 | Chuva não dá trégua e transtornos aumentam em João Pessoa
23 | Chuvas se intensificam em João Pessoa; árvore cai sobre quatro carros no Centro

A matéria começa com o verbo “continuar” (linha 1), em alusão a uma sequência discursiva. De acordo com as novas informações, a moça está internada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital de Emergência e Trauma de João Pessoa, em estado grave (linhas 3-5). Isso desmente os dados do dia anterior, quando a Defesa Civil de João Pessoa divulgou que a adolescente havia sofrido apenas ferimentos leves (linhas 6-8).

O texto prossegue com um relato mais contextual dos fatos. O “como” está representado na exposição da espera de uma hora pelo resgate (linha 6), a chegada do Samu e o encaminhamento da vítima para o hospital (linhas 8-9). Para complementar, é apresentada a situação da localidade onde mora a vítima: casas condenadas e desabrigados conduzidos a abrigos públicos (linhas 11-12). O “porquê” do acidente se resume ao fato de a casa da vítima estar localizada ao lado da barreira que cedeu (linhas 9-10). No entanto, nada é dito a respeito de ações preventivas em áreas de risco, demonstrando certo aprisionamento à superficialidade do recorte factual.

O produto finaliza com o balanço quantitativo das precipitações na capital paraibana – mais de 100mm entre segunda e terça-feira (linhas 13-14) – e a previsão de chuvas esparsas ao longo do dia (linhas 15-16).

A renovação episódica do discurso noticioso remete à efemeridade do próprio relato jornalístico baseado no presente social. A demarcação temporal da notícia na web é medida em períodos cada vez mais curtos, numa submissão ao fetiche da velocidade fortalecido pela mercantilização dos meios de comunicação, conforme delineia Moretzsohn (2002). Ao adotarem o padrão do tempo real, os portais institucionalizam uma dinâmica pautada pela renovação contínua e fragmentada, com o bônus da renovação informativa de qualidade ou o ônus da repetição desqualificada para manter a estrutura sequencial, uma discussão que permanece em aberto.

Em entrevista concedida por e-mail, a jornalista Benira Maia (2013), uma das editoras do NE10, indica que a atualização em fluxo contínuo interfere na fragmentação narrativa, mas não impede a construção de produtos completos, a depender da notícia e dos recursos humanos. O comentário pode ser aplicado não apenas à dinâmica do NE10, como também às redações de outros portais jornalísticos, cujas produções factuais são influenciadas pelo ritmo acelerado do ciberespaço.

5.3 Fontes de informação e vozes do jornalismo

Em conjunto com a contextualização e a fragmentação narrativa estão as fontes de informação, uma das categorias textuais consideradas nesta pesquisa. Indispensável à construção do relato noticioso, a fonte funciona como um elo entre acontecimentos e jornalistas, além de inserir-se na rotina produtiva dos meios de comunicação atrelada à velocidade, à estrutura das redações e aos padrões editoriais.

A análise do *corpus* indica uma forte presença de fontes oficiais na cobertura das chuvas, o que pode ser explicado pelo recorte factual e pela aceleração dos processos de produção e divulgação de notícias. Como já explanado, as fontes oficiais possuem credibilidade e normalmente distribuem informações fidedignas e completas, diminuindo o tempo e o custo da apuração. Assim, tendem a se tornar estáveis e com alto grau de confiança dos repórteres. Além disso, servem como ponto de equilíbrio e de imparcialidade sobre assuntos de natureza controversa.

No material analisado, as informações meteorológicas e sobre o nível das águas pluviais e fluviais são normalmente provenientes do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC), Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Agência Nacional de Águas (ANA), Agência Pernambucana de Águas e Clima (Apac), Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa), Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), Sistema de Proteção da Amazônia (Sipam), Centro de Gerenciamento de Emergências (CGE) – SP, Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar) e MetSul Meteorologia – RS. Por se tratar de dados técnicos e especializados, a escolha por fontes oficiais é natural e necessária.

Percebe-se também o uso recorrente de dados advindos de órgãos do governo que trabalham com inspeção, resgate e atendimento médico, a exemplo das Defesas Civis municipais e estaduais, Corpo de Bombeiros, Limpeza Urbana, secretarias municipais e estaduais ligadas à organização das áreas urbanas e hospitais públicos. Dados sobre o trânsito são repassados por Polícia Rodoviária Federal (PRF), Departamento de Estradas de Rodagem (DER), Companhia de Trânsito e Transporte Urbano (CTTU) – Recife – PE e Grande Recife Consórcio de Transporte – PE. Autoridades das esferas municipais, estaduais e federal também são citadas.

Na corrida do tempo real, em que a velocidade pode ser mais importante do que o próprio fato noticiado, este tipo de fonte aparenta ser a opção mais rápida e segura para a produção jornalística. Informações consolidadas por órgãos públicos e autoridades costumam ganhar respaldo social sem grandes questionamentos, numa promoção dupla da credibilidade da fonte e do veículo de comunicação. Toma-se como exemplo o produto abaixo:

NORDESTE // SEGURANÇA

Área de barreira na Praia de Cabo Branco-PB é interditada¹⁹

Publicado em 21.06.2012, às 12h37

[Foto: Divulgação]

Correspondente

Do NE10/Paraíba

1 Após vistoria realizada na manhã desta quinta-feira (21) na Praia de Cabo
2 Branco, a Coordenadoria Municipal da Defesa Civil (Comdec) de João Pessoa decidiu
3 interditar, por segurança, a área que fica entre a Ponta do Seixas e a Praça de Iemanjá. O
4 local possui uma barreira na encosta da areia e, por isso, está sendo isolada para evitar
5 que as pessoas continuem transitando por ela. A medida foi tomada após as 24 horas de
6 chuvas intensas vividas pela capital paraibana na última terça-feira (19).

7 Segundo a Comdec, é fundamental que as pessoas respeitem o isolamento da área
8 e evitem trafegar próximo à encosta, pois a barreira apresenta risco de deslizamento.
9 Além da barreira do Cabo Branco, as equipes devem visitar ainda nesta quinta,
10 comunidades no Bairro dos Novais, São José, Tito Silva (no Miramar), entre outras. De
11 acordo com Noé Estrela, coordenador da Defesa Civil de João Pessoa, mesmo com a
12 diminuição das chuvas na capital, o Comdec permanece monitorando as áreas
13 prejudicadas na cidade.

14 “Apesar de já terem passado as chuvas mais fortes, continuamos acompanhando
15 as comunidades e informando às pessoas sobre os cuidados necessários, verificando se
16 ainda há algum risco e visitando os abrigos”, explicou. A Agência Estadual de Águas da
17 Paraíba prevê chuvas fracas e moderadas na capital entre o final desta quinta e início de
18 sexta-feira (22).

19 Em caso de emergência, a população pode acionar a Defesa Civil através do
20 número 0800-285-9020, disponível 24 horas, todos os dias da semana. A chamada é
21 gratuita.

22 **REALOJADOS** – De acordo com a Comdec, desde a última terça-feira (19), 34
23 famílias das comunidades São José, Timbó e Saturnino de Brito foram removidas de suas
24 moradias para abrigos provisórios nas escolas municipais Nazinha Barbosa (Manaíra),
25 Alice Carneiro (Manaíra), Damásio Franca (Saturnino de Brito), igreja Menino Jesus de
26 Praga (Bancários) e Centro de Referência da Cidadania (Bancários). Com a diminuição
27 das chuvas, porém, algumas delas já retornaram às suas casas.

28

29 **LEIA MAIS**

¹⁹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/21/area-de-barreira-na-praia-de-cabo-brancopb-e-interditada-350134.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

- 30 | Adolescente soterrada em João Pessoa segue em estado grave, diz Hospital de Trauma
- 31 | Após chuvas intensas, Prefeitura de João Pessoa retira 16 toneladas de lixo dos canais da
- 32 | cidade
- 33 | Barreira desliza e adolescente fica soterrada em João Pessoa
- 34 | Chuva não dá trégua e transtornos aumentam em João Pessoa
- 35 | Chuvas se intensificam em João Pessoa; árvore cai sobre quatro carros no Centro

A matéria incorre no uso exclusivo de fontes oficiais, a saber: Coordenadoria Municipal da Defesa Civil (Comdec) de João Pessoa (linhas 2; 7; 22), coordenador da Defesa Civil de João Pessoa (linhas 10-11; 14-16) e Agência Estadual de Águas da Paraíba (linhas 16-17). O uso de definidores primários (HALL et al., 1999) recai na ideia de respeitabilidade, fidedignidade e posicionamento oficial diante de questões controversas. Mas as fontes parecem somente cumprir um papel necessário à estrutura da notícia aliada a quesitos de objetividade e credibilidade.

Esta monofonia pode revelar uma condução do discurso pela fonte oficial e deixar em segundo plano a opinião de especialistas que poderiam destrinchar o assunto e, até mesmo, contraporem-se aos dados apresentados. Fontes desvinculadas da gestão municipal poderiam ativar um debate crítico sobre ações preventivas em áreas de risco e programas do governo para o inverno. Em paralelo, ouvir os moradores dessas localidades também ajudaria a compreender o cotidiano da área e daria voz a quem vivencia essa problemática.

Em continuidade à análise do *corpus*, também é percebido o uso de fontes não oficiais (personagens e testemunhas), que ganham notoriedade principalmente em momentos caóticos, como em matérias sobre congestionamentos, problemas no transporte coletivo em dias chuvosos e moradores de áreas com risco de deslizamento de barreiras. Instituições, empresas privadas, agências de notícias e jornais também são citados como fontes no material pesquisado, em conformidade com os modos de produção do jornalismo. Os especialistas consultados pertencem ao quadro de órgão público ou empresa privada e falam em nome das instituições com as quais mantêm vínculo, numa reprodução monofônica do discurso institucional.

Uma especialidade do webjornalismo é a ágil interseção com as redes sociais e com aplicativos para *smartphone* (no caso do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, o aplicativo utilizado para contato do cidadão com as redações de todos os veículos do grupo é o *comuniQ*), pelos quais internautas enviam informações para as redações ajudando na construção noticiosa. Em matérias factuais do NE10, é comum a colaboração do público via Twitter com postagens escritas e fotografias em um processo de mediação das realidades

sociais recortadas pelo internauta e pelo jornalista. Graças à liberdade espacial da rede de computadores, o material pode ser reproduzido na diagramação do portal ou no formato original, conforme mostram os trechos a seguir:



Figura 1 – Foto enviada pelo Twitter e publicada na matéria “Manhã de chuva, acidente e engarrafamentos”²⁰.



Figura 2 – Foto e postagem do Twitter publicadas na matéria “Chuvras devem se intensificar na Paraíba pelas próximas 24 horas, diz Aesa”²¹.

²⁰ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/jc-transito/noticia/2012/06/28/manha-de-chuva-acidente-e-engarrafamentos-351439.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

²¹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/14/chuvras-devem-se-intensificar-na-paraiba-pelas-proximas-24-horas-diz-aesa-348687.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

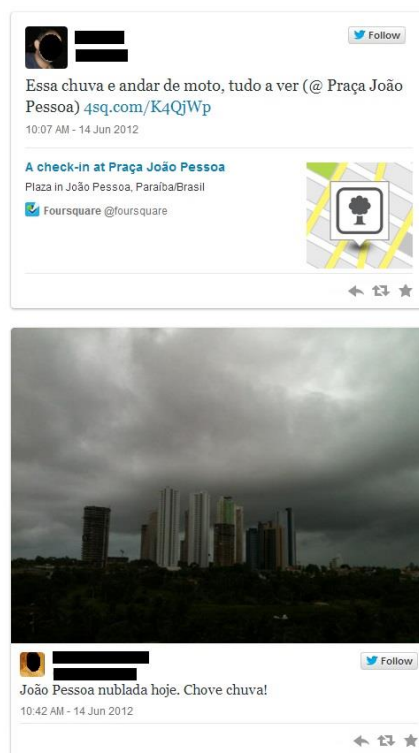


Figura 3 – Foto e postagens do Twitter publicadas na matéria “Chuvas devem se intensificar na Paraíba pelas próximas 24 horas, diz Aesa²²”.

As redes sociais ampliam o alcance da cobertura noticiosa sem a necessidade do deslocamento físico de repórteres, numa contribuição direta com a rotina e os aparatos profissionais. A limitação numérica de jornalistas nas redações, a sobrecarga de tarefas ou mesmo a distância geográfica podem ser momentânea e simbolicamente derrubadas graças ao envio de dados pelo Twitter, Facebook e afins. Ao mesmo tempo, esta parceria incentiva a interação com o internauta, a formulação do conhecimento coletivo e sacia o desejo participativo do público, numa quebra hierárquica dos papéis de emissor e receptor. Cria-se o alicerce para o jornalismo-cidadão, que expande o processo produtivo da informação até o público, amplia a representação de vozes e descentraliza a construção de saberes.

Nota-se que este recurso também tem sido usado para consulta de fontes oficiais. Autoridades e órgãos públicos mantêm atualizadas suas contas no Twitter a fim de repassar informações de modo rápido e com longo alcance. Eis os casos mostrados no trecho abaixo (figura 4), retirado da matéria “Chuvas se intensificam em João Pessoa; árvore cai sobre quatro carros no Centro²³”, publicada em 19 de junho de 2012, às 10h53, na qual constam

²² Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/14/chuvas-devem-se-intensificar-na-paraiba-pelas-proximas-24-horas-diz-aesa-348687.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

²³ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/06/19/chuvas-se-intensificam-em-joao-pessoa-arvore-cai-sobre-quatro-carros-no-centro-349647.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

dados do Twitter da Polícia Rodoviária Federal (PRF) – Paraíba e da Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob) – Paraíba:

Através do Twitter, a Superintendência de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob) orienta os motoristas sobre algumas áreas críticas de alagamentos e congestionamentos causados pelas fortes chuvas. Segundo a Semob, devem ser evitados os trechos entre a Avenida João Machado com a Coremas e a Rua Jesus de Nazaré. No bairro dos Bancários, o encontro da Rua Rosa Lima com a Avenida Sérgio Guerra está completamente alagado.



A Defesa Civil da capital atua nas principais áreas de risco, monitorando alagamentos e avaliando a situação de diversas casas ribeirinhas. Segundo o órgão, a comunidade Novo Horizonte, no bairro do Cristo Redentor, é uma das prioridades. Na comunidade do Timbó, no bairro dos Bancários, também já foram encontradas casas inundadas.

Figura 4 – Postagens do Twitter da Polícia Rodoviária Federal – PB e da Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob) – PB.

A praticidade da obtenção de dados via redes sociais não deve, no entanto, substituir rotinas de apuração por parte do repórter. Filtrar informações, confrontá-las e buscar sua autenticidade ainda são ações de responsabilidade do jornalista e que cooperam com a qualificação da notícia.

5.4 A multimidialidade como fator de qualificação da notícia

Após a análise das categorias textuais, parte-se para o eixo da multimidialidade como recurso de aprofundamento e qualificação da notícia. São consideradas três categorias: complementação informativa por meio da convergência midiática; hipertexto como ferramenta de aprofundamento; e banco de dados como suporte ao detalhamento informativo. Por serem bastante entrelaçadas umas às outras (convergência exige links que acionam bancos de dados), as categorias são avaliadas em conjunto, sem total separação didática, como ocorreu na análise das categorias textuais.

A linguagem escrita está presente em todos os produtos analisados e é, inclusive, o único suporte da maioria das matérias do *corpus*, numa constatação da natureza veloz e simplificada da publicação de notícias factuais. Esse perfil é ainda mais forte nos produtos

originários de agências de notícias nacionais e internacionais, normalmente, publicados sem fotografias, nem extensões audiovisuais ou gráficas. Em alguns casos, o material de agência é complementado por links do tipo “Leia Mais” que conduzem a outros materiais escritos sobre o assunto central da matéria ou temas correlatos, sendo estes últimos os casos mais comuns. Neles, as matérias costumam se relacionar a fatos ocorridos na Região Nordeste do Brasil, onde está sediada a equipe do NE10.

O ideal de produção convergente está mais visível em matérias apuradas e elaboradas pelos profissionais do portal NE10, numa indicação de que a proximidade geográfica ainda influencia a atividade jornalística desenvolvida na web, apesar de a internet remodelar simbolicamente as distâncias configuradas no ciberespaço. Em geral, a complementação informativa por meio da convergência midiática – associação de plataformas e conteúdos – aparece de maneira discreta com o material escrito acompanhado principalmente por fotografias. Gravações audiovisuais são percebidas, mas em pequena quantidade. A infografia não é detectada nos produtos analisados.

As fotografias costumam retratar os problemas ocasionados pela chuva, como alagamentos, congestionamentos e quedas de barreiras, em conformidade ao tema principal das notícias. Elas são creditadas aos profissionais do NE10, aos parceiros do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, às assessorias de comunicação e aos internautas via Twitter. As imagens se dispõem antes ou em meio ao texto escrito, numa variação cíclica de *layout*. Neste aspecto, reproduzem a conhecida estrutura linear do impresso, conforme demonstrado na figura 5:



Figura 5 – Foto da matéria “Recife recebe maior chuva de 2012 nessa quinta-feira²⁴”, publicada no dia 14 de junho de 2012, às 15h15.

²⁴ Ver nota de rodapé nº 13.

Uma alternativa de aproveitamento do espaço ilimitado da web é a publicação do álbum fotográfico, visto em apenas um dos produtos do *corpus*. Porém, este recurso pode esbarrar em problemáticas como a necessidade de cobertura no local do acontecimento, a presença de um fotógrafo ou do repórter multiplataforma, tempo para realização das fotografias e para a organização do álbum para publicação. Essas são questões ainda em aberto para reflexão.

Outros aspectos da multimidialidade estão presentes na matéria abaixo, cujo texto é transcrito, seguido por imagem retirada do portal:

GRANDE RECIFE // ÁGUA

Chuvas: Recife decreta estado de alerta²⁵

Publicado em 21.06.2012, às 14h55

[Foto: Divulgação]

Do NE10

Atualizado às 16h55

1 | Embora os institutos de meteorologia apontem para a ocorrência de chuvas dentro
2 | da normalidade nos próximos dias no Recife, o prefeito João da Costa assinou termo
3 | decretando estado de alerta na capital pernambucana. A medida, tomada na tarde desta
4 | quinta-feira, baseia-se no índice pluviométrico que a cidade registrou este ano - foram
5 | 942 mm de chuva, quando a partir de 600 mm já se faz necessário anunciar o estado de
6 | alerta.

7 | Com o decreto, válido até que as chuvas diminuam, a prefeitura passa a adotar
8 | uma série de medidas preventivas para evitar acidentes e situações críticas. "Queremos
9 | atravessar o período chuvoso com o menor grau de risco para a população. Nosso
10 | objetivo é acidente grave zero, morte zero", disse João da Costa.

11 |

12 | [Link para vídeo com depoimento da coordenadora da Codecir, Keila Ferreira]

13 |

14 | Iniciada em fevereiro, a Operação Inverno dispensa R\$ 133 milhões para os
15 | eventos de prevenção - ano passado a quantia foi de R\$ 57 milhões. A verba está sendo
16 | aplicada em monitoramento das áreas de riscos (são 3.400, em especial nas zonas Norte e
17 | Sul), ações de varredura, como demolição de muros, cortes de árvores, colocação de
18 | lonas e gel impermeabilizante e limpeza de canais e galerias.

19 | Um novo abrigo no Bongi, além das zonas Norte e Sul, já receberam
20 | mantimentos para casos de emergência. A central telefônica da Codecir (Coordenadoria
21 | de Defesa Civil) ganhou 15 novos pontos de atendimentos, saltando para 18 o número de
22 | chamadas a serem atendidas de forma simultânea.

23 |

Para garantir suporte durante o estado de alerta, servidores envolvidos na

²⁵ Disponível em <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/21/chuvas-recife-decreta-estado-de-alerta-350162.php>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

24 | Operação Inverno tiveram as férias suspensas e poderão ser convocados aos fins de
25 | semana. Segundo a a coordenadora da Codecir, Keila Ferreira, mil pessoas estarão
26 | mobilizadas para a ação. Destas, 240 são da Secretaria de Controle Urbano, 160 da
27 | Defesa Civil e o restante das secretarias de Controle, Desenvolvimento Urbano e Obras,
28 | Assistência Social, Serviços Públicos, Gestão e Planejamento, entre outras.

29 |

30 | **SERVIÇO**

31 | Codecir: 0800-0813400

32 |

33 | **LEIA MAIS**

34 | Deve chover no Grande Recife nesta quinta. Confira a previsão para o Estado

35 | João da Costa decretará Estado de Alerta no Recife

36 | Chuva causa estragos, bloqueia rodovias e provoca fila de navios no Paraná

37 | Após chuvas intensas, Prefeitura de João Pessoa retira 16 toneladas de lixo dos canais da

38 | cidade



Figura 6 – Foto da matéria “Chuvvas: Recife decreta estado de alerta”.

Neste caso, a matéria amplia as plataformas midiáticas ao correlacionar texto escrito, fotografia (figura 6) e vídeo (linha 12). A gravação²⁶ feita com a coordenadora da Codecir aborda o mapeamento das áreas de risco no Recife, ações da Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) e como a população deve agir na iminência de incidentes. Neste ponto, o vídeo cumpre função extensiva das informações do texto (transmídiação), com a complementação de dados não disponibilizados no formato escrito.

A estrutura de camadas noticiosas apresentada na argumentação teórica da pesquisa é percebida com o uso de hiperlinks do tipo “Leia Mais”, disponibilizados após o material escrito (linhas 34-38). Eles assumem posições um pouco diferentes entre si. A matéria “Deve chover no Grande Recife nesta quinta. Confira a previsão para o Estado” (linha 34) não fala

²⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hKIwOV6EIF0>>. Acesso em: 06 jun. 2013.

das fortes chuvas nem da Operação Inverno, mas traz um serviço à população. Os links para notícias sobre chuvas no Paraná (linha 36) e na Paraíba (linhas 37-38) ajudam a ampliar os dados sobre as ocorrências em outros estados do Brasil, apesar de serem notícias veiculadas originalmente no dia anterior à publicação principal.

Ainda nessa matéria, um caso bastante interessante é o hiperlink “João da Costa decretará Estado de Alerta no Recife” (linha 35). A chamada do dia anterior é alçada ao tempo presente, mas acaba relatando um fato já concretizado. Assim, funciona como recurso de contextualização e memória. Outro fator que merece destaque: esse link chama para o assunto da matéria julgada, naquele momento, como principal, porém esta organização mostra-se maleável quando o referido texto assume posto de suíte, num desprendimento estrutural possibilitado pela tecnologia do link e pelo acionamento de bancos de dados recheados de informações capazes de resgatar e aprofundar acontecimentos noticiosos.

Um retorno ao produto “Recife recebe maior chuva de 2012 nessa quinta-feira²⁷”, utilizado no estudo da categoria da fragmentação narrativa (transcrição na página 123), também ressalta importantes características multimidiáticas. No quesito hiperlink, todas as matérias do “Leia Mais” são publicadas no mesmo dia da matéria dita principal, sendo duas delas aproveitadas dos sites da TV e da Rádio do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação.

Todos os hiperlinks remetem a outras notícias factuais, centradas no “agora” dos fatos. Das cinco, quatro delas não aprofundam o tema em si, mas dão um panorama geral da situação das chuvas naquele dia. A exceção é para a matéria “Defesa Civil explica os riscos de desabamento de barreiras [sic] durante o período de chuva” (linha 26), que se relaciona diretamente à matéria principal ao explicar causas e riscos de desabamentos, assunto que havia sido tratado apenas de forma superficial com as mortes provocadas por deslizamentos de barreiras. Neste caso, a segunda camada noticiosa e o link cumprem papel de aprofundamento e complementação da notícia. Ilustram, assim, a afirmação de Maia (2013) sobre contextualização no webjornalismo factual do NE10. Para a editora, o link para outras matérias é uma das formas de aprofundar informações, ao lado de fotografias e vídeos.

O uso de links em palavras distribuídas ao longo do texto, normalmente sublinhadas, também configura a organização em camadas informativas na web, como uma variação do “Leia Mais”. Eles se integram ao material escrito e remetem a outros produtos, conforme exemplificado a seguir:

²⁷ Ver nota de rodapé nº 13.

JC TRÂNSITO // SERVIÇOS

Em dia de chuva, Grande Recife também fica sem táxis²⁸

Publicado em 14.06.2012, às 08h58

[Foto: NE10]

Do NE10

Atualizada às 11h30

1 Cooperativas e empresas de táxi do Grande Recife não dão previsão para o
2 atendimento dos clientes na manhã desta quinta-feira (14). Isso acontece por causa dos
3 alagamentos provocados pela chuva que cai na Região Metropolitana desde essa quarta-
4 feira (13).

5 A reportagem do NE10 entrou em contato com três empresas. Devido ao
6 problema, a ServTaxi está dando prioridade ao cumprimento de contratos. Para eles, a
7 previsão é entre 40 e 50 minutos. Já para os clientes particulares, nem há expectativa de
8 tempo para o atendimento.

9 A Teletaxi não dá a previsão na primeira ligação. Eles prometem retornar depois
10 de 15 minutos para dar uma resposta sobre a solicitação. O DiskTaxi não dá a previsão e
11 diz que não é possível retornar às ligações dos clientes, porque as linhas estão
12 congestionadas.

13 O taxista Edvaldo Severino, 42 anos, confessa que pensou em não trabalhar nesta
14 quinta-feira. Por volta das 5h, ele pegou um passageiro no bairro de Casa Amarela, Zona
15 Norte, e demorou quase duas horas para chegar em Boa Viagem, na Zona Sul. "Mas a
16 gente tem que levar o passageiro até o destino final, não é", diz.

17
18 [Foto: NE10]

19
20 No ano passado, Edvaldo teve que pagar R\$ 180 para consertar o seu carro,
21 depois que quebrou quando passou por um trecho alagado da Avenida Norte. Segundo o
22 taxista, o maior dano é para a embreagem, por serem usadas marchas de mais força.

23 De acordo com Edvaldo, alguns trechos sempre ficam alagados quando chove. Os
24 mais problemáticos são os bairros da Encruzilhada e do Espinheiro, na Zona Norte. Na
25 Zona Sul, a Imbiribeira é onde geralmente há mais pontos cheios de água. "Além do
26 alagamento, semaforos quebram", completa.

Por estarem inseridos no texto, os links assumem funções de complementação e aprofundamento do produto principal. Os “alagamentos” (linha 3) são citados no *lead* como causa para a longa espera por táxis em dias de chuva. Já as palavras “semaforos [sic] quebram” (linha 26) fazem parte do depoimento de um taxista sobre problemas do tráfego em dias chuvosos. Em ambos os casos, os links conduzem o leitor a matérias específicas sobre cada assunto.

²⁸ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/jc-transito/noticia/2012/06/14/em-dia-de-chuva-grande-recife-tambem-fica-sem-taxis-348648.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

Em entrevista, a editora do NE10 Benira Maia explica o uso de hiperlinks em matérias factuais: “No meio da matéria, acho interessante porque leva logo ao assunto anterior – já coberto com certa profundidade. Também no ‘Leia Mais’. E, embaixo das matérias, leva a uma série geral sobre notícias do mesmo assunto anteriores e correlatas” (MAIA, 2013. Informação por e-mail).

A sugestão é que a condução da leitura fique a critério do internauta. Não é possível nesta pesquisa assegurar qual é o roteiro seguido pelo leitor, mas supõe-se que a disposição de links em meio ao texto possa estimular a quebra da leitura de maneira mais acentuada, enquanto o “Leia Mais” abaixo da matéria possa resultar numa leitura mais padronizada, motivada pela disposição sucessiva do texto e dos links.

Os produtos examinados seguem majoritariamente os modelos do texto linear com *scrolling* e do “unilink”, com formatação baseada no padrão massivo organizado em *lead* e pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2007a). O mais próximo ao modelo “multilink” apontado por Canavilhas, embora com manutenção da pirâmide invertida, encontra-se nos materiais que conseguem concatenar no espaço web as informações em camadas informativas do “Leia Mais” e vídeos complementares.

A associação entre linguagens e recursos multimídia potencializa procedimentos anteriores à WWW, entre eles o audiovisual. Vídeos e gravações em áudio podem dinamizar a notícia e dar ao leitor a sensação de proximidade e familiarização. Um exemplo é demonstrado a seguir:

JC TRÂNSITO // ALAGAMENTO

Ruas e avenidas do Grande Recife ficam alagadas com a chuva²⁹

Publicado em 14.06.2012, às 08h26

[Foto: JC]

Do NE10

Com informações do JC Online

- | | | |
|---|--|---|
| 1 | | O Grande Recife amanheceu embaixo d'água nesta quinta-feira (14). A chuva que |
| 2 | | caiu nesses dois dias deixou várias ruas alagadas e o trânsito complicado na Região |
| 3 | | Metropolitana. |
| 4 | | Praticamente toda a Avenida Sul está cheia de água e os carros passam com muita |
| 5 | | dificuldade. O mesmo acontece no Centro do Recife. A Rua da Concórdia está alagada. |
| 6 | | |

²⁹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/jc-transito/noticia/2012/06/14/ruas-e-avenidas-do-grande-recife-ficam-alagadas-com-a-chuva-348642.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

7 | [Link para vídeo – TV Jornal]

8

9 Em um ponto que sempre alaga na Estância, Zona Oeste do Recife, não foi
10 diferente. A água está acumulada nas proximidades aos Colégios Visão e Decisão,
11 complicando o trânsito.

12 A Avenida Mascarenhas de Moraes, na Imbiribeira, que também já é um ponto
13 conhecido de alagamento, está alagada e os motoristas passam com dificuldades.

Do NE10
Com informações do JC Online

O Grande Recife amanheceu embaixo d'água nesta quinta-feira (14). A chuva que caiu nesses dois dias deixou várias ruas alagadas e o trânsito complicado na Região Metropolitana.

Praticamente toda a Avenida Sul está cheia de água e os carros passam com muita dificuldade. O mesmo acontece no Centro do Recife. A Rua da Concórdia está alagada.



Em um ponto que sempre alaga na Estância, Zona Oeste do Recife, não foi diferente. A água está acumulada nas proximidades aos Colégios Visão e Decisão, complicando o trânsito.

A Avenida Mascarenhas de Moraes, na Imbiribeira, que também já é um ponto conhecido de alagamento, está alagada e os motoristas passam com dificuldades.

Figura 7 – Link para vídeo na matéria “Ruas e avenidas do Grande Recife ficam alagadas com a chuva”.

Produzido pela TV Jornal, emissora pertencente ao Sistema Jornal do Commercio de Comunicação, o vídeo³⁰ (linha 7 do texto. Ilustrado na figura 7) apresenta áreas alagadas pela chuva, no Recife. As imagens mostram locais distintos daqueles citados no texto escrito (linhas 4-5; 9-13), numa real ampliação informativa. Ao mesmo tempo, elas dão uma visão legítima da situação de ruas e avenidas de grande circulação na cidade, resultando em um produto mais completo à percepção do internauta. Recai-se no que Prado (2011) afirma sobre a importância e agilidade do hiperlink na expansão noticiosa na internet. Com ele, é possível incrementar notícias rapidamente com uso de linguagens diversas e convergentes, numa readequação de procedimentos profissionais ao ambiente da web.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Y_2RfCZpBXs>. Acesso em: 04 jun. 2013.

A informação convergente é também multidirecional e pode ser difundida em portais jornalísticos, redes sociais e sites pessoais. Significa que a emissão pode partir tanto de profissionais de comunicação quanto do público em geral e, por isso, a interação revela-se como importante estratégia para a cooperação entre as partes e a aparente estabilização de interesses. De um lado, o jornalista ganha um aliado no processo de administração, apuração e filtragem de dados disponíveis na rede. Do outro, o público mostra-se presente e ativo na produção da notícia, todavia coadjuvante.

A produção colaborativa na internet promove a formação do conhecimento compartilhado. Repórter na “rua”, parceria com outros veículos do Sistema Jornal do Commercio de Comunicação e informações de internautas constituem a base da cobertura factual das chuvas executada pela equipe do portal NE10 (MAIA, 2013).

No material analisado, o ponto de contato entre redação e internauta é observado na contribuição do público através do Twitter. Como explanado durante a análise sobre o uso de fontes de informação, postagens escritas e fotográficas podem ser copiadas tais quais estão disponibilizadas na rede social, inclusive com *login* e *avatar* do usuário (figuras 2 e 3). Assim, o internauta releva-se não somente como uma fonte, uma testemunha, mas também como produtor independente, disseminador de informações em seu perfil social público.

A reunião de plataformas e os nós hipertextuais articulam um mosaico informativo modelado em camadas digitais amparadas por bancos de dados. O material armazenado pelo portal é acionado a cada hiperlink a fim de aprofundar, correlacionar ou ampliar informações, numa relação direta com a promoção da qualidade jornalística. Ao longo da análise do *corpus*, o banco de dados mostra-se presente somente nos produtos que possuem algum tipo de link em meio ao texto escrito, do tipo “Leia Mais”, vídeos e gravações sonoras.

Dois momentos da pesquisa trazem clara alusão ao uso dele. O primeiro refere-se à categoria textual da fragmentação narrativa na web, normalmente auxiliada por hiperlinks capazes de formatar um conjunto narrativo interligado e, conseqüentemente, mais completo. Na internet, a amarração da narrativa episódica é feita pelo link, que serve de fio condutor para integrar linguagens distintas e agrupar materiais difundidos no ciberespaço.

O segundo ponto encontra-se no estudo das categorias multimidiáticas da convergência e do hiperlink, existentes graças ao armazenamento de informações por portais. A união de plataformas requer o uso de links para acionar novos conteúdos e recursos digitais em endereços internos ou externos ao portal. Álbuns fotográficos, áudios, vídeos e matérias

dispostas no “Leia Mais” estão retidos em estruturas de bases de dados que permitem a organização dos bancos de dados.

A ativação do banco de dados possibilita a hibridização espaço-temporal entre os produtos relacionados, como visto na indexação de matérias publicadas em dias diferentes no “Leia Mais”, exemplificada a seguir:

GRANDE RECIFE // CHUVAS

João da Costa decretará Estado de Alerta no Recife³¹

Publicado em 20.06.2012, às 20h38

Do NE10

- | | |
|----|---|
| 1 | Na tarde desta quinta-feira (21) o prefeito do Recife, João da Costa, irá decretar |
| 2 | Estado de Alerta na capital pernambucana. A medida será tomada um dia após o início |
| 3 | oficial do Inverno. |
| 4 | De acordo com prefeitura, a decisão foi tomada em virtude do aumento dos |
| 5 | índices pluviométricos registrados nos últimos dias na cidade. |
| 6 | Segundo as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), desta |
| 7 | quinta-feira (21) até o sábado (23) o tempo no Recife será nublado com chuva, e a |
| 8 | temperatura seguirá estável variando entre 20°C e 28°C graus. |
| 9 | |
| 10 | LEIA MAIS |
| 11 | Inverno começa oficialmente nesta quarta |
| 12 | Recife segue com chuvas esparsas e tempo nublado |

A matéria fala sobre um evento agendado e evidencia o que Gomis (1991) nomeia como resultado (decretação do Estado de Alerta) e aparição (comunicado do governo municipal). O impacto sobre a sociedade, a relevância, o alcance e os desdobramentos do fato (WOLF, 2008) também são valores-notícia acionados. O produto relaciona duas matérias no “Leia Mais”, ambas com papel de expansão colateral do tema central. A primeira (linha 11) é do mesmo dia da publicação principal e a segunda (linha 12) é originalmente do dia anterior. Mesmo assim, ela agrega informação “quente”, pois traz a previsão do tempo para o dia seguinte, quando tornou-se link do “Leia Mais”. Logo, percebe-se a mixagem temporal, numa reorganização digital dos acontecimentos noticiosos.

A coleção de informações de um portal pode ser classificada e indexada para compor produtos digitais com direcionamento não linear, ativados pela ação do jornalista e do público em processos de acionamento da memória coletiva. Assim, os bancos ajudam a constituir e estruturar o espaço on-line em módulos narrativos, criando nova perspectiva de

³¹ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/grande-recife/noticia/2012/06/20/joao-da-costa-decretara-estado-de-alerta-no-recife-350016.php>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

aprofundamento da notícia e/ou de expansão de subtemas correlativos, como propõem Fidalgo (2007), com as camadas semânticas, e Canavilhas (2007b), com a pirâmide deitada, mesmo que essas estruturas não tenham sido plenamente visualizadas no *corpus*.

A gestão de conteúdo multimídia requer do webjornalismo atuação peculiar quanto ao manuseio dos sistemas técnicos e à rotina profissional para o completo aproveitamento dos recursos digitais. Releitura de linguagens, amadurecimento dos processos produtivos e estruturação das redações são elencados entre os principais fatores que influenciam a qualificação noticiosa no ciberespaço.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo desenvolvido na web integra um ramo ainda em evolução. Aspectos sociais e tecnológicos avivados no ambiente digital formulam procedimentos específicos para adequação e usufruto das peculiaridades da rede mundial de computadores, com destaque para a convergência midiática ativada por hiperlinks. Esta adequação está ligada a proposições de espaço simbólico ilimitado, instantaneidade, tempo real e caráter multimídia e multidirecional da WWW. Inserido nesta realidade, o webjornalismo recompõe estratégias para gestão da notícia e enfrenta os desafios da mudança.

Na web, a demarcação física cede lugar à simbologia do ciberespaço, no qual a combinação de pessoas, espaço e softwares (PRADO, 2011) cria um ambiente social mediado por computador, mas com alcance além da tela. O sentido de espacialidade transcende a geografia e renova-se socialmente com base na imaterialidade. A medição de distâncias é desterritorializada e passa a ser pensada em “cliques” e na velocidade da banda de conexão de internet, inclusive para fins de comunicação.

A sociedade conectada torna-se global. Aproxima-se de um estado líquido, fluido, em um desprendimento da solidez característica da industrialização e urbanização dos séculos XVIII, XIX e XX, na Europa e nos Estados Unidos, base do modo de produção capitalista (BAUMAN, 2001). O poder, antes manifestado na solidez espacial das fábricas e das cidades edificadas, é transferido para a mobilidade extraterritorial característica da elite econômica e cultural, numa vivência associada ao tempo e ao capital, o qual acompanhou as variações sociais sem perder a sua hegemonia.

No ambiente globalizado da web, constituem-se redes de informação em fluxo baseadas na temporalidade simultânea e instantânea, que tentam igualar o tempo dos fatos ao momento da enunciação à sociedade. As redes informacionais também desarticulam a espacialidade física e sugerem a transmissão tecnológica de dados em sequências intencionais e programáveis, sob manutenção dos atores sociais dominantes das estruturas econômica, política e simbólica (CASTELLS, 1999a).

O conceito social de tempo ganha contornos de imediatismo com absorção pelo webjornalismo. Permanece o foco no presente, recortado em fragmentos noticiosos que filtram e ordenam os fatos em narrativas estruturadas, contudo de modo intensificado devido à cultura do tempo real. O “agora” passa a ser medido em segundos numa valorização extrema da velocidade como fetiche, por vezes, em detrimento do próprio conteúdo

(MORETZSOHN, 2002). A proposta de difusão instantânea de informações evidencia a efemeridade do discurso noticioso, consequência da velocidade de movimento do mundo e dos procedimentos de renovação regular da notícia jornalística, tais como periodicidade e construção de hábitos associados à fruição noticiosa, artifício percebido desde as leituras públicas em casas de café europeias do século XVIII (FRANCISCATO, 2005).

Na tentativa de acompanhar a velocidade do mundo social, a notícia se constrói sobre uma estrutura temporal transitória em concordância com a cultura profissional, adequação a procedimentos técnicos e estrutura das empresas de comunicação. A amplificação do discurso jornalístico na web aciona mecanismos simbólicos de renovação narrativa intrincados a fatores como fluxo contínuo de notícias, inserção ou manutenção de acontecimentos na agenda social, liberdade espacial e automatização da rotina profissional.

A cobertura jornalística das chuvas conduzida pelo portal NE10, em junho de 2012, levanta uma série de considerações que demonstram reflexos desse contexto, tanto no viés textual quanto no multimidiático. Regida pelas inquietações do problema de pesquisa, a análise de dados desvela indícios de que a qualidade do produto noticioso tenta harmonizar-se aos critérios catalogados por Canavilhas (2003), apesar da existência de lacunas nos quesitos da conformidade, com imperfeições quanto ao uso de fontes plurais e à profundidade dos fatos, e da adequação ao uso dos recursos do meio de comunicação, uma vez que os artifícios técnicos ainda não são plenamente utilizados. Da mesma forma, a qualidade observada nos produtos do *corpus* traz pontos de contato com a conceituação de Cerqueira (2010), como a responsabilidade social e o atendimento às demandas do público, mas ainda peca em questões como apuração, pluralidade e acompanhamento crítico das ações governamentais.

O reconhecimento da grandiosidade do ciberespaço e de suas potencialidades parece ser um dos maiores méritos da produção webjornalística factual, com destaque para a apropriação do hiperlink na montagem do quebra-cabeça digital. No entanto, a concretização de procedimentos convergentes ainda aparenta limitar-se por razões que incluem a tradição dos veículos *broadcasting*, sobrecarga dos profissionais e aceleração de ritmos produtivos baseados na instantaneidade, numa condução natural à superficialidade.

A temática avaliada mantém a lógica habitual da atividade jornalística, sendo ativada por valores-notícia costumeiros, como impacto sobre a população, proximidade, alcance, relevância, atualidade, notoriedade e desgraça humana, propriedades distribuídas por Wolf (2008) em valores substantivos (nas vertentes da importância e do interesse), critérios do produto, do público e da concorrência. A cobertura identifica-se também com as

características defendidas por Gomis (1991), com destaque para as aparições eloquentes, nas figuras de autoridades, e as explosões, traduzidas em catástrofes, situações caóticas e mortes.

No quesito contextualização, os produtos ainda apresentam lapsos na abordagem do “como” e do “porquê” dos acontecimentos, que estacionam nas demandas básicas do jornalismo para suprir os questionamentos primários do público. Este modelo pode ser útil para prestação de serviços à população em matérias sobre previsão do tempo, congestionamento, alagamento e outros aspectos que intercedam na rotina física das cidades com resultados de menor grau explosivo. Contudo, a relação fato-consequência descarta o real debate crítico e subjugam o contrato de conhecimento entre jornalista e público, mantendo a produção factual em patamar superficial e com capacidade transformadora limitada. Um exemplo marcante é a notícia sobre morte em meio às chuvas. Se destrinchasse as causas e aprofundasse ações preventivas, a notícia munir-se-ia de subsídios capazes de ativar a crítica e cobrança sociais que poderiam contribuir para evitar catástrofes futuras.

A contextualização, entretanto, não está totalmente ausente no *corpus*. Uma prova disso são matérias mais longas e bem elaboradas do NE10, que exigem mais tempo e esforço da equipe para a cobertura. Nesses casos, as informações contextuais e menos factuais estão dispostas ao longo dos textos de modo fracionado ou em intertítulos localizados nos parágrafos finais, sem o risco de cortes de edição motivados pela falta de espaço. Esse material fornece informações mais detalhadas que ajudam a compreender o panorama no qual se inserem os fatos, porém não aprofundam os dados ao ponto de suscitarem debates críticos veementes.

A dinâmica de difusão contínua da informação na WWW influencia a apresentação da notícia, sendo a fragmentação narrativa um aspecto recorrente da atividade webjornalística. Despreendida de limitações físicas, a cobertura factual tende a aumentar o número de fragmentos noticiosos a fim de atualizar dados, acompanhar o tempo real e renovar a agenda social. A análise do *corpus* identifica a previsão do tempo como uma das primeiras frações diárias dos fatos sociais, guiando o leitor do NE10 em dias de chuva.

São detectados, ainda, dois ciclos narrativos das chuvas envolvendo situações catastróficas e mortes, sendo um deles circular e, o outro, evolutivo. O primeiro é composto por oito produtos e relata três mortes ocorridas na Região Metropolitana do Recife (PE). Possui alto grau de repetição informativa, com pouca expansão de dados ao longo da cobertura e a reprodução de parágrafos completos de uma matéria à outra. Os hiperlinks distribuídos em meio aos textos escritos (palavras sublinhadas) ou abaixo deles (“Leia Mais”)

fecham o círculo noticioso, que serve mais à manutenção do discurso na agenda social do que ao aprofundamento dos fatos. Somente quatro dias depois das primeiras publicações, o portal traz uma nova abordagem dos acontecimentos, com testemunhos que mostram o lado humano da tragédia.

A segunda experiência episódica da narrativa jornalística é constituída por três produtos e discorre sobre um soterramento em João Pessoa (PB), que passa de tema coadjuvante no primeiro fragmento noticioso em que é citado à protagonista nos produtos seguintes, em um percurso evolutivo. O desenrolar dos fatos é acompanhado pela reportagem e os novos blocos informativos são publicados ao longo de dois dias seguidos, com bom aproveitamento do espaço digital e sem sobreposição de dados.

Os dois exemplos demonstram diferentes formas de uso do espaço digital, de acompanhamento em tempo real e de dinamização da narrativa fragmentada, sendo o segundo ciclo o mais próximo da racionalidade na produção desenvolvida na web. Em comum, ambos expõem a compilação de fatos sociais em linguagem jornalística, a vinculação ao presente, a atualidade e a falta de incursão crítica sobre as causas e os desdobramentos dos incidentes, numa indicação de baixa profundidade que pode distanciar-se de elementos constitutivos da qualidade da notícia.

É importante esclarecer que o ponto de vista exposto nesta pesquisa não defende a transformação do gênero notícia em reportagem para alcançar o aprofundamento jornalístico, e sim que a produção noticiosa diária atinja níveis qualitativos que ultrapassem o formato factual e fracionado que acoberta a superficialidade da produção cotidiana. Na web, esta possibilidade alia-se à multimidialidade, ao uso de hipermídia, à distribuição em camadas informativas e ao remodelamento da atividade produtiva das redações baseado na composição do produto multiplataforma e transmidiático, de modo a reconstituir a própria estrutura do material jornalístico.

O uso de fontes de informação também é fundamental ao aprofundamento da notícia. A construção de matérias a partir do relato de fontes ajuda a recompor as frações das múltiplas realidades sociais sob pontos de vista variados e, no modelo ideal, com posicionamentos distintos, o que nem sempre é evidenciado já que o confronto de vozes requer tempo para apuração e sagacidade do profissional. Na cobertura das chuvas pelo NE10, o elo entre repórter e fatos dá-se, na maior parte dos casos, por meio das fontes oficiais, um caminho rápido e seguro para a produção noticiosa em tempo real na web.

Os definidores primários ajustam-se à estrutura produtiva das redações, equilibram o discurso, ostentam credibilidade e sustentam a imparcialidade buscada pelo jornalismo diante de situações controversas (HALL et al., 1999), tornando-se peças importantes na construção da notícia. Por outro lado, conduzem o discurso de forma unidirecional e monofônica que resulta na formação de uma realidade social orientada por interesses específicos. Ao focar consequências do deslizamento de barreira, por exemplo, pouco se discute sobre ações preventivas, mascarando a omissão do governo diante de problemáticas referentes à moradia e à segurança da população. O contraponto poderia ser encontrado junto a especialistas desvinculados da visão institucional, o que não é percebido nos produtos do *corpus*.

As fontes não oficiais surgem como testemunhas e personagens, sendo observado forte cruzamento com as redes sociais. Cidadãos comuns que vivenciam as adversidades cotidianas interagem com a redação através do envio de dados escritos e imagens, principalmente via Twitter. Evidenciam-se a difusão multidirecional peculiar ao ambiente web e a produção colaborativa, numa quebra hierárquica entre emissor e receptor que permite maior interação entre produtor institucionalizado e usuário individual (ALVES, 2006).

O direcionamento multimidiático da análise também confirma a experimentação ainda em curso do webjornalismo. A aceleração do ritmo produtivo e o compromisso com o fluxo contínuo de difusão da notícia são percebidos na simplificação de grande parte do material estudado, com predominância de textos escritos sem aporte de outros recursos digitais. A aproximação com a convergência aparece em forma de fotografias, vídeos e áudios – os dois últimos pouco adotados – que acompanham matérias grafadas a fim de aprofundá-las, expandi-las e/ou associá-las a produtos relacionados.

O hiperlink é, sem dúvida, um dos trunfos tecnológicos da amarração entre linguagens e plataformas digitais. Ele é o responsável pela estruturação do espaço on-line em camadas informativas e pela colagem temporal não linear e híbrida que desarticula padrões históricos e cronológicos dos acontecimentos (CASTELLS, 1999a). A hipermídia amplia a significação do produto ao entrelaçar materiais distintos em diferentes níveis de acesso, fomentando a leitura associativa.

Dois mecanismos dinamizados pela reestruturação espaço-temporal proporcionada pelo hiperlink, no *corpus* desta pesquisa, são as palavras “linkadas” ao longo dos textos e o item “Leia Mais”, cujas funções variam entre a expansão correlata da notícia principal e o aprofundamento dela. Ao articular e organizar fragmentos jornalísticos publicados em horários e/ou dias diferentes, o hiperlink alça o passado ao tempo presente, renova o discurso

mediático e cria redes multidimensionais de dados com vários percursos de leitura ativados pelo internauta (CANAN, 2012).

O êxito da cadeia de links de um produto jornalístico necessita não apenas do domínio técnico, mas também de qualidade traduzida na organização coerente e coesa das fatias noticiosas que compõem o conjunto digital. Da Camada Genérica à de Detalhamento (BRASIL..., 2010), é imprescindível a atuação do profissional para concatenar os dados de modo a garantir ao internauta o bom entendimento dos fatos relatados, mesmo que ele abandone o percurso proposto pelo jornalista antes de completá-lo.

Nesta conjuntura, atua o banco de dados. Ele é essencial para alimentar a série informativa apresentada pela seção do tipo “Últimas”, pois remete ao arquivo do portal para expandir, associar ou aprofundar materiais fragmentados no ciberespaço, como visto no NE10. É fator constituinte da hibridização espaço-temporal da web e da memória coletiva, podendo ser acionado pelo repórter, durante a produção e estruturação do produto, e pelo internauta, que decide o que ler dentre as opções apresentadas na forma de links para gravações visuais, sonoras e matérias anteriormente publicadas. Os itens organizados em bancos de dados são o bilhete de acesso aos conjuntos estruturados na rede mundial de computadores, deixando em segundo plano a narrativa meramente sucessiva de ações (MACHADO, 2007).

Os resultados gerais obtidos mediante apreciação do *corpus* conduzem à validação das hipóteses desta pesquisa. A cultura do tempo real e a publicação em fluxo contínuo aceleram os ritmos produtivos, reforçam a instantaneidade da difusão noticiosa e podem cooperar com a simplificação da cobertura jornalística distanciada do modelo de aprofundamento identificado no referencial teórico, o qual se baseia no aproveitamento dos nós hipermidiáticos para a organização das camadas noticiosas e na multimidialidade capaz de remodelar a organização narrativa. Como defende Franciscato (2005), as tecnologias de transmissão, edição e acesso à informação na rede são importantes mecanismos para a ampliação da capacidade informativa e contextual dos fatos.

Junto a isso, o arquétipo do profissional multitarefa nas redações tende a inibir procedimentos que exigem mais tempo e maior dedicação do repórter, como a apuração detalhada, a busca por fontes diversificadas, a interpretação dos fatos, a elaboração da matéria e a formulação do roteiro multimídia. Assim, o acúmulo de tarefas, somado ao curto período de execução, pode incompatibilizar a total aplicação dos recursos da web.

A herança dos meios de comunicação *broadcasting* também interfere na apresentação da notícia digital. A base estrutural dos textos escritos analisados ainda é constituída pelo tradicional *lead* e demais características da pirâmide invertida, embora a liberdade espacial da web e a versatilidade do hiperlink permitam a não linearidade e a distribuição modular de conteúdos convergentes aprofundados também nessa estrutura. Os horizontes abertos pela pirâmide deitada de Canavilhas (2007b), pela medição da resolução semântica apresentada por Fidalgo (2007), pelo ideal de “jornalismo contextualizado” de Pavlik (2001) ou mesmo pelo protótipo das camadas informativas defendidas pela Cartilha de Redação Web do Governo Federal (BRASIL..., 2010) ainda precisam ser experimentados e adequados à realidade das redações e à atividade cotidiana na web.

Embora seja inviável edificar, a partir deste estudo, um cenário estável sobre a produção de conteúdo na web, há algumas constantes: as tendências rumam à interação com o público, à produção colaborativa e multidirecional e à liberdade de fruição do produto oferecido ao internauta, em alusão à personalização. O eu-centrismo da comunicação digital (ALVES, 2006) destaca a vontade individual do usuário, que decide o momento, o local e o tipo de informação que irá consumir.

A postura ativa do internauta revela também sua pretensão como produtor, ainda que sejam visíveis as limitações impostas pela estrutura midiática institucionalizada. A estandardização dos Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos e de equipamentos de gravação audiovisual munuiu o usuário com meios de produção da informação, renovando o contrato social de conhecimento entre mídia e cidadão, além de tentar quebrar o monopólio do sistema empresarial. Ao participar da agenda social coletiva, o público aproxima-se dos modelos deliberativos de mobilização e de iniciativa externa, evidenciados por Habermas (1997), numa ativação da esfera pública digital. Desconsiderar a abertura de canais de comunicação entre jornalista e internauta pode significar a evasão do público à procura de um papel ativo na rede mundial de computadores.

Outro indicativo de interferência está na organização produtiva do webjornalismo. Montar redações com estruturas material e humana pode ser um dos caminhos para o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis no mundo digital. A apreensão do *know how* segue a passos largos, porém sem profissionais nem infraestrutura é improvável pôr em prática tudo que o jornalismo digital tem a oferecer para fins de aprofundamento e qualificação da notícia.

A produção webjornalística factual vive, ainda, um paradoxo alavancado pela própria constituição espaço-temporal da rede: de um lado, o desprendimento espacial derruba

restrições físicas e perpetua possibilidades de aprofundamento livres das limitações do papel e das programações fixas da radiodifusão. Em oposição, a cadência acelerada do tempo real torna-se vilã natural do aprofundamento, pois a redução do tempo produtivo conduz à superficialidade noticiosa.

A atual fase produtiva mostra vácuos no trato com a informação que podem interferir negativamente no aprofundamento e na qualidade da notícia factual, mas também ressalta interessantes ações interativas e convergentes, protagonizadas por portais de notícias como o NE10, especificamente com a disponibilização de dados bem apurados, vídeos, áudios e a comunicação com o público através das redes sociais. Estabelecidas as bases, o desafio é tornar regra as iniciativas particulares vislumbradas na web, sem clichês utópicos nem disruptivos. O uso pleno dos artifícios textuais e digitais, propulsores da qualidade da notícia, precisa vencer barreiras empresariais e editoriais, promover uma releitura das tradições profissionais de modo a combinar antigas e novas características da atividade jornalística e originar novos resultados comunicativos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação de massas. IN: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

AGUIAR, Leonel. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. IN: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis: Vozes, 2009.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.

ALVES, Rosental Calmon. Jornalismo digital: dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 9, n. 10, p. 93-102, 2006. Disponível em: <<http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/comsoc/article/view/1157/1100>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. IN: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. IN: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido: a orientação do homem moderno**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004b.

BORGES, Rosane da Silva; BUZALAF, Márcia Neme. Espaço e design do jornalismo impresso na contemporaneidade: confluências com o jornalismo digital na web 3.0. IN: **Anais do I Congresso**

Mundial de Comunicação Ibero-Americana – Confibercom. ST 08 – Jornalismo. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/317.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão.** Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Logística e Tecnologia da Informação. **Padrões Web em Governo Eletrônico:** cartilha de redação web. Versão 1.1. Brasília: MP, SLTI, 2010. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/padroes-brasil-e-gov-cartilha-de-redacao-web/view?searchterm=padr%C3%B5es%20brasil%20e-gov>>. Acesso em: 02 set. 2013.

BREED, Warren. Controlo social na redacção. Uma análise funcional. IN: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

CANAN, Adriane. A não linearidade do jornalismo digital. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermídia:** as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CANAVILHAS, João. Texto inteligente e qualidade (quase) zero. IN: CORREIA, João Carlos; FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). **Informação e comunicação online:** mundo online da vida e cidadania. V. 3. Covilhã: LabCom, 2003. [e-book]. 3 v. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-correia_fidalgo_serra_ico3_mundo_cidadania.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2013.

_____. **Webnoticia:** Propuesta de modelo periodístico para la WWW. Covilhã: LabCom, 2007a. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110823-canavilhas_webnoticia_final.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2012. (Série: Estudos em Comunicação)

_____. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. IN: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** Covilhã: LabCom – Universidade da Beira Interior, 2007b. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** Tradução de Roneide Venâncio Majer. Atualização para 6ª edição de Jussara Simões. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1)

_____. **O Poder da Identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999b. (A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 2)

CASTILHO, Carlos; FIALHO, Francisco. O jornalismo ingressa na era da produção colaborativa de notícias. IN: RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line:** modos de fazer. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio; Porto Alegre: Sulina, 2009.

CERQUEIRA, Luiz Augusto Egypto de. **Qualidade jornalística**: ensaio para uma matriz de indicadores. Indicadores da Qualidade da Informação Jornalística – Comunicação e Informação. Brasília: Unesco, 2010. Nº 6. (Série Debates CI). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189918por.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

CORREIA, João Carlos. Novo jornalismo: CMC e esfera pública. IN: CORREIA, João Carlos; FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). **Informação e comunicação online**: mundo online da vida e cidadania. V. 3. Covilhã: LabCom, 2003. [e-book]. 3 v. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-correia_fidalgo_serra_ico3_mundo_cidadania.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2013.

EDO, Concha. El language y los géneros periodísticos en la narrativa digital. IN: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: LabCom – Universidade da Beira Interior, 2007. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação)

_____. A hipermídia entrelaça a sociedade. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FIDALGO, António. A resolução semântica no jornalismo online. IN: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: LabCom – Universidade da Beira Interior, 2007. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Coleção Cibercultura)

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. IN: **Anais do XI Compós**. GT – Estudos de Jornalismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_713.pdf>. Acesso em: 15 set. 2011.

_____. **A Fabricação do Presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; TORRES, Dijna Andrade; SANTOS, Getúlio Cajé dos. Tecnologia e desenvolvimento na produção jornalística. IN: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos A. (Orgs.). **Produção e Colaboração no Jornalismo Digital**. Florianópolis: Insular, 2010.

GARRISON, Bruce. O uso de e-mail na busca de notícias. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. IN: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Os Quadros da Experiência Social**: uma perspectiva de análise. Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del Periodismo**: cómo se forma el presente. Guanajuato: Paidós, 1991.

GOSCIOLA, Vicente. A linguagem audiovisual do hipertexto. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GUERRA, Josenildo Luiz. Monitoramento de Cobertura e Produção Experimental Monitorada: pesquisa aplicada voltada para a qualificação de produtos e processos jornalísticos. IN: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e Vidraça**: crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Covilhã: LabCom, 2010. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20101103-christofoletti_vitrine_2010.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia**: entre facticidade e validade. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. V. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Pensamento Pós-Metafísico**: estudos filosóficos. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. (Biblioteca Tempo Universitário nº 90: Série Estudos Alemães)

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R. Kothe. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário nº 76: Série Estudos Alemães)

HALL, Stuart. El Trabajo de la Representación. Tradução para o espanhol de Elías Sevilla Casas. IN: HALL, Stuart (Ed.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage Publications, 1997.

_____. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. IN: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção TRANS)

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS)

MACHADO, Elias. A Base de Dados como espaço de composição multimídia. IN: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã: LabCom – Universidade da Beira Interior, 2007. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.

MAIA, Benira. **Entrevista para Dissertação de Mestrado**. 2013. Entrevista concedida por e-mail a Ana Célia S. de Sá Leitão. Recife: 15 dez. 2013.

MARTINEZ, Adriana Garcia. A construção da notícia em tempo real. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermissão**: as novas ferramentas da comunicação digital. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução de Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MATTELART, Armand e Michèle. **História das teorias da comunicação**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

NE10: nasce o novo portal do SJCC. **JC Online**, Recife, 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/tecnologia/noticia/2011/03/18/ne10-nasce-o-novo-portal-do-sjcc-261757.php>>. Acesso em: 10 set. 2011.

NOJOSA, Urbano Nobre. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. IN: FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. IN: FIDALGO, António; SERRA, Joaquim Paulo (Orgs.). **Informação e Comunicação Online (Volume I): jornalismo online**. Covilhã: LabCom – Universidade da Beira Interior, 2003. [e-book]. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf>. Acesso em: 01 out. 2013. (Coleção: Estados da Arte)

PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154>>. Acesso em: 30 set. 2013.

ROCHA, Heitor Costa Lima da; MARROQUIM, Rafael Salviano Marques. O Papel do Jornalismo no Processo Democrático: a ética do discurso como essência da democracia deliberativa. **Estudos em Comunicação**, Covilhã, n. 9, p. 143-160, 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. IN: FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el encuadre de las noticias – el binômio terrorismo-medios**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHWINGEL, Carla. A produção de conteúdos no ciberespaço: sistemas de gerenciamento de conteúdos. IN: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos A. (Orgs.). **Produção e Colaboração no Jornalismo Digital**. Florianópolis: Insular, 2010.

SCOLARI, Carlos. **Hipermediaciones**: Elementos para una Teoría de la Comunicación Digital Interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

_____. This is the end. Las interminables discusiones sobre el fin de la television. IN: CARLÓN, Mario; SCOLARI, Carlos (Orgs.). **El fin de los medios masivos**: el comienzo de un debate. Buenos Aires: Ediciones La Crujía, 2009.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5931/5402>>. Acesso em: 15 set. 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUC-RS. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. V. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005. 2 v.

_____. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. V. 2. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 2 v.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

VIRILIO, Paul. **O Espaço Crítico** – e as perspectivas do tempo real. Tradução de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. (Coleção TRANS)

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A Construção do Real no Telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. IN: VIZEU, Alfredo (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WHITE, David Manning. O *gatekeeper*: uma análise de caso na selecção de notícias. IN: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de massa**. Tradução de Karina Jannini. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A JORNALISTA BENIRA MAIA, EDITORA DO PORTAL NE10

Data: 15 de dezembro de 2013.

Entrevista concedida por e-mail.

Ana Célia de Sá (ACS) – Na sua opinião, o que é qualidade jornalística?

Benira Maia (BM) – Fazer o trabalho a que se propõe bem feito, ou seja, no caso do texto, escrever corretamente, saber o que é *lead*, saber extrair as melhores respostas, fazer as melhores perguntas. Ser curioso.

ACS – Quais são os principais recursos na promoção do aprofundamento informativo?

BM – Depende para qual mídia é o trabalho. No caso de TV e rádio, por exemplo, concisão é superimportante. Em impresso, é importante, mas não tanto. Para internet, é importante sim, mas é possível aprofundar profundamente o assunto com links e, principalmente, com outros textos, vídeos, fotos, infográficos.

ACS – Quais são os critérios de noticiabilidade normalmente considerados na seleção de acontecimentos?

BM – O que está mais perto de onde moramos, o impacto daquele assunto, uma notícia histórica (por exemplo, deixamos quase 24 horas numa das fotos principais do portal a foto da sonda chinesa na lua – ok, poderia ser uma notícia que estava velha, mas é um momento histórico), a relevância da pessoa de quem faz/diz algo.

ACS – Como o webjornalista deve contextualizar os acontecimentos em uma matéria factual?

BM – “Linkando” para outras, apontando links para aprofundar o assunto e trazendo algo extra, como foto, vídeo.

ACS – O que mudou na produção de notícias na web em comparação aos meios de comunicação de massa tradicionais (impresso, rádio e televisão)?

BM – Principalmente, a velocidade da informação e a possibilidade de compartilhar esta informação e disponibilizá-la para o mundo todo. Sou da teoria que notícia deve ser feita com qualidade em todo lugar – web, rádio, TV, impresso. E, quanto à forma, não vejo tanta diferença assim em relação à web, mas a web abre fronteiras e amplia possibilidades. Mas algo bom pode e deve ser bom em qualquer lugar. Uma pessoa que faz um texto bom para o impresso fará o mesmo texto bom para web. São só pequenas adaptações.

ACS – Como aprofundar a notícia e agregar qualidade informativa ao webjornalismo factual?

BM – Trazendo infográfico, mais fotos, aprofundando o assunto.

ACS – Qual é a proposta do portal NE10?

BM – Mostrar notícias de Pernambuco, do Nordeste, do Brasil e do mundo.

ACS – Quantos funcionários integram a equipe do NE10 e que cargos ocupam?

BM – Cerca de 30, entre jornalistas profissionais, estagiários, blogueiros próprios e webdesigners (dois). Temos correspondentes em quatro estados (CE, RN, PB e BA).

ACS – Qual é o número de acessos diários e/ou mensais do portal?

BM – Média de 40 milhões de *pageviews*/mês e cinco milhões de visitantes únicos/mês.

ACS – Como é a rotina de trabalho da redação do NE10?

BM – Começa, de segunda a sexta, às 6h30 e vai, em média, até 1h. No final de semana, começa-se, em média, às 8h30, e vai até cerca de 23h.

ACS – Que tarefas os profissionais de jornalismo desempenham durante a cobertura de uma pauta?

BM – Apuram, tiram foto, fazem vídeo, escrevem, pensam em infográfico.

ACS – Como é feita a apuração?

BM – Rua, telefone, release, fontes.

ACS – Como são escolhidas as fontes de informação?

BM – Depende do caso.

ACS – Qual é a proposta da seção “Últimas Notícias”?

BM – Trazer as últimas notícias que apuramos.

ACS – O conceito de tempo real, popularizado pela web, interfere na produção jornalística do NE10?

BM – Sim, temos produção em tempo real, a exemplo do Cidade Viva.

ACS – Existe uma preocupação com a divulgação noticiosa em tempo real no NE10?

BM – Sim.

ACS – Diante da instantaneidade da web, como se configura o ideal do “furo” jornalístico?

BM – Ter uma notícia em primeira mão – bem apurada.

ACS – A atualização de notícias em fluxo contínuo, característica comum aos portais jornalísticos, contribui com a fragmentação discursiva?

BM – Um pouco. Mas isso não impede que tenhamos uma produção completa. Depende da notícia e de recursos humanos.

ACS – Como aliar velocidade e qualidade noticiosa?

BM – Saber escolher o trigo em meio a joios.

ACS – A proposta de espaço ilimitado da web interfere na concepção de pautas e na elaboração de matérias?

BM – Um pouco – há jornalistas que acham que a paciência do internauta não tem limite [risos].

ACS – Há um padrão de tamanho para matérias publicadas na seção “Últimas Notícias” do NE10?

BM – Não forçamos um padrão. Mas uma matéria com cinco parágrafos, creio, é de bom tamanho. Mas também depende da relevância, do texto e da quantidade de outros formatos que tenhamos nela.

ACS – De que maneira a equipe do portal realiza a cobertura noticiosa das chuvas?

BM – Rua, parceria com outros veículos do SJCC [Sistema Jornal do Commercio de Comunicação], internautas.

ACS – Quais são os desafios da prática da convergência midiática no webjornalismo factual?

BM – Extrair o melhor de cada mídia com o objetivo de disponibilizar o resultado para o internauta.

ACS – De que maneira são utilizados os recursos fotográficos, gráficos e audiovisuais em matérias factuais produzidas pelo NE10?

BM – Dentro das matérias, galerias, vídeos.

ACS – Quais são os critérios de uso do hyperlink em matérias factuais, particularmente nos itens do tipo “Leia Mais” e em palavras “linkadas” que conduzem a outras matérias?

BM – No meio da matéria, acho interessante porque leva logo ao assunto anterior – já coberto com certa profundidade. Também no “Leia Mais”. E, embaixo das matérias, leva a uma série geral sobre notícias do mesmo assunto anteriores e correlatas. O critério? Ideal que tenha em todas, deixando ao internauta o direito de escolha.

ACS – Quando e como o banco de dados do portal NE10 é acionado?

BM – Sempre. De dez em dez minutos.

ACS – Quem é o público do NE10?

BM – Especialmente pernambucanos ou pessoas com interesse em Pernambuco e Nordeste.

ACS – Qual é o papel do internauta na produção jornalística desenvolvida na web?

BM – Cada vez maior, através do app comuniQ e do Facebook.